

" Caminhando com Inácio... para Roma. "



Percorrer a oficina espiritual inaciana de 1523 com o P. Josep Lluís Iriberry, sj.

Livro de Peregrinos - Verdú a Roma

Conteúdo

1.	Canto dos Peregrinos.....	1
2.	Planeamento: 18 dias de peregrinação com Inácio	1
3.	Compreender a nossa peregrinação.....	3
3.1.	Ser peregrino.....	3
3.1.1.	Em peregrinação.....	3
3.1.2.	Inácio de Loyola: o peregrino.....	3
3.1.3.	O MAGIS (mais) de Inácio na nossa peregrinação.....	4
3.1.4.	Como viver o MAGIS (o mais) hoje?	4
3.2.	Princípios inspiradores.....	5
3.2.1.	Peregrinos com Cristo no mundo e caminhando juntos	5
3.2.2.	Experiência - onde o encontro tem lugar.....	5
3.2.3.	Cinco Pilares.....	5
4.	Reunião introdutória.....	7
5.	Orações comuns.....	10
6.	Guia de Oração para o Caminho Inaciano.....	11
7.	Orações quotidianas. Diário espiritual de Verdú a Roma	12

Apêndice

Peregrinação às Sete Igrejas em Roma	54
A Roma Inaciana	66
Vigília de Nossa Senhora, após Inácio	69

1. Peregrinos Canção

"A Canção do Servo"

Irmão, irmã, deixa-me servir-te.
Deixai-me ser como Cristo para vós.
Reza para que eu tenha a graça de te
deixar ser meu servo também.

*Somos peregrinos numa viagem.
Somos companheiros de viagem.
Estamos aqui para nos ajudarmos
uns aos outros
Percorrer a milha e partilhar a carga.*

Eu segurarei a luz de Cristo para ti
Na noite do teu medo.
Estenderei a minha mão para ti;
Falarei a paz que desejas ouvir.

Chorei quando estiveres a chorar.
Quando te rires, rir-me-ei contigo.
Partilharei a tua alegria e a tua tristeza
Até ao fim desta viagem.

Quando cantarmos a Deus no céu,
Encontraremos essa harmonia
Nascido de tudo o que conhecemos
juntos Do amor e da agonia de
Cristo.

Irmão, irmã, deixa-me servir-te.
Deixai-me ser como Cristo para vós.
Reza para que eu tenha a graça de te
deixar ser meu servo também.

Richard Gillard, Nova Zelândia 1976

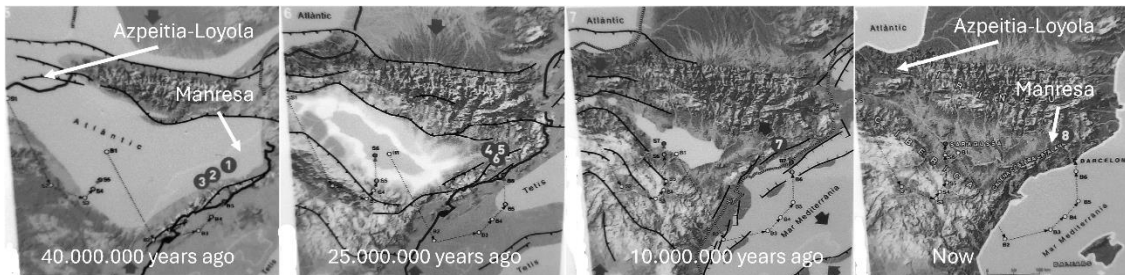
2. Planeamento: 18 dias de peregrinação com Ignatius.

Data	Etapa		Pequeno-almoço	Almoço	Jantar	Alojamento - dormir à noite	Actividades
28 de março Sexta-feira	Reunião em Barcelona.				Casa de retiros - Religiosas de María Inmaculada	Religiosas María Inmaculada - Claretianas, C/ Major de Sarrià 169, Tel: +34 932037212	Os peregrinos vão chegando ao longo do dia. Se precisar de ajuda, dirija-se ao Gabinete dos Peregrinos. 19:00 Primeira reunião. Os peregrinos compram comida para o próximo almoço em Verdú
29 de março	Bellpuig - Verdú	12	Religiosas de María Inmaculada	No Abrigo do Peregrino - Verdú. Por conta própria.	Restaurante Magic's	Abrigo do Peregrino Santo Pedro Claver 687 095 070	Autocarro privado de Barcelona para Bellpuig. Início da caminhada. Visita ao Santuário de São Pedro Claver. Transporte privado para a bagagem daqui até Barcelona.
30 DOMINGO Mudança para hora de verão	Verdú - Cervera	18	Restaurante Magic's	Albergue do Peregrino Sagrada Família	Albergue do Peregrino Sagrada Família	Albergue do Peregrino Residencia Religiosas Sagrada Família, Calle Mayor, 57. 973 530 805.	Visita guiada ao centro histórico de Tàrraga e à igreja de Cervera.
31	Cervera - Jorba	33	Residência Sagrada Família	Bar La Panadella (sanduíche)	Refúgio São Tiago	Albergue do Peregrino Santo James Plaza de la Fuente, 3, 93 809 41 01	
1 de abril	Jorba - Montserrat	18	Refúgio São Tiago	Refúgio São Tiago Almoço embalagem	Montserrat	Albergue do Peregrino Abat Oliva, Montserrat	Autocarro para encurtar o passo. Oração dos monges em 6:45 PM.
2	Montserrat		Albergue do Peregrino Abat Oliva	Restaurante em Abad Oliva Montserrat	Restaurante Abad Oliva, Montserrat	Albergue do Peregrino Abat Oliva, Montserrat	11h Missa no mosteiro. 21:45h Vigília de Nossa Senhora - Santo Inácio. Os peregrinos podem s u b i r ao cimo da montanha se assim o desejarem. Dia livre. Visita ao Museu de Arte Religiosa.
3	Montserrat - Manresa	25	Albergue do Peregrino Abat Oliva	Bar Castellolí, (sanduíche)	Casa de retiro - Casa de Espiritualidade SJ - La Cova	Casa de Espiritualidade SJ - La Cova, Camí de la Cova, 17. 938 720 422.	Visita ao Santuário de La Cova
4	Manresa		Casa de Espiritualidade SJ - La Cova	Casa de Espiritualidade SJ - La Cova	Casa de Espiritualidade SJ - La Cova	Casa de Espiritualidade SJ - La Cova	7:45 Visita à Cruz da Torta e ao Poço de Luz. Visita a Manresa Inaciana. Dia livre para actividades pessoais retiro. Descontraír.

5	Manresa - Castellbell i el Vilar	21	Casa de Espiritualidade SJ - La Cova	La Cova Lunch pack	Casa de Espiritualidade SJ - La Cova	Casa de Espiritualidade SJ - La Cova	Caminhada até à Pont de Vilomara. No final da etapa, apanhamos o comboio de regresso a Manresa, e recomeçamos a viagem de comboio na manhã seguinte
6 DOMINGO	Castellbell i el Vilar - Terrassa	25	Casa de Espiritualidade SJ - La Cova	La Cova Lunch pack	Abrigo de Peregrinos Valldeparadis Terrassa	Abrigo dos peregrinos Valldeparadis Terrassa	Levar um pequeno saco com tudo o que é necessário para duas etapas. Deixar toda a bagagem pronta em Manresa para ser conduzido diretamente a Barcelona.
7	Terrassa - Barcelona	33	Abrigo de peregrinos Valldeparadis Terrassa	Almoço l i v r e no Bar Viena Sant Cugat	Religiosas de Maria Inmaculada	Religiosas de Maria Inmaculada	Autocarro dentro da cidade
8	Barcelona		Religiosas de Maria Inmaculada	Por conta própria	Religiosas de Maria Inmaculada	Religiosas de Maria Inmaculada	Visita à Igreja da Sagrada Família de Gaudí. Visita a Barcelona por conta própria. Compre comida para o seu próximo almoço.
9	Barcelona - Sutri		Religiosas de Maria Inmaculada	Almoço por conta própria	Restaurante em Sutri	Residência em Sutri	Voo de Barcelona para Roma-Fiumicino. Autocarro privado de Fiumicino para Sutri. Trazer algo para comer durante a viagem. Passeio a pé por Sutri (pequena cidade). Visitar as ruínas romanas. Comprar comida no supermercado para o dia seguinte dia.
10	Sutri - Campagno di Roma	25	Peregrino Albergue em Sutri	Almoço no caminho (por conta própria)	Massa num bar em Campagno di Roma	Albergue do Peregrino em Campagno di Roma	Passeio a pé por Campagno. Comprar comida no supermercado para o dia seguinte dia.
11	Campagno di Roma - La Storta	24	Num bar em Campagno	Almoço no caminho (por conta própria)	Residência de Nossa Senhora do Sacro Cuore em La Storta	Residência Nossa Senhora do Sacro Cuore em La Storta	À tarde, missa em La Storta. Compra de alimentos no supermercado para no dia seguinte.
12 SÁBADO	La Storta - Roma	22	Residência Nossa Senhora do Sacro Cuore em La Storta	La Siciliana Bar em Roma	Por conta própria	Gesù Hostel em Roma	Passear pela cidade. Comprar alguns alimentos para o próximo pequeno-almoço e almoço.
13 DOMINGO DE PALMAS	Roma	22	Gesù Hostel em Roma por nossa conta	Na Basílica de S. Paulo, pode comprar algo para comer na sua próprio	Pizza no restaurante Rosso Pomodoro	Gesù Hostel em Roma	A peregrinação das 7 igrejas da cidade de Roma. Comprar algo para o próximo pequeno-almoço e jantar.
14	Roma	10	Gesù Hostel em Roma por nossa conta	Última refeição juntos: Massa em "Primizia san Giovanni"	Por conta própria	Gesù Hostel em Roma	De manhã, Roma inaciana e missa final no Gesù. Tarde livre - noite. Comprar algo para o próximo pequeno-almoço.
15	Voo de regresso a casa	0	Gesù Hostel em Roma por nossa conta	Visita livre em Roma ou voo de regresso a casa			

Caminhemos com Inácio, vivendo o Momento Presente!

"O momento presente é, pois, como um deserto, onde a alma simples só vê Deus, e Ele o goza, sem se ocupar de outra coisa que não seja o que Ele quer dela: tudo o mais é deixado de lado, esquecido, abandonado à Providência." *Jean-Pierre de Caussade sj. (+1751)*



O Caminho Inaciano sob o Oceano.

Ao iniciarmos esta viagem espiritual

Rezemos juntos esta oração de Santo Anselmo de Cantuária, que ele dirigiu a Deus ao iniciar uma das suas obras teológicas:



Ensina-me a procurar-te,
e revela-te a mim como eu procuro,
porque se não me instruíres
Não posso procurar-te,
e se não te revelares, não te
posso encontrar.
Que eu te procure ao desejar-te;
que eu te deseje ao procurar-te.

Deixa-me encontrar-te ao amar-te;
deixa-me amar-te ao encontrar-te.

3. Compreender a nossa peregrinação

(Adaptamos o texto e retiramos as ideias e a metodologia do "Livro Vermelho" da experiência jesuíta MAGIS 2011)

3.1. Ser um peregrino

3.1.1. Ir em peregrinação

Um peregrino é alguém que empreende uma longa viagem com um motivo sagrado ou espiritual. Os peregrinos viajam frequentemente através de terras estrangeiras, em direção a lugares que têm um significado religioso. As grandes religiões têm os seus peregrinos e os seus locais de peregrinação. O Corão exige que os muçulmanos se desloquem a Meca uma vez na vida, se possível. Os judeus e os cristãos deslocam-se a Jerusalém e visitam a Terra Santa. Outros destinos tradicionais de peregrinação para os cristãos são Roma, Cantuária ou Santiago de Compostela. Alguns santuários marianos são também objectivos de peregrinação, como Fátima em Portugal (5 milhões de peregrinos por ano!), onde a Virgem Maria apareceu a três jovens pastores, Lourdes em França (7 milhões de peregrinos por ano!), Walsingham em Inglaterra e Czestochowa na Polónia. E muitos jovens, nas últimas décadas, encontraram em Santiago de Compostela (3 milhões de peregrinos) ou em Taizé, em França, um outro ponto-chave para a sua busca espiritual.

Ser peregrino e ir em peregrinação são metáforas para o caminho espiritual que cada pessoa faz durante a sua vida. Como seres humanos, percorremos um caminho interno em direção a Cristo e um caminho externo que nos leva, todos os dias, em direção aos outros. Santo Agostinho exprime-o bem quando diz: "O nosso coração está inquieto enquanto não repousa em ti". Na Autobiografia, Santo Inácio chama-se a si próprio "o peregrino" e descreve-se como aquele que procura o seu conforto e a sua força apenas em Deus.

Ser peregrino requer coragem - a coragem de deixar o familiar para o desconhecido. O peregrino deve confiar em Deus ao encontrar novos lugares e novas pessoas ao longo do caminho. Ser peregrino é difícil. É preciso percorrer longas distâncias. Tem poucos bens e leva pouca bagagem. Pode deparar-se com o inesperado e ter de enfrentar dificuldades. Na sua peregrinação, vai encontrar-se constantemente com outras pessoas. A partilha e o apoio mútuo são uma grande ajuda para transformar estranhos em companheiros. Deus faz-se presente através das pessoas que o peregrino encontra no seu caminho. O peregrino deve estar atento aos sinais, atento para reconhecer a presença e a orientação de Deus em inúmeros pequenos pormenores do caminho.

E assim, o "Caminho Inaciano" pretende ser uma peregrinação, partilhada por anciãos e jovens de todo o mundo, que empreendem, juntos, uma viagem espiritual.

3.1.2. Inácio de Loyola: o peregrino

Inácio de Loyola nasceu em 1491. Era o filho mais novo de uma grande família da nobreza basca (era o 13º filho). Durante a sua infância, foi educado nos ideais da cavalaria medieval: honra, fama e bravura. Aos 30 anos, o seu joelho direito foi destruído por uma bala de canhão, pondo assim termo à sua carreira militar. O processo de recuperação durou meses e exigiu operações dolorosas. Perante a possibilidade de morte e de fracasso durante este processo, Inácio, convalescendo na torre da família

Na casa de Loyola, começou a refletir sobre o seu passado e a pensar no futuro. Começou a sentir Deus de uma forma nova e teve as suas primeiras intuições sobre os diferentes espíritos - os movimentos interiores de Deus na sua alma. A vida dos santos deixou-o fascinado e, pouco a pouco, apercebeu-se da necessidade de orientar a sua vida para a maior glória de Deus. Inácio tornou-se um peregrino. Permaneceu quase um ano em Manresa, perto de Montserrat, em oração e penitência. Mergulhou nas profundezas da experiência humana, que incluiu uma profunda depressão, remorsos pela sua vida passada, ao ponto de ter pensamentos suicidas. No entanto, durante este tempo, Deus guiava-o e ele percebeu que a vida que Deus nos dá não tem nada a ver com grandes feitos heróicos, mas sim com paz, equilíbrio, esperança e confiança. Ao perceber que depois da tempestade vem a luz e a alegria, foi levado por tudo o que passou a ver a natureza humana, o mundo e Deus de uma nova forma. Todas estas experiências e percepções foram expostas nos seus Exercícios Espirituais.

Após uma peregrinação a Jerusalém, onde não lhe foi permitido permanecer, Inácio decidiu estudar primeiro em Barcelona e depois em Alcalá e Salamanca. Queria ser padre para ajudar os outros a descobrir Deus. Finalmente, os seus estudos levaram-no de Espanha para Paris. Juntamente com seis amigos, fez os votos de pobreza e castidade em 1534. Não podendo ir juntos em peregrinação a Jerusalém com a ideia de aí permanecerem, como era sua intenção inicial, em 1538 ofereceram-se ao Papa Paulo III para que este os enviasse para qualquer parte do mundo. Em 1539, fundaram a Companhia de Jesus, que foi aprovada no ano seguinte pelo Papa. Um ano depois, Inácio foi eleito primeiro Superior Geral da Ordem. A partir dessa altura, continuou a trabalhar em Roma. Morreu a 31 de julho de 1556, à frente de uma Ordem que já contava com mais de 1000 membros em todo o mundo. Em 1622 foi canonizado, e a sua festa é celebrada a 31 de julho.

3.1.3. O MAGIS (mais) de Inácio na nossa peregrinação

"Caminhar com Inácio... no vosso Caminho Inaciano" é algo que nos apela a ir mais longe "magis", mais, para todos nós. Também Santo Inácio queria mais - ser um santo, ainda melhor do que aqueles sobre os quais lia quando estava a recuperar em Loyola. Para ser santo, pensou em jejuar mais, rezar mais, fazer mais penitências... até que se apercebeu que não era isso que Deus queria.

O mais que Inácio descobriu é um que ajuda a tomar decisões corretas. Ele compreendeu que as escolhas difíceis que normalmente temos de fazer não são entre o bem e o mal (partindo do princípio de que devemos sempre escolher o bem), mas entre uma coisa boa e outra. Nesses dilemas, ele entendia que o "magis" era escolher o que era "para a maior glória de Deus". Por outras palavras, o que nos aproxima mais daquilo que Deus espera de nós.

A experiência de "Caminhar com Inácio... no teu Caminho Inaciano" é diferente para cada peregrino, uma vez que cada um de nós tem uma relação única e distinta com Deus, e uma vocação que é pessoal. Não existe uma experiência padrão homogénea que sirva para todos. Não se pode fazer comparações. Viver a peregrinação é procurar conhecer-se a si próprio e tomar consciência da sua vida interior. É confiar na orientação de Deus e saber que Ele tem um sonho para si. Viver a peregrinação é abrir-se à descoberta do que Deus quer ensinar-nos. Por vezes, é o que menos queremos admitir. Mas para cada um de nós, como para Inácio, a maior felicidade é aprender, cada vez mais claramente, a descobrir Deus na nossa vida.

3.1.4. Como viver o MAGIS (o mais) hoje?

E hoje - será que ainda é possível viver o "magis" ignaciano? A resposta é "sim!". Como Inácio, podemos aprender a procurar o que nos aproxima de Deus. Deus continua presente nas encruzilhadas da história e no coração dos homens e mulheres dos nossos dias. O seu Espírito chama-nos a viver uma "vida em plenitude", empenhados na tarefa incessante e absorvente de descobrir os seus traços em tudo e de trabalhar com Ele por um mundo mais justo e fraterno. A superficialidade e o comodismo são os nossos maiores inimigos, e corremos o risco de ficar presos numa vida medíocre, "satisfeitos" com o que temos ou fazemos. E neste "sair para fora" em direção aos outros e no compromisso com o Reino, ficamos surpreendidos ao descobrir que é o dar (e dar-se!) que nos enche de felicidade e alegria.

Talvez a época em que estamos a viver, em que parece que Deus é menos conhecido, possa ser um "tempo de graça", uma oportunidade para (re)descobrir a presença de Jesus no fundo do nosso coração, nos desejos e nos sonhos que vivem em nós. E é a Ele que perguntamos: "Senhor, o que queres que eu faça?" Karl Rahner escreveu que "o cristão do século XXI ou será um místico, ou não será cristão de todo". Viver o "magis" hoje implica, antes de mais, descobrir o amor de Deus na nossa vida, e fazer dele a nossa luz e o nosso caminho, a nossa fonte de paz e de confiança.

Mas este caminho não se faz sozinho. É com os outros que construímos a Igreja e trabalhamos por um mundo mais solidário. A primeira coisa que Jesus fez foi procurar companheiros. E todos nós temos a experiência de que o caminho percorrido com outros é mais fácil. Há um ditado africano que diz: "vai sozinho se queres chegar depressa; mas vai com outros se queres chegar longe". Assim é com a Igreja, a comunidade que segue o Senhor. É uma comunidade simultaneamente frágil e diversa, com uma enorme variedade, onde a santidade e o pecado vivem lado a lado. Por vezes, há conflitos. Talvez o mais fácil fosse abandoná-la e começar de novo. Mas não se abandona a família ao descobrir as fraquezas dos pais e dos irmãos mais velhos. Esta é a Igreja de Jesus, e o "magis ignaciano" implica amá-la, pertencer a ela e lutar dentro dela - sem cessar! - para a melhorar a partir de dentro, com um espírito crítico, leal e construtivo, e a partir dela construir o Reino.

Viver o "magis" hoje significa, por fim, ter bem claro na nossa mente que o mundo precisa de nós e estar pronto para o que quer que seja

Pode acontecer que Deus nos chame, com as pessoas e nos contextos em que vivemos. O nosso mundo é um mundo dividido pela pobreza, marginalização e desigualdade. Um mundo muito diferente do sonho que Deus tem para ele, e onde Ele precisa das nossas mãos e da nossa capacidade de amar para o mudar - para o transformar numa casa onde todos os seres humanos possam viver e sentir-se filhos do mesmo Pai, o Deus do Amor.

3.2. Princípios inspiradores

3.2.1. Peregrinos com Cristo no mundo e caminhando juntos

Os "princípios" em que se baseia "Walking with Ignatius... in your Ignatian Way" são

- Sobre a peregrinação: Ao longo da história, foram muitas as pessoas que, como Inácio de Loyola, percorreram longas distâncias para encontrar Deus, para procurar onde Ele se encontra no mundo e na Igreja. Seguindo a experiência de Inácio, "Caminhar com Inácio... no teu Caminho Inaciano" é um convite a tomar o caminho do próprio coração na direção do mundo e de Deus. Peregrinar é uma atitude vivificante que nos leva a ser pessoas mais plenas e melhores.
- Com Cristo: Caminhamos com Cristo e nas suas pegadas. Ele convida-nos a tomar consciência da ação de Deus em lugares e em pessoas em que nunca pensámos antes. O seu caminho é o nosso caminho. Dele recebemos a Boa Nova para sermos suas testemunhas.
- No mundo: Este caminho conduz-nos ao mundo que é a nossa morada, o lugar onde encontramos os outros e Deus - um mundo rico e diversificado, embora dilacerado pela desigualdade. No meio do sofrimento humano, Deus chama-nos a construir pontes e a trabalhar em conjunto na sua missão de reconciliação.
- Como comunidade de peregrinos: Neste caminho o peregrino descobre outros companheiros empenhados na mesma peregrinação. Juntos descobrimos a graça de sermos chamados - e de nos sentirmos - Igreja, uma comunidade fraterna e rica em diversidade.

3.2.2. Experiência - onde se realizam os encontros

Já se disse que "na prática, a teoria é diferente". É, de facto, o que experimentamos na vida. Saber de cor um manual de instruções sobre condução não significa que se será um bom condutor. Nem a leitura de um sem número de artigos sobre relações humanas lhe dará a capacidade e a competência para negociar a riqueza e a complexidade das interações humanas. A necessidade de "sujar as mãos" também se aplica à fé e, para muitas pessoas, a sua visão da fé e de Deus mudou em resultado de experiências de partilha a um nível profundo ou de trabalho voluntário. A ação é um lugar onde nos encontramos e podemos realmente conhecer Deus, outras pessoas e até nós próprios mais profundamente. A peregrinação do Caminho Inaciano é, acima de tudo, precisamente este tipo de encontro com pessoas que são novas ou diferentes, num contexto único.

- A experiência de caminhar: "Caminhar com Inácio... à vossa maneira inaciana" baseia-se na intuição de que a experiência de peregrinação a pé é um lugar de encontro. A experiência de caminhada terá lugar após o encontro inicial em Loyola e procura intensificar este encontro com Deus, com os outros e conosco próprios. A experiência de caminhada é uma oportunidade para experimentar, pôr à prova, arriscar-se, como forma de descobrir o "magis" - o maior. É como mergulhar numa realidade diferente e baseia-se na ideia de Inácio de Loyola - que ainda hoje é utilizada na formação inaciana - de se colocar em situações novas com as quais não se está familiarizado. O resultado é que alarga os seus horizontes, aprende com a vida dos outros enquanto caminha com eles e começa a conhecer Deus e a compreender-se a si próprio de formas inesperadas.
- Uma experiência de fé: Nem sempre é fácil encontrar Deus nos grupos internacionais ou em qualquer tipo de atividade que se desenvolva. No entanto, isso não deve desencorajar ninguém. Pelo contrário, Deus está presente em todas as coisas. Ele é o nosso princípio e o nosso fundamento. Tudo o que existe tem as suas raízes em Deus. Se levarmos esta afirmação a sério, isso significa que procuramos Deus não apenas nas coisas familiares, fáceis ou agradáveis da vida. Trata-se antes de encontrar Deus nas realidades novas e desconhecidas, mesmo naquelas que são duras ou difíceis de compreender. O objetivo específico de "Caminhar com Inácio... à vossa maneira inaciana" é procurar e descobrir como ser um povo de Deus apesar das nossas diferenças e peculiaridades, e como Deus, o mundo e nós estamos profundamente ligados.
- Viagem interior: Durante estas semanas, tentaremos também caminhar para dentro de nós próprios. Seguindo o percurso básico de Inácio de Loyola, vamos ver alguns dos pontos altos que deixam marcas em cada pessoa na sua procura de sentido e de objetivo na vida.

Com a Oração da Manhã, durante a peregrinação, pretende-se dar uma orientação e um enfoque definidos ao caminho espiritual desse dia. O plano de cada dia sugere um tema, inspirado na vida peregrina de Inácio. Por vezes há

uma citação inaciana que servirá para ilustrar o dia com a sua Autobiografia. Uma pequena reflexão oferece algumas ideias e sugere alguns pontos para a oração e a meditação pessoal. Os peregrinos devem preparar a sua meditação pessoal na noite anterior. Há dias em que há um tema especial para meditar e partilhar com outros peregrinos.

3.2.3. Cinco pilares

Em qualquer vida de fé, há alguns aspectos que são fundamentais: a ação, a oração, a prática de examinar a própria vida procurando Deus nela, a alegria da celebração e a vontade de partilhar. Estes aspectos, de uma forma ou de outra, podem fazer parte da nossa rotina diária. Em "Caminhar com Inácio... à vossa maneira inaciana", tentaremos introduzi-los explicitamente, de modo a incluir estes cinco elementos: A oração, que nos ajuda a procurar, escutar e relacionarmo-nos mais explicitamente com Deus e com a sua palavra. A celebração, na qual exprimimos juntos a profundidade, a alegria e a riqueza da fé que partilhamos. A peregrinação, que é o lugar específico da vida e das suas surpresas, da aprendizagem e do encontro. A partilha e a colocação em comum da nossa experiência, porque o que os outros descobrem, vivem e comunicam é também fonte de riqueza e de crescimento. E, por fim, o exame quotidiano permitir-nos-á lançar o olhar sobre cada dia, para procurar Deus naquilo que vivemos.

Estes cinco elementos estarão presentes, de uma forma ou de outra, ao longo de toda a peregrinação, de modo a ajudar a que estes dias se tornem um tempo de vida exterior e interior, procurando fazer deles uma fonte de aprendizagem para a nossa vida quotidiana. A forma como isso será feito na prática dependerá, em cada caso, do lugar e do momento da peregrinação, mas os cinco elementos estarão presentes.

1. Oração silenciosa matinal

Os peregrinos decidirão em conjunto como organizá-la e qual a melhor forma de satisfazer as necessidades do grupo. Durará cerca de 5 a 10 minutos, como uma breve introdução à meditação silenciosa que se seguirá (2 horas). Pode começar com uma canção. Depois, alguém pode ler o texto, deixando um período de silêncio para reflexão. De seguida, alguém pode ler os textos bíblicos e o texto inaciano, se houver um para esse dia, após o que se seguirá um momento de silêncio, para que todos possam recordar as reflexões e o foco do dia dado no dia anterior. Se parecer adequado, qualquer um dos peregrinos pode fazer algum comentário adicional, mais relevante para o que esperar no dia seguinte. Talvez se possa seguir um momento de partilha de orações e de sentimentos sobre o texto bíblico. Para encerrar a meditação da caminhada silenciosa, o grupo pode reunir-se e rezar juntos o Pai-Nosso e talvez um cântico final. Seja qual for o caso, o importante é torná-lo flexível e adaptado às circunstâncias e às características do grupo.

2. Celebração

Se o grupo tiver pelo menos um sacerdote ou se o grupo tiver a possibilidade de chegar a tempo à liturgia da paróquia da cidade, a celebração será normalmente a Eucaristia do dia. Esta celebração pode ter lugar num canto sossegado, com as mesmas pessoas que partilham este período de experiência, que podem trabalhar em conjunto na preparação da celebração. É sempre interessante participar na liturgia paroquial, se for possível. Nalguns lugares, os peregrinos podem mesmo pedir uma bênção especial do peregrino.

Recomenda-se a celebração de uma missa diária, se for possível, mas sempre com flexibilidade. Nesta missa diária, somos convidados a recordar e a refletir sobre o amor e a entrega do próprio Jesus na Última Ceia, bem como a oferecer todas as nossas alegrias, medos e actos de amor.

3. Peregrinação

A peregrinação desafia-nos de formas inesperadas e pode levar-nos a aprender muito sobre nós próprios. O desafio pode vir de várias direcções: pode ser o facto de a caminhada me colocar em situações novas, pode ser as pessoas que encontro, ou as diferenças culturais, a relação com os meus companheiros, as condições de vida, estar longe de casa ou simplesmente o cansaço.

Os organizadores trabalharam arduamente na preparação da peregrinação. Mas não podem prever todas as situações possíveis que possam surgir. Acontecerão coisas que estão fora do seu controlo - no mínimo, a questão do tempo ou mesmo de quem participa na peregrinação. E dado que nem tudo pode ser previsto ou controlado, a flexibilidade, a capacidade de adaptação e de fazer concessões são uma parte indispensável da experiência.

4. Partilhar: O Círculo Peregrino

Dá às pessoas a oportunidade de refletir sobre a experiência vivida em conjunto e de aprender a apreciar e a valorizar a riqueza de cada dia.

Esta forma de partilha funciona melhor quando cada pessoa está envolvida e conta uma parte da sua experiência pessoal de cada vez. A capacidade de escutar é fundamental nestes encontros. No Círculo de Peregrinos, não se trata de discutir ou de responder ao que cada um diz. Pelo contrário, é preciso dar espaço aos outros com respeito, ouvindo-os com atenção e aprendendo com as suas experiências e conhecimentos. O ideal é que o Círculo de Peregrinos dure entre 30 e 45 minutos, não mais do que isso.

O Círculo Peregrino tem as seguintes etapas:

A) Uma breve reflexão. Cada um dedica um momento a refletir sobre os dias passados.

B) As duas primeiras rondas são apenas para ouvir. À medida que cada pessoa fala, as outras ouvem; o que a pessoa diz não é discutido - a não ser que, se necessário, seja feito um pedido de esclarecimento.

Primeira ronda.

Como é que os dias me correram?

Quando é que senti uma grande alegria?

Quando é que eu achei as coisas difíceis?

Segunda ronda.

Como é que os temas do dia e os textos lidos de manhã se reflectiram ao longo do dia?

C) Na terceira ronda, pode haver mais discussão sobre o que foi dito. No entanto, não se trata de impor um ponto de vista ou de convencer os outros de uma determinada opinião. O objetivo é partilhar experiências e aprender uns com os outros.

3ª ronda.

O que é que me chamou especialmente a atenção naquilo que alguém disse? Há mais alguma coisa que eu gostaria de partilhar à luz do que ouvi?

D) Última ronda rápida. Conclusão. Cada um responde à última pergunta com uma palavra ou frase curta: Qual é o meu sentimento no final deste Círculo de Peregrinos?

5. O exame do dia

Inácio considerava o Exame do dia uma oração de grande importância, de tal modo que escreveu que se um jesuíta tiver pouco tempo para rezar, pelo menos não deve omitir este Exame.

Se pensarmos bem, cada dia está cheio de impressões, encontros e experiências. Passamos por alegrias e desilusões, sentimos tristeza, desejo, entusiasmo e muitas outras coisas. É importante não fazermos um julgamento demasiado rápido daquilo que experimentamos: Deus fala-nos por vezes naquilo que nos anima, outras vezes fá-lo naquilo que nos perturba, e quer conduzir-nos através de todas estas experiências. Se nos permitirmos escutar a voz de Deus conosco, seremos capazes, todos os dias, de nos tornarmos um pouco mais livres, mais pacientes e mais cheios de amor.

O Exame Inaciano pode ser feito em qualquer lugar: na praia, no carro, em casa, na biblioteca. Demora cerca de 10 ou 15 minutos e consiste em cinco passos muito simples, que podem ser apresentados de várias maneiras. Aqui está uma maneira:

1. Começo com um sinal ou um gesto, como inclinar a cabeça ou fazer o sinal da cruz. Assim, recordo a presença de Deus - mesmo que, nesse momento, não a sinta.
2. Peço ao Espírito luz e assistência, para me ajudar a olhar para o dia que passou.
3. Passo em revista o dia, colocando-o diante de Deus. Um a um, deixo que os acontecimentos que vivi através dele surjam à vista. Se ajudar, posso perguntar-me:
 - Qual foi o melhor aspeto do dia? Porquê?
 - Qual foi o pior momento do dia? Porquê?
 - O que é que eu acho que Deus me estava a tentar dizer nesses momentos?
4. Dou graças a Deus pelo dia que vivi. Peço perdão por tudo o que me afastou dele. Peço a sua ajuda e a sua graça para tudo o que eu sentir que preciso neste momento.
5. Espero ansiosamente pelo dia seguinte. Coloco-o nas mãos de Deus. Termino rezando o Pai-Nosso ou outra oração, terminando com o mesmo gesto com que comecei.

4. Reunião introdutória

"A peregrinação é uma porta que se abre no limiar de uma terra sagrada, onde, como Moisés, escutamos a palavra criadora. Escutar o Evangelho com os pés, ruminar o Livro da Natureza, pôr à prova os sentidos experimentando o mundo e os anjos que o povoam, sussurrar a Deus, ligar o ritmo da respiração aos passos. Uma peregrinação é uma espécie de desvio, ou mesmo de deambulação, que satisfaz e acalma, encorajando-nos a continuar o caminho da vida, com uma presença amorosa no nosso coração, na nossa alma, recordando-nos o momento em que o tempo se congelou na eternidade."

Jean-Claude Ravet sj.

"Os Exercícios Espirituais são tudo o que de melhor pude pensar, experimentar e compreender nesta vida, tanto para ajudar alguém a tirar o melhor partido de si próprio, como para poder trazer vantagens, ajuda e proveito a muitos outros. Assim, mesmo que não sinta necessidade do primeiro, verá que são muito mais úteis do que poderia imaginar para o segundo".

Carta de Santo Inácio ao Rev. M Miona, 16 de novembro de 1536

Misticismo extrovertido (Reflexão)

Para o líder ecuménico e autor Wes Granberg-Michaelson, a peregrinação convida a uma espiritualidade apaixonada:

Os peregrinos movem-se em duas direcções ao mesmo tempo - uma direcção para fora, em direcção a um destino sagrado, e uma viagem para dentro, em busca de um encontro com o sagrado. Dois dos melhores estudiosos académicos das peregrinações, Victor e Edith Turner, explicam-no com esta frase: "A peregrinação pode ser considerada como um misticismo extrovertido, tal como o misticismo é uma peregrinação introvertida." As peregrinações, sugerem, não eram, e não são, um passeio no parque, na planície ou na montanha. Ao embarcarmos numa viagem deste tipo, libertamo-nos não só da nossa normalidade física. Estes passos incertos e confiantes também nos afastam da nossa familiaridade espiritual. O peregrino é convidado não só a sair das caixas das crenças dogmáticas, mas também a afastar-se das práticas de uma espiritualidade cómoda.

Consideremos historicamente a vida dos camponeses ou servos na Europa medieval, que estavam ligados a lugares específicos - uma mansão e um determinado pedaço de terra. A vida religiosa estava igualmente confinada a uma paróquia local, com as suas práticas repetidas e rotineiras. Quando as oportunidades de peregrinação começaram a ser possíveis para uma grande variedade de pessoas, as suas viagens libertaram-nas para lugares desconhecidos, com intensidade espiritual. Os locais de peregrinação eram lugares onde tinham ocorrido milagres. Os ossos dos santos estavam vivos; a aparição de Maria criou um espaço rarefeito. As curas ocorrem, dando continuidade ao carácter milagroso destes locais.

À medida que as viagens para Jerusalém se tornavam intransponíveis ou impossíveis, surgiram numerosos locais de peregrinação por toda a Europa. No entanto, os peregrinos enfrentavam perigos claros e presentes. Estavam a caminhar para um espaço liminar, com um passado familiar de lugar e espírito deixado para trás e uma promessa futura de poder espiritual, associada a coisas tangíveis e materiais, ao longe.

No seu próprio contexto, esta era uma espiritualidade imprudente, uma forma de misticismo extrovertido... Para a maioria, esta era uma busca encarnada de abandono espiritual que ocorria uma vez na vida. Nas palavras dos Turner, "a peregrinação era a grande experiência liminar da vida religiosa".

Para o peregrino de hoje pode ser o mesmo. Uma peregrinação é uma rejeição das expectativas e pressupostos da modernidade sobre o tempo, o lugar, a percepção, a satisfação, a velocidade, a previsibilidade e o mundo material. Tal como nos tempos antigos, os motivos das peregrinações contemporâneas são mistos. Para alguns, as fronteiras entre peregrinação e turismo tornam-se difusas, enquanto outros, ao interromperem a sua atividade profissional, são levados a peregrinar mais do que a ter sede de formas corporizadas de santidade. No entanto, os caminhos que se movem simultaneamente em direcção ao interior e ao exterior revelam-se irresistíveis para as multidões que hoje percorrem os caminhos de peregrinação.

O movimento encarnado da peregrinação é uma oportunidade para sairmos dos nossos ritmos habituais com Deus:

O Espírito anseia por romper e abrir as nossas velhas práticas, as nossas conchas protectoras de espiritualidade confortável, ligando o nosso interior mais profundamente ao amor de Deus e ao mundo de Deus. A sua alma já não fica parada. Ela move-se com Deus no mundo, e move-se em direcção a Deus, revelado em sinais ou santuários ou santos ou ambientes. O corpo ambulante do peregrino encarna esta viagem interior da alma.

<https://cac.org/daily-meditations/extroverted-mysticism-2023-03-07/>

Para o Viajante por John O'Donahue

Sempre que saís de casa, Outra
estrada te leva
Para um mundo em que nunca estiveste.

Novos estranhos noutros caminhos
esperam por ti. Novos lugares que nunca
te viram Assustar-se-ão um pouco com a
tua entrada.

Lugares antigos que o conhecem
bem fingirão que nada mudou
desde a sua última visita.

Quando se viaja, dá-se por si sozinho
de uma forma diferente,
Mais atento agora
Para o eu que trazes contigo, O
teu olho mais subtil a observar
Tu no estrangeiro; e como o que te
encontra toca aquela parte do coração
Isso fica em baixo em casa:

Como se sintoniza
inesperadamente Com o timbre de
uma voz, Abrindo uma conversa
Queres levar Para onde
o teu desejo
Pressionou o suficiente para
dentro, em alguma escuridão
não dita, Para criar um cristal de
percepção Que você não poderia
saber que precisava
Para iluminar o
Teu caminho.

Quando vijas, um
novo silêncio vai
contigo, E se
escutares, ouvirás
O que o teu coração gostaria
de dizer.

Uma viagem pode tornar-se uma coisa
sagrada: certifique-se, antes de partir,
Para ter tempo
Para abençoar a tua partida,
Para libertar o teu coração do
lastro
Para que a bússola da vossa alma vos
oriente para
Os territórios do espírito
Onde descobrirás Mais da tua
vida oculta, E as urgências
Que merecem reclamar-vos.

Que possas viajar de forma desperta, Recolhido
sabiamente no teu chão interior; Para que não
desperdices os convites Que esperam pelo
caminho para te transformar.

Que viagem em segurança, cheguem
revigorados e vivam o vosso tempo ao
máximo; regressem a casa mais enriquecidos e
livres
Para equilibrar a dádiva dos dias que vos chamam.

<https://www.awakin.org/v2/read/view.php?tid=2191>

UM CREDO PARA A NOSSA PEREGRINAÇÃO: ESTAMOS A CONSTRUIR UMA COMUNIDADE

(De: Effectiveness Training Inc. Califórnia)

Nós os dois temos uma relação que eu valorizo e quero manter. No entanto, cada um de nós é uma pessoa separada com as suas próprias necessidades e com o direito de tentar satisfazer essas necessidades. Tentarei aceitar genuinamente o seu comportamento, tanto quando estiver a tentar satisfazer as suas necessidades como quando tiver problemas em satisfazer as suas necessidades.

Quando partilhar os seus problemas, tentarei ouvir com aceitação e compreensão, de forma a facilitar que encontre as suas próprias soluções em vez de depender das minhas. Quando tiver um problema porque o meu comportamento está a interferir com a satisfação das suas necessidades, encorajo-o a dizer-me aberta e honestamente o que está a sentir. Nessas alturas, eu escutarei e tentarei modificar o meu comportamento.

No entanto, quando o seu comportamento interfere com a satisfação das minhas próprias necessidades, fazendo com que eu não o aceite, dir-lhe-ei tão aberta e honestamente quanto possível exatamente como me sinto, confiando que respeitará as minhas necessidades o suficiente para me ouvir e tentar modificar o seu comportamento.

Nas alturas em que um de nós não consegue modificar o seu comportamento para satisfazer as necessidades do outro, descobrindo assim que temos um conflito de necessidades na nossa relação, comprometamo-nos a resolver cada um desses conflitos sem nunca recorrer ao uso do meu poder ou do teu para ganhar à custa da derrota do outro. Respeito as vossas necessidades, mas também tenho de respeitar as minhas. Por conseguinte, esforçemo-nos sempre por procurar soluções para os nossos inevitáveis conflitos que sejam aceitáveis para ambos. Desta forma, as suas necessidades serão satisfeitas, mas as minhas também - ninguém perderá, ambos ganharão.

Como resultado, tu podes continuar a desenvolver-te como pessoa através da satisfação das tuas necessidades, mas eu também posso. A nossa relação pode ser sempre saudável porque será mutuamente satisfatória. Assim, cada um de nós pode tornar-se naquilo que é capaz de ser e pode continuar a relacionar-se com respeito mútuo, amizade, amor e paz.

5. Orações comuns

Chamaste-me pelo teu nome (Joseph Tetlow sj.)

Oh, Senhor meu Deus,
Chamaste-me do sono do nada só porque no teu
imenso amor
quer criar seres bons e belos.
Chamaste-me pelo meu nome no ventre da minha mãe.
Deste-me fôlego, luz e movimento e acompanhaste-me em
todos os momentos da minha existência.
Estou maravilhado, Senhor Deus do Universo,
que me atendais e, mais ainda, me acarinhais. Cria em
mim a fidelidade que te move, e eu confiarei em ti e
ansiarei por ti todos os meus dias. Amém.

Alma de Cristo

Alma de Cristo, santificai-me.
Corpo de Cristo, salvai-me.
Sangue de Cristo, inebriai-me.
Água do lado de Cristo, lava-me. Paixão de
Cristo, fortalece-me.
Ó bom Jesus, ouve-me. Esconde-
me nas tuas chagas.
Não permitais que me separe de vós. Defende-
me do inimigo malvado.
Na hora da minha morte chama-me. E
manda-me ir ter contigo.
Para que, com os teus santos, eu te louve.
Para todo o sempre. Amém.

Oração pela generosidade (Santo Inácio de Loyola)

Senhor, ensina-me a ser generoso. Ensina-me a servir-te como tu mereces; a dar e a não contar com o custo, a lutar e a não prestar atenção às feridas, a trabalhar e a não procurar descanso, a trabalhar e a não pedir recompensa, a não ser a de saber que faço a tua vontade.

Oração de Peregrinação

Deus da Vida, como peregrinos iniciamos no Caminho Ignaciano, reunimo-nos no caminho de Santo Inácio e dirigimo-nos a ti em oração. Dai-nos corações generosos, abertos às graças com que quereis abençoar-nos: a graça da companhia alegre uns com os outros e com Jesus; a graça da espiritualidade profunda, para compreender quão largo e longo, quão alto e profundo é o amor de Cristo; a graça do serviço amoroso em que nos chamais a dar "mais" de nós mesmos.

Pedimos isto em nome de Jesus, o Senhor. Amém.

Nossa Senhora de Rogai por nós
Santo Inácio de Loyola.... Rogai por nós
São Pedro ClaverReza por
nós

Bênção do Peregrino

Que o Senhor vos abençoe e guarde,
Que o Seu rosto brilhe sobre vós e seja benévolo para
convosco; que o Senhor olhe para vós com bondade e vos
conceda a paz. Que Ele ilumine os olhos do teu coração,
Para que possais compreender a esperança a que Ele vos chama, E o
tesouro que vos espera.
Que Ele vos ajude a ultrapassar todos os obstáculos neste Caminho e na vida,
e que vos aceite no Seu serviço amoroso.

Rezar respirando

Respirar ao longo do Caminho Inaciano (cf. X. Melloni, El deseo esencial)

A respiração é a base da nossa vida: o oxigênio é para o corpo o que a consciência é para a mente e o que o espírito é para a alma: a nossa fonte de energia vital. Sem oxigênio, o nosso corpo seria lentamente contaminado por toxinas que nos matariam. Respiramos para nos mantermos vivos, e respiramos porque é a nossa vida. A respiração orante faz parte de muitas tradições espirituais, incluindo a nossa tradição cristã.

Os quatro momentos da respiração são uma metáfora do dinamismo essencial da vida: inspiração, retenção, expiração, vazio. À medida que percorremos o nosso Caminho, a nossa respiração pode ajudar-nos a tomar consciência de como a vida está presente para nós. A inspiração deve ser profunda, e a expiração deve durar mais tempo do que a inspiração. Os momentos de pausa, quando retemos o ar inspirado e novamente quando os nossos pulmões estão vazios depois de expirar, podem variar em duração, de acordo com o nosso ritmo de caminhada, mas devemos estar conscientes de cada momento.

Estas quatro fases são uma metáfora do sentido da nossa existência: receber e dar, tomar consciência do que recebemos e sentirmo-nos necessitados depois de termos dado generosamente de nós próprios. A inspiração é o momento de receber o que somos: a nossa vida e a nossa existência histórica. Recebemos e tomamos consciência de que somos receptores da vida. O Caminho torna-nos receptores da nossa vida. Sentimo-nos humildes ao reconhecer que "recebemos" dos outros e do Outro. Ao inspirar, há um primeiro momento de espanto que nos coloca na Presença da Essência Divina.

A retenção do ar inspirado permite-nos uma pausa, durante a qual tomamos consciência do que recebemos: sentimos que a vida está dentro de nós e deliciamo-nos com ela. O nosso objetivo é unir o interior e o exterior; queremos sentir que o que antes estava fora de nós faz agora parte do nosso próprio ser. A expiração é o momento de dar, de nos abandonarmos ao que existia antes de nós e que continuará depois de nós. Expirar é aprender a desapegar-se. Uma expiração longa e profunda ajuda-nos a compreender que o nosso sentido último não está em possuímo-nos, mas em partilharmo-nos. O ar que inalámos adquiriu algo do nosso ser e agora partilhamo-lo com o universo. Sentimo-nos parte do Todo, colaboradores de uma plenitude da qual também recebemos.

A quarta fase da respiração, o vazio que se segue à expiração, convida-nos a desejar a plenitude que nos foi prometida e que esperamos. A partir do nosso vazio, desejamos ardentemente ser preenchidos. O vazio é a condição para receber. No nosso vazio tomamos consciência de como somos necessitados, e assim a humildade acompanha-nos no nosso Caminho Inaciano. Graças à respiração, podemos fazer da nossa peregrinação uma experiência de renúncia e de colaboração, de rutura e de construção. A respiração ajuda-nos a tornarmo-nos cada vez mais conscientes do que o nosso Caminho Inaciano nos está a comunicar. Vamos respirar!

6. Guia de Oração para o Caminho Inaciano

Como começar a meditação?

1. Comece a meditação reservando alguns minutos para se colocar na presença de Deus. Ou seja, liberte-se de toda a ansiedade e de todas as distrações que o possam incomodar, como pensar no que vai comer na próxima refeição. Uma música espiritual favorita pode ajudá-lo a entrar no estado de espírito adequado para a oração, mas assim que estiver lá, desligue a música para se poder concentrar melhor no seu Caminho. Passe alguns minutos a centrar-se apenas no ritmo natural da sua respiração, dos seus passos ou dos pássaros. Repita uma pequena oração que o centre na presença de Deus ou no seu estar presente na oração com Deus.
2. Consideremos a oração introdutória dos Exercícios Espirituais (que é o objetivo principal de toda a experiência) e a petição especial do dia.
3. Ler o texto introdutório que serve de enquadramento para os temas-chave da meditação do dia.
4. Ler lentamente a passagem da Escritura do dia. Depois, lê-la uma segunda ou mesmo uma terceira vez, insistindo em vários pontos do dia, se se sentir atraído por eles.

Não introduza muito pensamento na sua oração. Muitas pessoas sentem-se tentadas a fazer listas com muitas ideias e depois a combiná-las entre si, e assim por diante. Em vez disso, veja se consegue deixar que Deus fale consigo. Deixe que ele chegue até si através da oração. É importante ser paciente consigo mesmo e com Deus. Deve estar pronto a caminhar com toda a tranquilidade até que as imagens, as ideias ou os pensamentos comecem a filtrar-se. Inácio diz que devemos "fazer uma pausa onde quer que se encontrem frutos" - uma sugestão muito útil. Pode sentir-se atraído ou tocado por uma frase da Escritura ou por uma ideia. Fique aí o tempo que lhe parecer

apropriado, saboreando o fruto da sua reflexão. É inevitável que surjam distrações - "Pergunto-me o que estarão os meus amigos a fazer neste momento" - mas deixe-as passar, sem lhes dar muita importância nem as ter em mente.

Será útil observar um horário regular para a oração - por exemplo, a primeira hora de cada dia de caminhada. Ou pode ser uma meia hora de manhã e outra meia hora à tarde. Deve ser fiel ao horário que escolher. Para além das horas de oração formal, vai ter sempre outras ideias relacionadas, que deve acolher. Por exemplo, nos longos trechos junto aos canais do rio Ebro, pode haver momentos em que, por analogia, se sinta a "flutuar espiritualmente" rio abaixo. Aproveite esses momentos de proximidade com a natureza e com Deus, que nos fala através da natureza.

Mas não se torne obsessivo, especialmente se estiver a meditar sobre algo doloroso ou difícil. Uma ideia dolorosa pode levá-lo a um círculo mental vicioso. Evite este tipo de armadilha, porque pode esgotá-lo e desviá-lo do seu caminho. Por vezes, isto pode acontecer mesmo com ideias "piedosas": Inácio adverte-nos que, por vezes, podemos ser tentados a desviar-nos do nosso caminho por causa de uma ideia que parece ser boa. Por outras palavras, podemos pensar em algo que parece ser bom, mas que, na realidade, apenas nos desgasta ou nos afasta do nosso caminho e do objetivo da etapa em que nos encontramos.

5. Terminar cada período de oração com a mesma fórmula. Em primeiro lugar e mais importante, devemos agradecer. Devemos dar graças pelo tempo de oração que acabámos de partilhar, pela comunicação que teve lugar, pelas outras bênçãos do dia e pelos dons da peregrinação, tais como ter o tempo livre, os recursos financeiros, a saúde e o desejo de caminhar como peregrino. Terminar com um Pai-Nosso.

Escreva um diário. No final de cada dia, ou mesmo depois de cada período de oração, se se sentir inclinado a isso, anote os pensamentos ou ideias chave que o moveram, as imagens chave das escrituras, e outros detalhes significativos. Um diário espiritual ajudá-lo-á a recordar e a refletir sobre a sua experiência no final do Caminho Inaciano em Manresa. Ou, se fizer a peregrinação por etapas, o diário ajudá-lo-á a manter um registo das suas experiências de ano para ano.

Se estiver a peregrinar com um pequeno grupo, pode querer partilhar com os seus companheiros os dons ou as ideias que mais o tocaram, MAS não é recomendável que o faça todos os dias. Além disso, essa partilha não significa debater ou "intrometer-se": deve ser um momento de comunicação e de escuta em relação ao que Deus está a fazer na vida de cada participante. Não é um momento para estar a "fazer de Deus" na vida de outra pessoa. O caminho dos Exercícios é essencialmente pessoal, algo que acontece entre "o Criador e a sua criatura".

Oração de introdução

Seguindo Inácio de Loyola, sugerimos que se inicie cada período de meditação com uma oração preparatória: "*A Oração Preparatória consiste em pedir a Deus Nosso Senhor a graça de que todas as minhas intenções, acções e operações se ordenem puramente ao serviço e louvor da Divina Majestade*" (Exercícios Espirituais 46).

Esta recomendação de Inácio pode ser adaptada às circunstâncias pessoais de cada peregrino. Alguém pode dizer, por exemplo: "Senhor, que eu viva para Ti e não para mim. Que tudo o que eu faça seja unicamente para o teu serviço e louvor e não para o meu próprio interesse". Ou talvez: "Senhor, que todo o meu ser se volte para ti, que eu não me separe da tua vontade, nem consciente nem inconscientemente. Orienta-me completamente para ti. Atrai-me para ti".

O que o peregrino pede é um dom, uma graça. O que pedimos, na verdade, é que nos conheçamos a nós próprios, para que, nesse autoconhecimento, nos orientemos para a felicidade que advém do facto de vivermos unicamente na presença de Deus. Pedimos, portanto, que as nossas intenções (desejos, motivações), as nossas acções (obras exteriores) e as nossas actividades (reflexões, planos, perguntas, gostos) sejam orientadas para a Luz da Vida.

Através da repetição constante desta petição no decurso dos Exercícios Espirituais, estamos a criar um campo magnético que orienta todas as nossas moléculas para a única fonte verdadeira de felicidade. Pouco a pouco, passo a passo, o Caminho Inaciano torna-se o Caminho para a nossa Origem, para o Deus que nos impele e nos atrai, nosso princípio e fim. O Espírito intangível exerce uma força orientadora dentro de cada peregrino para que todas as suas "intenções, acções e operações" sejam para a "glória e louvor" do Amor.

Um dos frutos dos Exercícios Espirituais será experimentar a paz de saber que se está orientado para a felicidade plena, que já é parcialmente experimentada agora, à medida que o peregrino caminha.

7. Orações quotidianas. Diário espiritual de Verdú a Roma¹.

Dia 1: Partida de Barcelona. Ir para Verdú. Encontro com São Pedro Claver sj.

Notas: Começamos a nossa viagem com calma, levando a sério o nosso tema. É muito útil dedicar algum tempo a refletir sobre a Oração Preparatória. Se encontrarmos "profundidade" nalguma palavra ou nalgum ponto, é melhor não avançar, mas permanecer aí, perguntando o que é que o Espírito nos diz e deixando que ele nos fale ao coração. Inácio diz-nos que "conhecer e saborear uma coisa interiormente" é mais importante do que saber muito sobre ela.

Pede a **Graça** que desejas para hoje: Senhor, dá-me a graça de sentir interiormente o teu amor na minha vida, e de estar profundamente agradecido por isso.

Reflexões: A espiritualidade foi definida como "*transformar a viagem da vida numa viagem em direção a Deus*". Esperamos transformar a nossa viagem através de Espanha numa viagem espiritual.

Começamos por contemplar o que nos rodeia nestes belos lugares perto de Verdú. Caminhamos lentamente, conscientes de que é um dom poder dedicar tempo a este encontro com Deus, com o mundo e connosco próprios. É um privilégio poder fazer estes "exercícios"! Deixemos que o nosso coração salte de gratidão ao iniciarmos a nossa peregrinação. Aquele que nos ama desde o início e nos conduz na nossa vida é Aquele que nos trouxe até aqui. É com esta convicção que iniciamos a nossa caminhada. Deus, que é Pai e Mãe para nós, vem ao nosso encontro em cada pessoa e em cada coisa que vemos. Que a sua presença nos encha de gratidão.

Escritura:

Isaías 55:1-11. Deus, no seu amor por mim, convida-me a ir ter com ele.

"Quem tem sede, venha às águas; e quem não tem dinheiro, venha, compre e coma! Vinde, comprai vinho e leite sem dinheiro e sem preço. Por que gastais o vosso dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso trabalho naquilo que não satisfaz? Escutai-me bem e comi o que é bom, e deleitai-vos com alimentos ricos. Inclinaí os vossos ouvidos e vinde a mim; ouvi, para que a vossa alma viva; e eu farei convosco uma aliança eterna, o meu amor firme e seguro para com David. Eis que fiz dele uma testemunha para os povos, um chefe e um comandante para os povos. Eis que chamarás uma nação que não conheces, e uma nação que não te conhece correrá para ti, por causa do Senhor, teu Deus, e do Santo de Israel, pois ele te glorificou. Buscai o Senhor, enquanto se pode achar; invocai-o, enquanto está perto; deixe o ímpio o seu caminho, e o homem injusto os seus pensamentos; volte-se para o Senhor, para que se compadeça dele, e para o nosso Deus, porque ele perdoa abundantemente. Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos. Porque, assim como a chuva e a neve descem dos céus e para lá não tornam, mas regam a terra, fazendo-a produzir e brotar, dando a semente ao semeador e o pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas cumprirá o meu desígnio e terá êxito naquilo para que a enviei."

Salmo 63. Respondo a Deus exprimindo o meu desejo de o encontrar.

"Ó Deus, tu és o meu Deus; cedo te procurarei: a minha alma está seca de necessidade de ti, a minha carne está gasta de desejo por ti, como uma terra seca e ardente onde não há água; para ver o teu poder e a tua glória, como te vi no lugar santo. Porque a tua misericórdia é melhor do que a vida, os meus lábios te louvarão. Assim continuarei a bendizer-te toda a minha vida, levantando as minhas mãos em teu nome. A minha alma será consolada, como por um bom alimento, e a minha boca te louvará com cânticos de alegria, quando me vier à memória a tua presença no meu leito e quando pensar em ti durante a noite. Porque tu foste o meu auxílio, e me regozijarei à sombra das tuas asas. A minha alma está sempre perto de ti: a tua mão direita é o meu apoio. Mas aqueles cujo desejo é a destruição da minha alma descerão às partes mais baixas da terra. Serão cortados pela espada e servirão de alimento às raposas. Mas o rei terá alegria em Deus; todos os que por ele jurarem terão motivo de orgulho; mas a boca falsa será tapada. "

Colóquio final: Resumir o que pensei ou senti durante a minha oração, falando com Jesus como um amigo fala com outro. Seja franco com ele sobre o que viveu e sentiu (ou não sentiu) durante esta etapa da sua caminhada com ele.

Que eu seja digno da vossa confiança

Por alguma estranha razão, Senhor, dependes de mim. Que
necessidade poderíeis ter do meu ombro? Por que haverias
de te apoiar em mim? No entanto, é isso que fazes.

Estou grato.

É um desafio e uma confiança, uma inspiração e um apelo ao carácter.
Se estiveres disposto a depender de mim,

¹As citações bíblicas são de <http://www.biblestudytools.com/esv/>

fraco e desajeitado como
sou, estou ansioso por não
vos falhar. Apoia-te em
mim, Senhor.
Pelo menos finge que me encontras uma ajuda.
Que a vossa doce pretensão
tornarem-me digno da vossa confiança real.

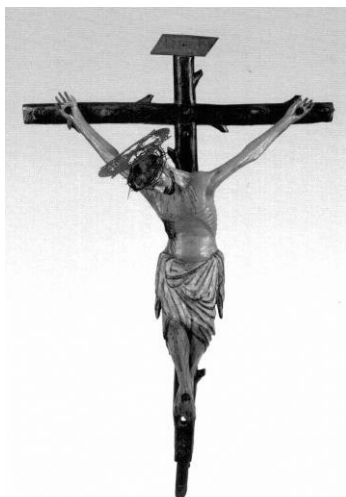
-Daniel A. Lord SJ. Esta oração é fruto de uma série de reflexões feitas por Daniel Lord depois de lhe ter sido diagnosticado um cancro.

Qual deve ser o nosso princípio e fundamento na vida?

O Princípio e o Fundamento (parafrazeado por David L. Fleming, sj.): Santo Inácio começa os seus *Exercícios Espirituais* com *O Primeiro Princípio e Fundamento*. Embora não seja tipicamente considerada uma oração, contém muito sobre o que vale a pena refletir.

O objetivo da nossa vida é viver com Deus para sempre. Deus, que nos ama, deu-nos a vida. A nossa própria resposta de amor permite que a vida de Deus flua em nós sem limites. Todas as coisas deste mundo são dádivas de Deus, que nos são oferecidas para que possamos conhecê-lo mais facilmente e retribuir com mais facilidade o nosso amor. Por conseguinte, apreciamos e utilizamos todos estes dons de Deus na medida em que nos ajudam a desenvolvermo-nos como pessoas amorosas.

Mas se algum destes dons se tornar o centro da nossa vida, substitui Deus e impede o nosso crescimento em direção ao nosso objetivo. Na vida quotidiana, portanto, devemos manter-nos em equilíbrio perante todos estes dons criados, na medida em que temos uma escolha e não estamos vinculados por uma obrigação. Não devemos fixar os nossos desejos na saúde ou na doença, na riqueza ou na pobreza, no sucesso ou no fracasso, numa vida longa ou numa vida curta. Porque tudo tem o potencial de suscitar em nós uma resposta mais profunda à nossa vida em Deus.



O nosso único desejo e a nossa única escolha devem ser estes: Eu quero e escolho o que melhor conduz ao aprofundamento da vida de Deus em mim.

Um exemplo deste Princípio e Fundação vivido na vida real é um jesuíta, que foi o santo patrono da Província Jesuíta da Catalunha. A extraordinária figura de São Pedro Claver pode ser resumida em três etapas.

1.- Para começar, foi batizado no dia 26 de junho de 1580, como consta do Registo de Batismo conservado no Arquivo Paroquial da vila de Verdú. O bom pároco acrescentou à inscrição estas palavras: **"Que Deus o faça um bom católico"**. E assim foi. Seguindo o seu desejo de se tornar padre, aos 17 anos mudou-se para Barcelona. Aí, com 22 anos, entra na Companhia de Jesus. Foi destinado ao Colégio dos Jesuítas em Palma de Maiorca, onde passou 3 anos. Durante esse período, Alonso Rodriguez, o porteiro, conhecido como uma pessoa santa, tornou-se seu amigo e professor. Este influenciou-o muito e encorajou-o a trabalhar no continente americano, descoberto pelos europeus no século anterior. Foi assim que Pedro Claver partiu de Sevilha a 15 de abril de 1610 e desembarcou em Cartagena das Índias, na atual Colômbia.

stória, marcado pela injustiça e pela crueldade da escravatura. Pedro Claver foi testemunha da
u como os escravos eram tratados. Começou a ir ao porto quando chegava um navio, acolhendo-os
com o coração aberto e um sorriso nos lábios, ao mesmo tempo que distribuía roupa, comida, bebida e doces. Como ele próprio
escreveu, não lhes falava com palavras, mas com as suas mãos e o seu trabalho. Era inútil falar-lhes de outra maneira. Ajoelhava-se
ao lado dos doentes, lavava-os, cuidava deles e tentava fazê-los felizes com todas as demonstrações de carinho que a natureza
humana pode dar para ajudar a aliviar o fardo de uma pessoa doente. A sua vida foi um belo exemplo de amor humano e evangélico
pelos seus queridos escravos. Cuidou deles materialmente, instruiu-os na fé e batizou-os, considerando-se sempre seu servo. A 3 de
abril de 1622, fez um compromisso solene que exprimiu com as seguintes palavras **"Escravo dos Escravos Negros para
sempre"**. Assinou-o e cumpriu-o com a sua vida.

3 - Foi canonizado pelo Papa Leão XIII, que disse que **"desde a vida de Cristo, nenhuma vida o tinha comovido tão profundamente como a vida de Pedro Claver"**.

Viveu na terra na pobreza e na liberdade, durante 74 anos, sofrendo com os que sofriam, um branco entre os negros, sempre como escravo dos escravos. Era um catalão de poucas palavras, mas prodigioso em heroísmo.

"Procurai Deus em todas as coisas e encontrá-lo-emos sempre ao nosso lado."

-São Pedro Claver SJ. (1580-1654). Encorajado pelo conselho de Santo Afonso Rodriguez SJ. a oferecer-se para trabalhar nas Américas, Pedro Claver passou o resto da sua vida em Cartagena (na atual Colômbia) ensinando e ministrando aos africanos escravizados, dos quais se diz que batizou mais de 300.000.

Aqui pode escrever os seus pensamentos de hoje:

Dia 2:

Notas: Insistimos que é muito útil dedicar algum tempo à oração introdutória, que exprime o objetivo fundamental da nossa peregrinação interior. Lembrem-se de que, se encontrarem "profundidade" numa palavra ou numa ideia, é melhor não irem mais longe, mas permanecerem aí, deixando que ela nos fale em profundidade. Hoje, recomenda-se que rezem com gratidão por tudo o que têm na vossa vida, pelos dons que receberam até agora e, por último, mas não menos importante, por estarem aqui!

Graça: Senhor, dá-me a graça de sentir o teu amor interiormente na minha vida, com uma profunda ação de graças.

Reflexões: Dedicamos um segundo dia a aprofundar, em oração, os pontos felizes da história da nossa vida. Enquanto caminha e reza, lembre momentos de felicidade e de graça, especialmente aqueles que agora vê como pontos de viragem na sua vida. Houve momentos em que sentiu particularmente a presença de Deus ao fazer uma escolha importante, ou momentos em que suportou uma grande tribulação que ultrapassou com a ajuda de Deus? Houve momentos em que sentiu a ausência de Deus, momentos em que não podia acreditar que Deus pudesse estar consigo? No entanto, Ele esteve sempre presente, como o seu melhor amigo, como um Pai terno, como uma Mãe carinhosa. Leve no seu coração todos esses momentos e sinta-se cheio de grande gratidão pelas pessoas e acontecimentos da sua vida passada: Deus está sempre a trabalhar no que nos rodeia. Porque não apresentar a Deus esses momentos e todas essas pessoas e dar graças por terem sido as Suas mãos e os Seus braços que o seguraram?

Escritura:

Lucas 1, 46-55 Com Maria, a minha alma glorifica o Senhor.

Lucas 12,22-34 Senhor, Tu conheces todas as minhas necessidades. Não devo preocupar-me.

Colóquio final: Resume a tua meditação em espírito de oração, falando com Maria como um filho ou uma filha fala com a sua mãe. Agora que estás perto do seu santuário, abre-te com ela sobre o que descobriste durante esta etapa do teu caminho.

Confiança dos doentes

Acima de tudo, confiar na lenta ação de Deus
É natural que sejamos impacientes em tudo para chegar ao fim sem demora.
Gostaríamos de saltar as fases intermédias.
Estamos impacientes por estarmos a caminho de algo desconhecido, de algo novo.
E, no entanto, é a lei de todo o progresso que se faz passando por algumas fases de instabilidade - e que pode demorar muito tempo.

E assim, penso que é convosco
as suas ideias amadurecem gradualmente - deixe-as
crescer, deixe-as moldar-se, sem pressa injustificada.
Não tente forçá-los,

como se pudesses ser hoje a que horas
(ou seja, a graça e as circunstâncias que actuam sobre a sua boa vontade) farão
de si amanhã.

Só Deus pode dizer o que será esse novo espírito que se vai formando em vós.
Dá a Nosso Senhor o benefício de acreditar que a sua mão te conduz, e aceita
a ansiedade de te sentires em suspenso e incompleto.

-Pierre Teilhard de Chardin SJ (1881-1955)

A tua opinião:

Dia 3:

Notas: Gostaríamos de insistir na importância de dedicar algum tempo à reflexão sobre a oração introdutória. Lembrem-se do que Inácio nos diz, que "conhecer e saborear algo interiormente" é mais importante do que saber muito. Por isso, não tenham pressa. Hoje começamos a considerar o nosso Princípio e Fundamento, reflectindo sobre o propósito para o qual fomos criados. É essencial ter uma visão de conjunto antes de entrar em pormenores mais tarde.

Graça: Senhor, dá-me a graça de sentir o teu amor interiormente na minha vida, com uma profunda ação de graças. Ajuda-me, Senhor, a descobrir o fundamento da minha vida, segundo a tua vontade.

Reflexões: Começamos por recordar que toda a nossa vida tem sido uma viagem espiritual. Ao caminhar hoje, dedique algum tempo a recordar de novo a história da sua vida e deixe a sua mente vaguear sobre ela em oração. Recorde o seu passado e deixe que Deus lhe mostre uma espécie de álbum de fotografias de momentos-chave, alguns dolorosos, outros alegres, que o trouxeram até esta fase atual da sua vida. Quem sou eu? Como é que cheguei a este ponto da minha vida? Que pessoas, acontecimentos ou lugares foram determinantes para moldar a pessoa que sou atualmente? Deixe que estas imagens venham à superfície, juntamente com os sentimentos de gratidão, dor ou oração que as acompanham.

Em contraste com os bons, há momentos, pessoas ou aspectos da sua vida que causam sentimentos de vergonha, que quer renegar e que também não consegue imaginar Deus a aceitar. Apresente esses momentos a Deus, com uma oração de aceitação e crescimento. Não precisa de sentir que se reconciliou completamente ou de "resolver" alguma coisa hoje; as pessoas e os momentos que recordou e os sentimentos que afloraram podem tornar-se temas de reflexão e

A oração é a melhor forma de caminhar com Deus nesta peregrinação. Estamos a viver o processo de "oferecer toda a nossa vida a Deus", que por vezes nos pode encher de alegria e gratidão, e outras vezes de arrependimento e vergonha. As graças que procuramos são a gratidão, a compreensão e a aceitação de nós próprios, e a consciência de que somos aceites por Deus. Pense em si como se estivesse a "garimpar ouro", peneirando a multidão de ideias que surgem à primeira vista até encontrar a "pepita", os aspectos da vida onde pode ter algo a aprender ou onde precisa de crescer. Deus pode levá-lo a refletir sobre eles.

Escritura:

Oséias 11,1-9. O seu amor por mim é um amor terno.

"Quando Israel era criança, era-me muito querido, e tirei o meu filho do Egito. Quando mandei chamá-los, eles afastaram-se de mim; fizeram oferendas aos Baals, queimando perfumes às imagens. Mas eu guiava os passos de Efraim; tomava-os nos meus braços, mas eles não se aperceberam de que eu estava disposto a fazê-los bem. Fi-los vir atrás de mim com as cordas de um homem, com os laços do amor; fui para eles como quem tira o jugo da sua boca, pondo a carne diante deles. Ele voltará para a terra do Egito e a Assíria será o seu rei, porque eles não quiseram voltar para mim. E a espada passará pelas suas cidades, consumindo os seus filhos e causando destruição por causa dos seus maus desígnios. O meu povo está entregue a pecar contra mim; embora a sua voz suba ao alto, ninguém o levantará. Como te entregarei, ó Efraim? como serei eu o teu salvador, ó Israel? como te farei como Admá? como te farei como fiz a Zeboim? O meu coração está virado para mim, está mole de piedade. Não porei em prática o calor da minha ira; não tornarei a enviar a destruição sobre Efraim; porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de vós; não vos porei fim".

Salmo 139, 1-14.17-18. Com admiração e reverência, lembro-me de como Deus cuidou de mim nos momentos de alegria e de dor, nos momentos de sucesso e de fracasso, nos momentos de fidelidade e de infidelidade.

"Senhor, tu conheces-me e investigas todos os meus segredos. Vós sabeis quando estou sentado e quando me levanto, e vedes de longe os meus pensamentos. Vigias os meus passos e o meu sono, e conheces todos os meus caminhos. Pois não há uma palavra da minha língua que não seja clara para ti, Senhor. Estou cercado por ti de todos os lados, e tu puseste a tua mão sobre mim. Tal conhecimento é uma maravilha maior do que as minhas forças; é tão elevado que não posso aproximar-me dele. Para onde me posso afastar do teu espírito? Como posso fugir de ti? Se eu subir ao céu, tu estás lá; ou se eu fizer a minha cama no mundo subterrâneo, tu estás lá. Se eu tomar as asas da alva, e for até aos confins do mar, até lá serei guiado pela tua mão, e a tua destra me guardará. Se eu disser: Deixa-me estar coberto de trevas, e a luz ao redor de mim seja noite; mesmo as trevas não são trevas para ti; a noite é tão brilhante como o dia; pois trevas e luz são a mesma coisa para ti. A minha carne foi feita por ti, e as minhas partes se uniram no corpo de minha mãe. Dar-te-ei louvores, porque fui formado de forma estranha e delicada; as tuas obras são grandes maravilhas, e disso a minha alma tem plena consciência. [...] Como me são caros os teus pensamentos, ó Deus, como é grande o número deles! Se eu contasse o seu número, seria mais do que os grãos de areia; quando estou acordado, ainda estou contigo."

Exercícios Espirituais, 5: *"É muito útil que aqueles que fazem os exercícios os comecem com grande coragem e generosidade para com o seu Criador e Senhor, oferecendo-Lhe todo o seu amor e liberdade, para que a sua Divina Majestade disponha da sua pessoa e de tudo o que têm segundo a sua santa vontade."*

Colóquio final: Resuma o que lhe veio à mente no seu tempo de oração, falando com Jesus como um amigo faz com outro. Seja honesto com ele sobre o que descobriu nesta etapa da sua viagem.

Chamaste-me pelo meu nome

Oh, Senhor meu Deus,
Chamaste-me do sono do nada só porque no teu
imenso Amor
quer criar seres bons e belos.
Chamaste-me pelo meu nome no ventre da minha mãe.
Deste-me fôlego, luz e movimento e acompanhaste-me em
todos os momentos da minha existência.
Estou maravilhado, Senhor Deus do universo,
por me atenderes e, mais ainda, por me estimares.
Cria em mim a fidelidade que te move,
e confiarei em ti e ansiarei por ti todos os meus dias.
Ámen.

-Joseph Tetlow SJ.

Dia 4:

Notas: Voltamos a insistir na necessidade de dedicar algum tempo à reflexão sobre a oração introdutória. Lembrai-vos também do que nos diz Inácio: mais importante do que saber muito é o "saber interior e o sabor interior". Por isso, não tenhas pressa. Hoje continuamos a nossa reflexão sobre o nosso Princípio e Fundamento.

A graça: Suplico-Vos, Senhor, que dirijais todas as minhas acções pela Vossa inspiração, que as conduçais pela Vossa ajuda graciosa, para que todas as minhas intenções e operações partam sempre de Vós e por Vós tenham um fim feliz.

Reflexões: As meditações anteriores recordaram-lhe onde esteve na sua vida e que Deus tem sido e continuará a ser uma presença fiel no seu percurso de vida. Hoje, a nossa meditação muda de foco. Reflectimos sobre o panorama mais amplo, o quadro maior e mais completo da sua vida, o significado da nossa jornada humana através da vida. Qual é o plano de Deus para nós, humanos? Qual é o objetivo da nossa peregrinação por este mundo? Nos Exercícios Espirituais, Inácio dá uma resposta direta mas profunda a estas questões: "*Deus criou-nos para O louvar, reverenciar e servir e, assim, salvar as nossas almas. Deus criou todas as outras criaturas para nos ajudar a alcançar este objetivo.*"

Esta afirmação é simples mas profunda. Deus criou-nos para a união com Ele (para "salvar as nossas almas", como diz Inácio). Nesta vida terrena, aproximamo-nos de Deus através do louvor e da gratidão pelas maravilhas deste planeta, reverenciando e mostrando um profundo respeito pelas pessoas e dons que Deus criou, e servindo Deus nos nossos semelhantes.

Atinjo a plena liberdade espiritual quando sou tomado tão completamente pelo amor de Deus que todos os desejos do meu coração e todas as acções, afectos, pensamentos e decisões que deles decorrem são dirigidos a Deus, meu Pai/Mãe, e ao seu serviço e louvor.

Começamos por refletir sobre o objetivo das nossas vidas: sabemos para que serve uma máquina de café. Para que servem os seres humanos?

Escritura:

Salmo 104. O Deus que me chama é o Deus que me criou e que fez tudo o resto porque me ama.

"Louva ao Senhor, ó minha alma. Senhor meu Deus, tu és muito grande, tu és revestido de honra e de poder. Estás vestido de luz como de um manto, estendendo os céus como uma cortina: O arco da tua casa assenta sobre as águas; fazes das nuvens a tua carruagem; vais nas asas do vento: Ele faz dos ventos os seus anjos, e das chamas de fogo os seus servos. Ele fez a terra forte sobre as suas bases, para que não se abale para todo o sempre, cobrindo-a com o mar como com um manto; as águas estavam altas sobre os montes; à voz da tua palavra, fugiram; ao som do teu trovão, afastaram-se com medo; os montes subiram e os vales desceram para o lugar que lhes preparaste. Fizeste um limite que eles não podiam ultrapassar, para que a terra nunca mais fosse coberta por eles. Enviaste as fontes para os vales; elas correm entre os montes. Dão de beber a todos os animais do campo; os jumentos monteses vêm a elas buscar água. As aves do céu repousam junto delas e cantam entre os ramos. Faz descer a chuva dos seus celeiros sobre os montes; a terra está cheia do fruto das suas obras. Ele faz crescer a erva para o gado, e as plantas para uso do homem, para que da terra saia o pão, e o vinho para alegrar

o coração do homem, e o azeite para fazer resplandecer o seu rosto, e o pão para fortalecer o seu coração. As árvores do Senhor estão cheias de crescimento, os cedros do Líbano da sua plantação; onde as aves têm o seu lugar de repouso; para a cegonha, as árvores altas são a sua casa. Os altos montes são um lugar seguro para as cabras montesas, e as rochas para os animais pequenos. Ele fez a lua para sinalizar as divisões do ano; ensinou ao sol a hora do seu ocaso. Quando escureces, é noite, quando todos os animais da floresta saem silenciosamente dos seus lugares secretos. Os leões jovens vão trovejando atrás da sua comida; procurando a sua carne de Deus. O sol nasce, e eles juntam-se, e voltam aos seus lugares secretos para descansar. O homem sai para o seu trabalho e para os seus negócios, até à tarde. Ó Senhor, como é grande o número das tuas obras! Com sabedoria as fizeste todas; a terra está cheia das coisas que fizeste. Ali está o mar grande e largo, onde há seres vivos, grandes e pequenos, mais do que se pode contar. Ali estão os navios; ali está o grande animal que fizeste como um brinquedo. Todos eles estão à tua espera, para lhes dares o alimento a seu tempo. Eles tomam o que lhes dás; estão cheios do bem que vem da tua mão aberta. Se o teu rosto está encoberto, eles ficam perturbados; quando lhes tiras o fôlego, eles acabam e voltam ao pó. Se envias o teu espírito, eles ganham vida; tu fazes nova a face da terra. Seja eterna a glória do Senhor; regozije-se o Senhor nas suas obras: Ao seu olhar a terra estremece, ao seu toque os montes soltam fumo. Cantarei ao Senhor toda a minha vida; cantarei ao meu Deus enquanto existir. Os meus pensamentos sejam doces para ele: Regozijar-me-ei no Senhor. Sejam exterminados da terra os pecadores e acabem todos os malfeitores. Louva ao Senhor, ó minha alma. Dai louvores ao Senhor".

Gênesis 22:1-18. Este texto sobre a fé e a liberdade de Abraão questiona a minha própria fé e liberdade.

"Depois destas coisas, Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: Abraão, e ele respondeu: Eis-me aqui. E disse-lhe: Toma o teu filho, o teu filho único e muito amado, Isaac, e vai à terra de Moriá e oferece-o em holocausto num dos montes de que te darei conhecimento. Abraão levantou-se de manhã cedo, preparou o seu jumento, tomou consigo dois dos seus jovens e Isaac, seu filho, e, depois de ter cortado a lenha para o holocausto, pôs-se a caminho para o lugar de que Deus lhe tinha falado. Ao terceiro dia, Abraão, levantando os olhos, viu o lugar muito longe. Então disse aos seus moços: Ficai aqui com o jumento; eu e o moço iremos adiante, prestaremos culto e voltaremos a vós. Abraão pôs a lenha para o holocausto sobre as costas de seu filho, e ele mesmo tomou o fogo e o cutelo na mão, e os dois seguiram juntos. Então Isaque disse a Abraão: Meu pai; e ele respondeu: Eis-me aqui, meu filho. E disse: Temos aqui lenha e fogo, mas onde está o cordeiro para o holocausto? Respondeu Abraão: Deus mesmo dará o cordeiro para o holocausto; assim foram juntos. Chegaram ao lugar que Deus lhe dera a conhecer; ali Abraão fez o altar, colocou a lenha sobre ele e, tendo apertado as faixas em volta de Isaque, seu filho, colocou-o sobre a lenha no altar. E, estendendo a mão, Abraão pegou no cutelo para matar o seu filho. Mas veio do céu a voz do anjo do Senhor, dizendo: Abraão, Abraão! E ele respondeu: Eis-me aqui. E disse: Não estendas a tua mão contra o menino, para lhe fazeres alguma coisa; porque agora estou certo de que o temor de Deus está no teu coração, porquanto não me negaste o teu filho, o teu único filho. E, levantando os olhos, Abraão viu uma ovelha presa pelos chifres no mato. Abraão tomou a ovelha e fez dela um holocausto em lugar de seu filho. E Abraão deu àquele lugar o nome de Yahweh-yireh, como se diz até hoje: No monte se vê o Senhor. E a voz do anjo do Senhor veio a Abraão uma segunda vez do céu, dizendo: "Eu fiz um juramento pelo meu nome, diz o Senhor, porque tu fizeste isto e não me escondeste o teu filho único muito amado, que eu certamente te darei a minha bênção, e a tua descendência será aumentada como as estrelas do céu e a areia à beira-mar; a tua descendência tomará a terra daqueles que estão contra eles; e a tua descendência será uma bênção para todas as nações da terra, porque tu fizeste o que eu te dei ordens para fazer".

Marcos 12:28-34. O meu princípio e fundamento é o amor de Deus.

Colóquio final: Resuma o que lhe veio à mente no seu tempo de oração, falando com Jesus como um amigo faz com outro. Seja honesto com ele sobre o que descobriu nesta etapa da sua viagem.

Deus da minha vida

Só no amor te posso encontrar, meu Deus.
No amor, as portas da minha alma abrem-se,
permitindo-me respirar um novo ar de liberdade
e esquecer o meu eu mesquinho.
No amor todo o meu ser flui
sair dos limites rígidos da estreiteza e da auto-afirmação ansiosa, que me
torna prisioneiro da minha própria pobreza e vazio.
No amor, todas as forças da minha alma fluem para ti, sem nunca
mais quererem voltar,
mas para se perderem completamente em ti,
porque pelo vosso amor sois o centro íntimo do meu coração, mais
próximo de mim do que eu próprio.

Mas quando te amo,
quando consigo sair do círculo estreito do eu e deixo para trás a
agonia inquieta das perguntas sem resposta,
quando os meus olhos cegos já não olharem apenas de longe e
de fora para o teu brilho inatingível, e muito mais quando tu
próprio, ó Incompreensível,
se tornaram através do amor o centro íntimo da minha vida,
então posso enterrar-me inteiramente em ti, ó Deus
misterioso, e comigo todas as minhas questões.

-Karl Rahner SJ (1904-84) foi um jesuíta alemão cujas investigações teológicas e reflexões orantes forneceram muito do vocabulário para a teologia pós-Vaticano II.

Algumas dicas inicianas para hoje: Autobiografia de Inácio: Igualada

Parece que a cidade de Igualada é o local onde Inácio decidiu comprar as suas vestes de peregrino, como descrito vários anos mais tarde:

"Chegado a uma grande aldeia não muito longe de Monserrate, decidi comprar uma peça de vestuário para usar na sua viagem para Jerusalém. Comprou, então, um pedaço de pano de saco mal tecido, cheio de fibras de madeira espinhosas. Com ele, fez uma veste que lhe chegava aos pés. Comprou também um par de sapatos de um material grosseiro, frequentemente utilizado para fazer vassouras. Nunca calçava apenas um sapato, não pelo conforto que lhe dava, mas porque a perna ficava muito inchada por andar a cavalo todo o dia e, para mortificação, usava um cordão atado bem abaixo do joelho. Por esta razão, achou que devia usar um sapato nesse pé. Comprou também um cajado de peregrino e uma cabaça para beber. Atou-os à sua sela".



Prestemos muita atenção a este ponto. Pode ser útil refletir sobre tudo o que "levamos connosco" e sobre tudo o que nos é pesado. Quais são as minhas "roupas bonitas" e outros "objectos de valor" que eu poderia "deixar" aos pés da Virgem de Montserrat? É possível adotar um estilo de vida mais conforme à peregrinação que estamos a fazer? Para mim, o que seria o equivalente ao saco e às sandálias de um peregrino? O que é que posso deixar para trás e o que é que não quero deixar para trás? Esta viagem ajudou-nos certamente a pôr muitas coisas em perspectiva e a questionar outras realidades. O que é que eu deixo para sempre diante da Virgem? Certamente que não são meros acessórios, mas sim tudo o que me impede de seguir Jesus mais de perto - certo?

Meu Senhor Deus, não faço ideia para onde estou a ir. Não vejo a estrada à minha frente.

Não posso saber ao certo onde é que isto vai acabar. Nem eu me conheço realmente, e o facto de pensar que estou a seguir a sua vontade não significa que o esteja a fazer realmente.

Mas acredito que o desejo de vos agradar vos agrada de facto. E espero ter esse desejo em tudo o que estou a fazer. Espero nunca fazer nada sem esse desejo. E sei que, se eu fizer isso, Tu me guiarás pelo caminho certo, embora eu não saiba nada sobre ele.

Por isso, confiarei sempre em ti, embora pareça estar perdido e na sombra da morte. Não temerei, pois estais sempre comigo e nunca me deixareis a enfrentar sozinho os meus perigos.

Ámen.

Dia 5: A presença de Maria e o caminhar com Ela em solidariedade com Jesus (Vigília de oração)

Notas: Já sabemos que é muito importante refletir sobre a oração introdutória. Devemos também ter em mente que não devemos ter pressa ao meditar. Hoje queremos refletir sobre todos os "meios" que Deus utiliza para nos mostrar o seu Amor, e sobre o uso que devemos dar a esses "meios".

A graça: Suplico-Vos, Senhor, que dirijais todas as minhas ações pela Vossa inspiração, que as conduzaís pela Vossa ajuda graciosa, para que todas as minhas intenções e operações partam sempre de Vós e por Vós tenham um fim feliz.

Reflexões: Hoje reflectimos mais sobre a nossa vida humana e como viver de modo a atingir bem o seu objetivo. Especificamente, consideramos mais profundamente esta frase dos Exercícios de Santo Inácio: *"As outras coisas que existem na face da terra foram criadas para os seres humanos, para os ajudar a atingir o fim para o qual foram criados."* Eis como Inácio revela algumas das implicações desafiantes desta frase: *"Devemos usar estas coisas na medida em que nos ajudam a atingir o nosso fim, e libertarmo-nos delas na medida em que nos impedem de o atingir. Para atingir este objetivo é necessário tornarmo-nos indiferentes a todas as coisas criadas, de modo a não procurarmos a riqueza em vez da pobreza, a honra em vez da desonra, uma vida longa em vez de uma curta, e assim por diante. Pelo contrário, devemos desejar e escolher apenas aquilo que é mais conducente ao fim para o qual fomos criados."*

Ser "indiferente", nas palavras de Inácio, significa ser "livre": isto é, somos livres de estar tão apegados, viciados, escravizados ou enfeitiçados por qualquer coisa criada ou meramente humana que nos impeça de viver de acordo com o nosso objetivo. Ou seja, não queremos ficar tão obcecados em viver uma vida terrena bem sucedida que a nossa vida passe a ser servir-nos a nós próprios e não servir a Deus e seguir o Seu plano. Queremos libertar-nos de tudo o que nos possa impedir de sermos livres para o nosso verdadeiro objetivo. Queremos colocar o amor de Deus acima de qualquer amor meramente humano. Queremos viver uma vida equilibrada e ordenada: uma vida em que tenhamos uma relação correta com as outras pessoas, com o dinheiro e com as coisas, de modo a não nos tornarmos escravos de nenhum deles. Embora as coisas criadas possam ajudar-nos a alcançar o nosso objetivo, podem também distrair-nos dele, se nos concentrarmos nelas em vez de no nosso objetivo maior. Não devemos confundir as ambições terrenas com o objetivo da vida e permitir que elas tomem o lugar de Deus.

Faça uma lista das pessoas que admira neste domínio. O que é que admira nelas? Talvez possa imaginar pessoas santas do passado ou pessoas que conhece atualmente, cujas vidas demonstram este equilíbrio saudável e liberdade. Este não é o momento de se julgar a si próprio

sobre os pontos em que pode estar a ficar aquém das expectativas (reflectirá sobre o seu próprio desempenho mais tarde). De momento, estamos a tentar desenvolver um sentido claro de objetivo e um sentido claro dos ideais a que queremos aspirar na nossa vida.

Escritura:

Salmo 8. O que é um ser humano frágil, para que te lembres dele?

"Senhor, Senhor nosso, cuja glória é mais alta do que os céus, quão nobre é o teu nome em toda a terra! Até da boca dos bebés ao peito fizeste sair a tua força, por causa dos que se opõem a ti, para envergonhares o homem cruel e violento. Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas, que puseste nos seus lugares, que é o homem, para que te lembres dele? o filho do homem, para que o tenhas em conta? Pois só o fizeste um pouco mais baixo do que os deuses, coroando-o de glória e de honra. Fizeste-o dominador das obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo dos seus pés; todas as ovelhas e bois, e todos os animais do campo; as aves do céu e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas profundezas dos mares. Senhor, Senhor nosso, quão nobre é o teu nome em toda a terra!"

Romanos 8: 5-6; 12-18. Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Aqueles que vivem de acordo com o Espírito colocam suas mentes nas coisas do Espírito.

Filipenses 1,21-26; 3,7-16; 4,10-13. Aqui e agora, até que ponto me posso identificar com a atitude de São Paulo?

Colóquio final: Resuma o que lhe veio à mente durante o seu tempo de oração, falando com Jesus como um amigo faz com outro. Seja honesto com ele sobre o que descobriu nesta etapa da sua viagem.

Resignação perfeita por São José Pignatelli SJ

Meu Deus,
Não sei o que me vai acontecer hoje.
Mas estou certo de que nada me pode acontecer que não tenha sido previsto,
decretado e ordenado por ti desde toda a eternidade.
Isso é suficiente para mim.
Adoro os vossos desígnios impenetráveis e eternos,
aos quais me submeto de todo o coração.
Desejo, aceito-os a todos,
e uno o meu sacrifício ao de Jesus Cristo, meu divino Salvador.
Peço em seu nome e pelos seus méritos infinitos, paciência nas minhas provações,
e a perfeita e inteira submissão a tudo o que me vier pela vossa boa vontade. Amém.

-São José Pignatelli SJ (1737-1811) permaneceu fiel à sua vocação jesuíta mesmo depois de a Companhia de Jesus ter sido suprimida em 1773. Confiando na providência de Deus, encontrou muitas maneiras de se manter em contacto com os membros dispersos da Companhia. A Companhia de Jesus foi restaurada a 7 de agosto de 1814, pelo Papa Pio VII.



Igreja do Mosteiro em 1805, antes da destruição pelas tropas napoleónicas.

Algumas dicas inicianas para hoje: Autobiografia de Santo Inácio, Montserrat

*Em Montserrat, somos um lugar muito especial para Inácio de Loyola e muitos outros peregrinos do seu tempo. A montanha de Montserrat é reconhecida por muitos como um lugar de grande presença espiritual. Chamada por alguns de "Montanha Mágica", a tradição lembra-a como um lugar onde a presença do Espírito é "natural". Deixemos que cada um de nós seja levado adiante pelo fluxo desta mesma força espiritual, como foi Inácio.
nde liberdade de coração para o seu maior serviço.*

"Proseguiu a sua viagem para Montserrat, pensando, como de costume, nas grandes acções que iria realizar por amor de Deus. Como a sua mente estava cheia das aventuras de Amadis da Gália e de livros semelhantes, vieram-lhe à mente pensamentos sobre essas aventuras. Resolveu, por isso, passar toda a noite em vigília de armas, sem nunca se sentar nem se deitar, mas de pé um pouco e depois ajoelhado diante do altar de Nossa Senhora de Monserrate. Aí depunha os seus trajes finos e vestia-se com a armadura de Cristo. Quando chegou a Montserrat, passou muito tempo em oração. Com o consentimento do seu confessor, passou três dias inteiros a escrever uma confissão geral dos seus pecados. Com a permissão do seu confessor, fez com que abandonasse o seu cavalo e pendurasse a sua espada e o seu punhal na igreja, no altar de Nossa Senhora. Este confessor foi a primeira pessoa a quem falou da sua resolução de se dedicar à vida espiritual. Até então, não tinha revelado este propósito a nenhum confessor.

Na véspera da Anunciação de Nossa Senhora, 24 de março de 1522, aproxima-se de um mendigo. Tirou as suas roupas caras e deu-as a esse homem. Depois vestiu a túnica de peregrino que tinha comprado anteriormente e foi ajoelhar-se diante do altar de Nossa Senhora. Alternando entre ajoelhar-se e ficar de pé, passou toda a noite com o seu cajado na mão. "

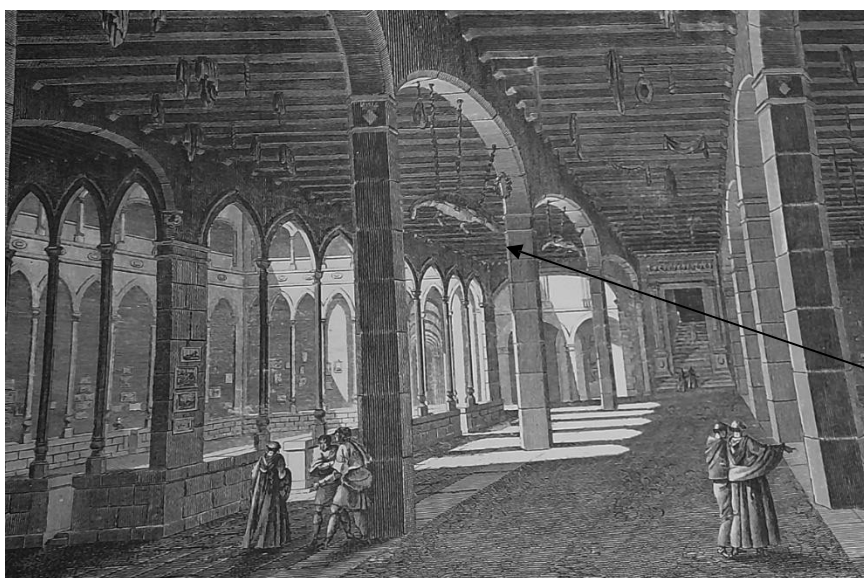
Passar um período mais longo de oração na capela da Virgem de Montserrat. Rezar com o texto de 1 Coríntios 12,1-11, pedindo a Deus para receber os dons do Espírito Santo nas nossas vidas, tudo para a maior glória de Deus. Aqui também trocamos as nossas roupas velhas e vestimos as que "descobrimos" em Igualada: uma vida nova precisa de roupas novas! O que é que eu deixo aqui em Montserrat? O que é que vou levar para casa?

A Basílica de Montserrat foi destruída e reconstruída em vários momentos da sua história, ao ritmo das guerras que assolaram a região. De cada vez, a igreja foi reconstruída um pouco mais para trás, mais perto da montanha. No pórtico de entrada, junto ao átrio da igreja atual, perto da estátua de Inácio, vê-se um círculo negro no chão com uma frase gasta escrita no chão que nos recorda que foi aqui que Inácio fez a sua oferta à Virgem.

Oração de Reconciliação

Senhor Cristo, ajuda-nos a ver o que é
que nos une, não o que nos separa.
Porque quando vemos apenas o que nos torna diferentes,
apercebemo-nos com demasiada frequência do que está errado
nos outros.
Vemos apenas os seus defeitos e fraquezas,
interpretando as suas acções como resultantes de malícia ou ódio e não de medo.
Mesmo quando confrontado com o mal, Senhor,
perdoou e sacrificou-se em vez de procurar vingança.
Ensina-nos a fazer o mesmo pelo poder do teu Espírito.

-William Breault SJ é um escritor e artista que reside na Califórnia. Publicou livros de reflexões orantes.



Claustro com ex-votos do mosteiro de Montserrat antes da sua destruição em 1811. Aí podemos observar a presença de um dragão, um dragão de Komodo dissecado que pende do teto, oferenda que foi depositada por um devoto marinheiro catalão a Nossa Senhora de Montserrat em meados do século XVI.



Dia 6: descida a Manresa, com a Alegria do Espírito

Notas: Uma grande alegria acompanha-nos durante esta etapa da viagem "exterior". A meta tão desejada de Manresa está próxima! Lembrem-se da "oração introdutória" e do colóquio final, tanto no fim da oração como durante o dia. Que os nossos corações estejam cheios da força do Espírito Santo, aqui em Montserrat e a caminho de Manresa, e que a força do Espírito nos acompanhe neste dia marcante das nossas vidas. O caminho inaciano de hoje convida-nos a continuar a nossa peregrinação interior.

A graça: Peço a Deus que me alegre profundamente com Cristo, pois também eu fui enviado ao mundo para servir a Sua missão. Peço a Deus que me conceda o Espírito Santo para poder acompanhar melhor Jesus na sua missão de reconciliar o mundo e dar vida a todas as pessoas.

Reflexões: Todos os dias, o Espírito de Deus confirma-nos na missão que recebemos de Cristo. Além disso, o mesmo Espírito permanece connosco e fortalece-nos nas dificuldades que se nos deparam. Seguimos a dinâmica dos dias anteriores: Jesus, nosso Princípio e Fundamento, o verdadeiro Rei, convida-nos a acompanhá-lo na sua conquista do bem contra a destruição absurda de tudo o que é humano. O Espírito fortalece-nos na nossa viagem pelo mundo, pregando a Boa Nova.

O Espírito derruba barreiras e abre caminhos. O Espírito cria fraternidade, cria comunidade e faz surgir a imagem de Deus no mundo. O Espírito desperta-nos, ilumina-nos, elimina a nossa surdez e a nossa cegueira. O Espírito lança-nos e empurra-nos para a frente e não nos deixa ficar parados durante muito tempo. O Espírito desafia-nos, afasta-nos das nossas comodidades e rompe com os nossos esquemas bem planeados. O Espírito enche-nos de compaixão, de amor e de desejo de solidariedade. O Espírito eleva-nos, ajuda-nos a sonhar e exalta-nos. No Espírito, podemos esperar tudo, podemos suportar tudo, podemos realizar tudo. O Espírito é a presença real de Deus na nossa vida quotidiana.

Desde o início da nossa peregrinação, temos estado a "respirar" o Espírito. Hoje, pedimos uma consciência profunda da presença do Espírito Santo em nós. Onde é que encontro o Espírito a trabalhar em mim? Nos outros? Reconheço a "ação" do Espírito no mundo? Lembre-se de implorar esta graça tão importante.

Escritura:

João 16:5-15. Recordo as palavras de Jesus sobre a ação do Espírito Santo.

Actos 2:1-21. A promessa da vinda do Espírito cumpre-se no dia de Pentecostes.

Actos 10:44-48. Enquanto Pedro falava, o Espírito Santo desceu sobre todos os que estavam a ouvir. A obra de evangelização tinha começado. Peço-vos que abracem este desafio com energia e empenho.

Lucas 4:14-20. Jesus regressou à Galileia, cheio do poder do Espírito. Rezo para que o meu regresso a casa seja também cheio de o Espírito. Preciso do Espírito Santo de Deus para cumprir a missão do Reino de Deus.

Colóquio final: Nesta fase da nossa peregrinação interior, estamos habituados a caminhar com o nosso amigo e Senhor, Jesus Cristo, falar livremente como um amigo faz com outro. Concluir com o "Pai Nosso".

Algumas dicas inicianas para hoje: Autobiografia de Santo Inácio: *Manresa*

Estamos agora a caminho de Manresa, com uma roupa nova e um profundo desejo interior de fazer tudo para a maior glória de Deus. No entanto, também sentimos fortemente que os bons propósitos nunca são fáceis, mesmo quando são feitos com as melhores intenções do coração.

"Depois de ter recebido o Santíssimo Sacramento, partiu ao nascer do dia. Para não ser reconhecido, evitou o caminho direto que leva a Barcelona, pois poderia encontrar aqueles que o conheciam e o honravam. Em vez disso, tomou um caminho que o levou a uma cidade chamada Manresa. Aqui decidi ficar alguns dias no hospital e escrever algumas notas num pequeno livro que, para seu consolo, trazia consigo com muito cuidado. A cerca de três quilómetros de Montserrat, foi surpreendido por um homem que vinha atrás dele com muita pressa. Este homem perguntou-lhe se tinha dado alguma roupa a um pobre, como o homem lhe tinha dito. O Peregrino respondeu que, de facto, as tinha dado a um mendigo. Quando soube que esse homem tinha sido maltratado por ser suspeito de ter roubado as roupas, os olhos do Peregrino encheram-se de lágrimas de compaixão por esse mendigo. E por mais que tentasse evitar os elogios e a estima, não demorou muito tempo em Manresa para que as pessoas comesçassem a falar muito bem dele, por causa do que aconteceu em Montserrat. A sua reputação aumenta de dia para dia. Não tardou muito para que se dissesse mais do que era verdade, que ele tinha renunciado a uma grande fortuna, e outras coisas semelhantes que não eram factuais. "

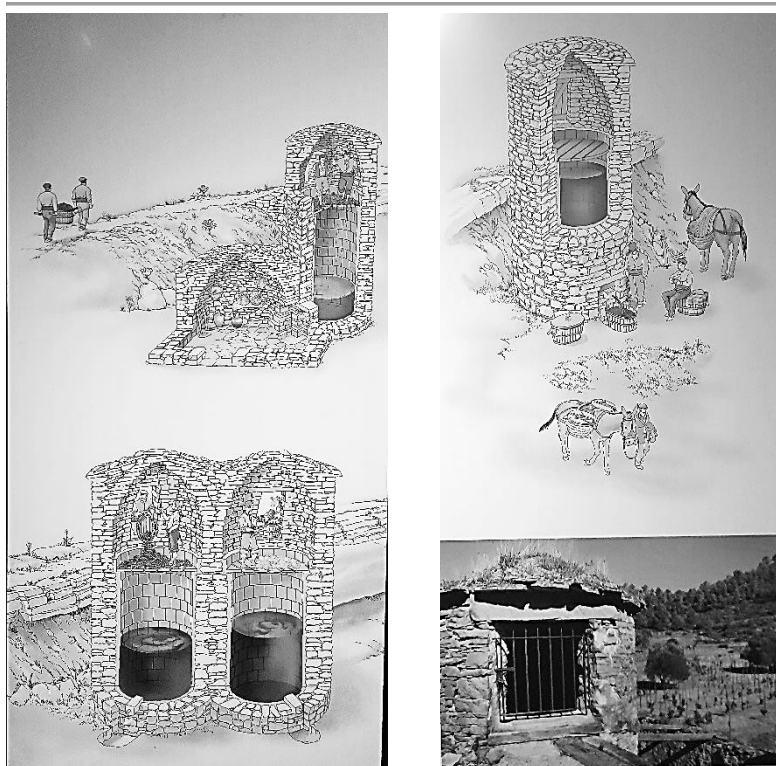
Os "alguns dias" que Inácio planeou passar em Manresa tornaram-se mais de dez meses de crescimento pessoal. Deus não tinha pressa com ele e, graças a Deus, Inácio não estava muito ansioso por deixar esta cidade que o acolheu de braços abertos, apesar das suas excentricidades. O peregrino inaciano pode muito bem querer imitar algumas qualidades deste "cavalheiro convertido". Talvez seja altura de parar numa barbearia para fazer um bom corte de cabelo.

O Girassol, de Leslie Savage (um peregrino inaciano)

Passeando por um belo jardim que rodeia um labirinto, deparei-me com um único girassol, tão poético e belo na sua reverência ao sol. O seu caule sólido e firme e as suas pétalas amarelas radiantes, que brotavam de um rico centro castanho virado diretamente para o sol, deixaram-me sem fôlego. Parecia adorar a sua ligação a esta fonte de vida, energia para a sua existência.

Parecia sem pudor, ousado, desinibido e forte, mostrando a sua devoção a Deus, o seu criador e fonte de vida - reverente, aberto e exposto na sua adoração. A imagem do girassol ligou-se a algo tão poderoso em mim que não posso refutar essa mesma ligação ao Divino. Tal como o girassol, que tão corajosamente admite e submete sem vergonha que o seu alinhamento e dependência para a vida é o sol, espelha espiritualmente a minha ligação interior e dependência do Divino como minha fonte de vida.

Já se aperceberam que temos um girassol à entrada da Gruta de Santo Inácio? Já se apercebeu que o nosso Sol Inaciano do Caminho Inaciano é também o nosso Girassol?



Produção de vinho perto das vinhas

Dia 7: Manresa

Notas: Hoje começamos a considerar a presença do mal nas nossas vidas. Somos chamados a sentir a dor dos nossos pecados. É um "dia sombrio", quando descobrimos esta grave realidade. Inácio pede-nos que estejamos nesse estado de espírito durante a nossa meditação, a nossa caminhada, o nosso dia. Os Jesuítas definiram-se da seguinte forma: *"O que é ser um Jesuíta? É saber que se é pecador, mas chamado a ser companheiro de Jesus, como Inácio o foi. O que é ser um companheiro de Jesus hoje? É empenharmo-nos, sob o estandarte da Cruz, na luta crucial do nosso tempo: a luta pela fé e a luta pela justiça que ela inclui."* (Congregação Geral 32:11-12)

A graça: Tendo tomado consciência do objetivo para o qual fui criado e da vocação para a qual Deus me convida, peço-Lhe que compreenda profundamente o pecado que há em mim e as tendências desordenadas da minha vida, para que possa sentir vergonha e confusão e recorrer a Ele para obter a cura e o perdão.

Reflexões: Hoje vamos rezar pela graça de uma compreensão mais profunda da realidade do nosso mundo pecaminoso. Hoje assumimos uma realidade incômoda e estranha: O meu próprio pecado. O facto de sermos pecadores não se aplica apenas aos criminosos réprobos: cada um de nós é um pecador, começando pelo Papa até ao réprobo desgraçado que ocupa as notícias desta manhã. Cada um de nós tem padrões habituais de rebelião contra o projeto de Deus: quais são os meus? Um salmo declara: *"O Senhor ouve o clamor dos pobres"*. E quanto a mim? Há maneiras pelas quais não tenho habitualmente escutado "os necessitados" que se cruzam no meu caminho: os pobres, os idosos, os impopulares, os marginalizados, etc.? Houve formas em que usei ou abusei de outras pessoas para satisfazer a minha própria necessidade de atenção, dinheiro, sexo, aprovação, conforto?

Hoje procuramos a graça de compreender a nossa própria pecaminosidade. Demasiadas vezes, a nossa cultura "anestesia-nos" para não assumirmos a responsabilidade pela nossa falsa maneira de pensar e pelos nossos erros. Aristóteles declarou uma vez que *"a vida não examinada não vale a pena ser vivida"*. Precisamos de examinar os nossos defeitos e falhas habituais: as bolsas de escuridão nas nossas vidas, os hábitos que se tornaram "normais". Aqueles que nos arrastam para baixo e nos impedem de viver numa relação correta com Deus, com os outros e com o mundo de Deus. Podemos pedir a Deus a coragem de descobrir os nossos pontos cegos, de nos confrontarmos connosco próprios e com a nossa pecaminosidade, para a abominarmos.

Não deixe de falar com Deus e com Jesus. Sentirmo-nos abandonados no nosso pecado é exatamente o oposto da graça que procuramos para este dia. A nossa pecaminosidade não nos deve fazer chafurdar na autocomiseração ou na depressão; em vez disso, pedimos exatamente a graça oposta - um sentido de admiração e gratidão por ser um "pecador amado", tão amado por Deus que deu o Seu Filho unigénito por mim, tão amado que, embora Ele conheça plenamente a extensão dos meus pecados, o Seu amor permanece intacto e o Seu desejo de parceria e amizade comigo é totalmente inalterado. A partir da sua própria experiência aqui em Manresa, Inácio convidame a experimentar uma vergonha genuína pela minha pecaminosidade, juntamente com uma grande maravilha por ainda estar aqui e vivo: a maravilha de ser um pecador, mas também amado e redimido. Procuo uma *cura interior*, sabendo que sou um pecador que é amado.

Escritura:

Lucas 15:1-7. Jesus recebe os pecadores e come com eles.

Lucas 5:1-11. Eu digo a Jesus: Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um

pecador! 2Cor 12,8-10. Quando sou fraco, então é que sou forte.

Colóquio final: *"Imaginando Cristo Nosso Senhor diante de mim, pendurado numa cruz, fale com Ele, perguntando-lhe como o Criador se fez homem por mim, e veio da vida eterna para a morte temporal, e assim morreu pelos meus pecados. Do mesmo modo, olhando para mim mesmo, pergunto o que fiz por Cristo, o que estou a fazer por Cristo, o que devo fazer por Cristo; e assim, vendo-o assim, pendurado na cruz, discuto o que me ocorre. O diálogo faz-se como um amigo fala com outro, ou um servo com o seu senhor; ora pedindo uma graça, ora culpando-me de um erro, ora falando dos meus assuntos e pedindo conselhos sobre eles. Concluir dizendo um Pai-Nosso. "*

Oração para uma nova vida através da morte para o pecado

Pela vossa santíssima paixão e morte,
Peço-vos, Senhor, que me concedais uma vida
santíssima e uma morte completa de todos os meus
vícios
e paixões e amor-próprio,
e que me concedas a visão da tua santa fé, esperança e caridade.

-Santo Afonso Rodriguez SJ (1531-1617) foi um irmão leigo jesuíta espanhol e diretor espiritual. Sob a sua influência, Pedro Claver, que viveu com ele durante algum tempo em Maiorca, seguiu os seus conselhos ao pedir as missões da América do Sul.

Algumas sugestões inicianas para hoje: Autobiografia de Santo Inácio: *Inácio, pecador... mas amado por Deus*

Apesar de ter fugido tão ansiosamente dos elogios dos homens, não permaneceu muito tempo em Manresa antes de lhe serem narradas muitas coisas maravilhosas. Esta fama resultava do que se passara em Monserrate. A sua fama aumentava de dia para dia. Os homens rivalizavam entre si para acrescentar algumas particularidades sobre a sua santidade, declarando que tinha abandonado imensas rendas, e outras coisas maravilhosas, sem grande consideração pelos factos reais.

Em Manresa vivia das esmolas que pedia diariamente. Nunca comia carne nem bebia vinho, embora lhos oferecessem. Aos domingos, porém, nunca jejuava e, se lhe ofereciam vinho, bebia-o com moderação. Antigamente, tinha muito cuidado com o seu cabelo, que usava, e, na verdade, não de forma imprópria, à maneira dos jovens da sua idade; mas agora decidiu deixar de cuidar dele, não o pentear nem cortar, e dispensar qualquer cobertura para a sua cabeça, tanto de dia como de noite. Para se castigar pela excessiva delicadeza com que antes cuidava das mãos e dos pés, resolveu agora negligenciá-los.

Foi durante a sua estadia no hospital de Manresa que se deu o seguinte acontecimento estranho. Muitas vezes, numa noite clara de luar, aparecia no pátio diante dele uma forma indistinta que ele não conseguia ver com clareza suficiente para saber o que era. No entanto, parecia tão simétrica e bela que a sua alma se enchia de prazer e alegria quando a contemplava. Tinha algo da forma de uma serpente com olhos brilhantes, mas não eram olhos. Sentiu uma alegria indescritível ao ver este objeto. Quanto mais vezes o via, maior era a consolação que dele retirava e, quando a visão o abandonava, a sua alma enchia-se de dor e tristeza.

Até então, ele tinha permanecido num estado constante de tranqüilidade e consolação, sem qualquer conhecimento interior das provações que cercam a vida espiritual. Mas durante o tempo que durou a visão, às vezes por dias, ou um pouco antes, sua alma foi violentamente agitada por um pensamento que lhe trouxe não pouca inquietação. Passou-lhe pela mente a idéia da dificuldade que acompanhava o tipo de vida que ele havia começado, e ele sentiu como se ouvisse alguém sussurrando para ele: "Como você pode manter por setenta anos de sua vida essas práticas que você começou?" Sabendo que esse pensamento era uma tentação do maligno, ele expulsou-o com esta resposta: "Podes tu, miserável, prometer-me uma hora de vida?" Assim venceu a tentação, e a sua alma foi restituída à paz. Esta foi a sua primeira provação, para além das que já foram narradas, e ocorreu-lhe subitamente um dia, quando entrava na igreja. Estava habituado a ouvir missa todos os dias e a assistir às Vésperas e às Complinas - devoções de que retirava grande consolação. Durante a Missa, lia sempre a história da Paixão, e a sua alma enchia-se de um sentimento alegre de calma ininterrupta.

Pouco depois da tentação de que acabámos de falar, começou a sentir grandes mudanças na sua alma. De um momento para o outro, ficou privado de toda a consolação, de modo que não sentia prazer na oração vocal, na audição da missa ou em qualquer exercício espiritual. Noutra momento, pelo contrário, de repente, sentiu como se toda a tristeza e desolação lhe tivessem sido retiradas, experimentando o alívio de quem, de repente, tivesse sido retirado um pesado manto dos ombros. Ao aperceber-se de tudo isto, ficou surpreendido, perguntando-se qual seria o significado destas mudanças que nunca antes tinha experimentado, e disse para consigo: "Que novo tipo de vida é esta em que estou a entrar?"

Estava em constante ansiedade [pensando na sua vida passada]. Nessa altura, vivia no mosteiro dominicano, numa pequena cela que os Padres lhe tinham destinado. Mantinha o costume de rezar de joelhos dobrados durante sete horas por dia, e flagelava-se três vezes por dia e durante a noite. Mas tudo isto não lhe tirava os escrúpulos que o atormentavam há meses. Um dia, quando estava terrivelmente atormentado, começou a rezar. Durante a sua oração, gritou a Deus em voz alta: "Senhor, ajuda-me, porque não encontro remédio entre os homens, nem em nenhuma criatura! Se eu pensasse que podia encontrar um, nenhum trabalho me pareceria demasiado grande. Mostra-me um! Senhor, onde é que posso encontrar um? Estou disposto a fazer qualquer coisa para encontrar alívio".

Enquanto era torturado por estes pensamentos, teve várias vezes a violenta tentação de se atirar pela grande janela da sua cela. Esta janela ficava muito perto do local onde estava a rezar. Mas, como sabia que seria pecado tirar a própria vida, começou a rezar: "Senhor, não farei nada que Te ofenda". Repetia estas palavras frequentemente com a sua oração anterior, quando lhe veio à mente a história de um certo homem santo que, para obter de Deus algum favor que desejava ardentemente, passou muitos dias sem comer, até obter o favor que pedia. Ele decidiu fazer o mesmo. Resolveu, no seu coração, não comer nem beber até que Deus olhasse para ele com misericórdia, ou até que se encontrasse à beira da morte; só então comeria.

Esta resolução foi tomada num domingo, depois da comunhão, e durante uma semana inteira não comeu nem bebeu nada; entretanto, praticou as suas penitências habituais, recitou o Ofício Divino, rezou de joelhos às horas marcadas e levantou-se à meia-noite. No domingo seguinte, quando se ia confessar, como tinha o hábito de contar ao seu confessor tudo o que tinha feito, até ao mais pequeno pormenor, disse-lhe que não tinha comido nada durante a semana passada. O confessor mandou-o quebrar o jejum. Embora sentisse que ainda tinha forças suficientes para continuar sem comer, obedeceu ao seu confessor e, nesse dia e no seguinte, não teve escrúpulos. Mas no terceiro dia, que era terça-feira, quando estava a rezar, voltou a lembrar-se dos seus pecados. Um foi-se sucedendo ao outro, até que passou em revista, um após outro, todos os seus pecados passados. Pensou então que devia repetir a confissão geral. Depois destes pensamentos, apoderou-se dele uma espécie de repugnância, de tal modo que sentiu vontade de abandonar a vida que levava. Nesse estado, Deus teve a bondade de despertá-lo do sono e aliviá-lo da angústia. Como ele tinha adquirido alguma experiência no discernimento dos espíritos, aproveitou as lições que tinha aprendido de Deus e começou a examinar como aquele espírito tinha entrado na posse da sua alma; então resolveu nunca mais falar dos seus pecados passados em confissão. A partir desse dia, ficou livre de escrúpulos e teve a certeza de que era a vontade do nosso misericordioso Senhor livrá-lo da sua angústia de alma.

Para além das sete horas consagradas à oração, dedicava uma parte do seu tempo à assistência às almas que o procuravam para pedir conselhos. Durante o resto do dia, entregava os seus pensamentos a Deus, reflectindo sobre o que tinha lido ou meditado nesse dia. Quando se retirava, acontecia muitas vezes que lhe ocorriam maravilhosas iluminações e grandes consolações espirituais, de modo que ele abreviava o pouco tempo que já tinha destinado ao sono. Uma vez, ao reflectir sobre este assunto, concluiu que tinha dado tempo suficiente para conversar com Deus, e que, além disso, o dia inteiro também lhe tinha sido dado. Depois, começou a duvidar que essas iluminações fossem do Bom Espírito. Por fim, chegou à conclusão de que seria melhor renunciar a uma parte e dar tempo suficiente para dormir. Foi o que fez.

Nessa altura, Deus tratou-o como um professor que instrui um aluno. Terá sido por causa da sua ignorância, do seu embotamento, ou porque não tinha mais ninguém para o ensinar? Ou por causa da firme vontade de servir a Deus, que o próprio Deus lhe havia inspirado, pois a luz que lhe foi dada não poderia ser maior? Ele estava firmemente convencido, tanto naquela época quanto depois, de que Deus o havia tratado assim porque era o melhor treinamento espiritual para ele.

Inácio viveu um processo aqui em Manresa: como é que se sente em relação ao seu próprio processo? E o pecado nas nossas vidas? A história de Inácio pode trazer alguma luz ao teu próprio caminho interior?

ARREBATAMENTO - ÊXTASE DE ÍÑIGO DE LOYOLA

Be Still, My Soul (Kathrina von Schlegel, traduzida para inglês por Jane Borthwick (1855))



Acalma-te, minha alma; o Senhor está do teu lado; suporta com paciência a cruz da dor ou do sofrimento; deixa que o teu Deus ordene e providencie; em todas as mudanças ele permanecerá fiel.

Sossega, minha alma; o teu melhor, o teu amigo do céu através de caminhos espinhosos conduz a um final feliz.

Acalma-te, minha alma; o teu Deus encarregar-se-á de guiar o futuro como guiou o passado; a vossa esperança, a vossa confiança, que nada se abale; tudo o que é misterioso será finalmente luminoso.

Acalma-te, minha alma; as ondas e os ventos ainda conhecem a voz d'Aquele que os governou enquanto ele viveu cá em baixo.

Acalma-te, minha alma; está a chegar a hora
em que estaremos para sempre com o
Senhor,
quando o desapontamento, a dor e o medo desaparecerem,
a tristeza for esquecida, as alegrias mais puras do amor
forem restauradas.
Sossega, minha alma; quando a mudança e as
lágrimas tiverem passado, todos seguros e
abençoados, encontrar-nos-emos finalmente.

Salmos 23:

O Senhor cuida de mim como seu filho/filha; nada de bom me faltará. Ele faz de mim um lugar de
repouso nos campos verdejantes; é o meu guia junto às águas tranquilas.

Ele dá nova vida à minha alma: é o meu guia nos caminhos da justiça, por causa do seu nome.

Sim, ainda que eu atravesse o vale da sombra profunda, não temerei o mal, porque tu estás comigo, a tua vara e o teu amparo são o meu
conforto.

Puseste óleo na minha cabeça; a minha taça transbordou.

Na verdade, a bênção e a misericórdia estarão comigo todos os dias da
minha vida; e terei um lugar na casa do Senhor todos os meus dias.

Dia 8:

Notas: Continuamos a refletir sobre a presença do mal na vida, mas agora olhamos para o mal no mundo. Tentamos tomar consciência das nossas próprias faltas e das faltas do nosso povo e da sociedade em geral. Inácio aconselha-nos novamente a manter um "dia sombrio", como ajuda para descobrir o pecado no nosso mundo e experimentar a sua realidade. Assim, mantemos esse "estado de espírito triste" para a meditação, para nos ajudar a entrar melhor nesta consideração do mal.

A graça: Consciente do fim para que fui criado e do chamamento que Deus me faz, peço-Lhe uma compreensão profunda dos pecados do mundo e das tendências desordenadas da minha vida, para que possa sentir vergonha e confusão e recorrer a Ele para obter a cura e o perdão.

Reflexões: Nos últimos dias, temos refletido sobre o plano de Deus para os seres humanos e a harmonia que resulta da boa ordem das nossas relações com as outras pessoas e com o mundo. Hoje, refletimos sobre a realidade do pecado: a desordem grosseira que existe no nosso mundo. O pecado não é apenas um acidente ou um erro. Pelo contrário, o pecado significa que as pessoas escolhem deliberadamente trazer a desordem e o caos para a sua vida e para a vida dos outros devido a um apego grosseiro: o vendedor que engana os clientes para enriquecer, o proxeneta que vende crianças como escravas sexuais, o funcionário público que rouba dinheiro e permite que os cidadãos vivam na miséria, o cônjuge cujos filhos não recebem o amor que merecem, o político que mente e engana para obter poder.....

Reflicta hoje não tanto sobre a sua história pessoal como pecador, mas sobre a dura e cruel realidade do pecado no nosso mundo e a desordem, a dor e o caos que ele provoca. O pecado tem consequências. Reflicta também sobre a realidade de Cristo pendurado na cruz, uma imagem que está consagrada no centro, por cima do altar, em todas as igrejas católicas. Cristo entrou na história e sofreu em resposta à pecaminosidade humana, para redimir os homens e mostrar-lhes um caminho melhor. Procurai apreciar o que a nossa cultura perdeu hoje: a consciência da realidade do pecado. Recorde as imagens do nosso Mundo em Dor, que sofre por causa da injustiça que actua em quase todas as relações e intercâmbios humanos. Analisem a crise económica e as suas causas. Pense nas raízes do pecado e do egoísmo no mundo. Enquanto caminha, reze para ter uma visão clara do pecado que actua sem vergonha nas nossas vidas. E reza para que sintas a desordem na tua própria vida e a vergonha dela.

Escritura:

Jeremias 18:1-10. O vaso de barro que ele estava a fazer estragou-se na mão do oleiro, que o transformou num outro vaso.

A palavra que veio a Jeremias da parte do Senhor, dizendo: "Levanta-te, desce à casa do oleiro, e ali farei chegar as minhas palavras aos teus ouvidos. Então desci à casa do oleiro, e ele estava a trabalhar nas pedras. E, quando o vaso que ele estava a formar da terra se estragou na mão do oleiro, este tornou a fazer outro vaso, conforme pareceu bem ao oleiro fazê-lo. Então veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Ó Israel, não poderei eu fazer de ti o que faz este oleiro? diz o Senhor. Como a terra na mão do oleiro, assim és tu nas minhas mãos, ó Israel. Sempre que eu disser que vou desarraigar uma nação ou um reino e esmagá-lo e mandar-lhe a destruição, se, nesse mesmo minuto, essa nação de que eu estava a falar se desviar do seu mal, o meu propósito de lhe fazer mal será mudado. E sempre que eu disser algo sobre construir uma nação ou um reino, e plantá-lo; Se, naquele exato minuto, ele fizer o mal aos meus olhos, indo contra minhas ordens, então meu bom propósito, que eu disse que faria por eles, será mudado. "

1 João 1:5-2:2. Se dissermos: "Não temos pecado", enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Mas se reconhecermos o nosso Ele, que é fiel e justo, perdoará os nossos pecados e purificar-nos-á de toda a injustiça.

Colóquio final: *"Imaginando diante de mim Cristo Nosso Senhor pregado na Cruz, perguntar porque é que o Criador se fez homem e da vida eterna veio para a morte temporal, de modo a morrer pelos meus pecados. Do mesmo modo, olhando para mim mesmo, perguntar o que fiz por Cristo, o que estou a fazer por Cristo, o que devo fazer por Cristo; e vendo-O assim suspenso na cruz, refletir sobre o que me ocorre. A conversa/oração é feita falando como um amigo fala com outro, ou um servo com o seu senhor, pedindo alguma graça, ou culpando-me por algum erro, ou trazendo as minhas preocupações perante Ele e pedindo conselhos sobre elas. Concluir dizendo um Pai-Nosso".*

Algumas sugestões inicianas para hoje: Autobiografia de Santo Inácio: *Inácio e a sua grande iluminação - a experiência cardoniana*



Um dia foi à igreja de S. Paulo, situada a cerca de uma milha de Manresa. Perto da estrada há um riacho, na margem do qual ele se sentou e contemplou as águas profundas que corriam. Enquanto estava ali sentado, os olhos da sua alma abriram-se. Não teve nenhuma visão especial, mas a sua mente foi iluminada em muitos assuntos, espirituais e intelectuais. Esse conhecimento que era tão claro
A partir desse dia, tudo lhe apareceu sob uma nova luz. Tal era a abundância desta luz no seu espírito que recebeu todos os auxílios divinos, e todos os conhecimentos adquiridos até ao seu sexagésimo segundo ano de vida, não estavam à altura.



A partir desse dia, parecia ser um homem diferente e possuidor de um novo intelecto. Esta iluminação durou muito tempo.



Enquanto se ajoelhava para agradecer esta graça, apareceu-lhe aquele objeto que já tinha visto muitas vezes, mas que nunca tinha compreendido. Parecia ser algo de muito belo e, por assim dizer, brilhava com muitos olhos. Era assim que aparecia sempre.

Havia uma cruz perto da qual ele estava a rezar e notou que, perto da cruz, a visão tinha perdido um pouco da sua antiga cor bonita. Compreendeu então que a aparição era obra do demónio e, depois disso, sempre que a visão lhe aparecia, como aconteceu várias vezes, dissipava-a com o seu cajado.



Ignácio chegou a Manresa arrogante e ignorante das coisas de Deus. Chegou com uma forte auto-confiança e com uma grande confiança nas suas próprias capacidades e possibilidades. Saiu de Manresa humilde e confiante no valor do discernimento dos espíritos e na sua capacidade de ajudar os outros a encontrar Deus nas suas vidas. A peregrinação interior dos onze meses em Manresa é fundadora e será recolhida mais tarde, de forma pedagógica, nos seus "Exercícios Espirituais".

Em meados de fevereiro, o Peregrino deixa a cidade e parte para Barcelona, passando por Viladordis. No porto de Barcelona espera encontrar um barco para ir para Itália. De Manresa a Pont de Vilomara, Ignacio fará a viagem acompanhado por muitas pessoas, amigos e admiradores que não querem que ele parta. É um caminho que fazem juntos, recordando o ano que viveram juntos.

Chegado a Viladordis, Inácio dirigiu-se à igreja de Nossa Senhora da Saúde e deixou-lhe o seu cinto de corda, dizendo "*Minha Senhora, ofereci-lhe as minhas armas em Montserrat e dei as minhas roupas a um pobre. Só me resta o cinto, que vos entrego neste momento*" e pediu à família Marcetes, da casa próxima da igreja, que guardasse essa oferta, que deixou como recordação da ajuda recebida naquele lugar da Virgem e pela mão daquela família. A tradição diz que Ignácio lhes disse que se guardassem o cinto e continuassem a ajudar os pobres, nada faltaria àquela família para viver com dignidade.

A despedida é certamente muito emotiva: Íñigo deixou Loyola-Azpeitia quase sem se despedir, para não se explicar, e agora que se despede diante de todos, também não sabe o que dizer. Dizem que "*ao chegar à ponte da cidade de Vilomara, sem conseguir falar devido à emoção, colocou a mão esquerda sobre o coração, enquanto com a direita apontava para o céu, como se dissesse: "Enquanto eu viver, levar-te-ei no meu coração. Quando estiver no céu, rezarei sempre por ti"*". "E atravessando a ponte com o padre do seu amigo Pujol, e com algumas côdeas de pão enfiadas no saco que os Amigantes lhe tinham dado, deixa os seus amigos para seguir Jesus a caminho de Roma.

Dia 9:

Notas: Continuamos a considerar a presença do mal nas nossas vidas, mas hoje de uma forma completamente diferente. Abrimo-nos agora à misericórdia do nosso Pai. Inácio convida-nos a experimentar a maravilha que se sente quando, apesar da realidade do nosso próprio pecado, nos confrontamos com a infinita misericórdia de Deus. Hoje, a nossa atitude na nossa Caminhada é a de um pecador arrependido, mas sobretudo a de um pecador imensamente amado.

Graça: Querido Pai, peço-Te o dom de um conhecimento interior e sentido da minha pecaminosidade, para que eu possa experimentar também o teu amor por mim, bem como um desejo crescente de me voltar para Ti e um entusiasmo renovado por seguir Jesus.

Reflexões: Reflectiu sobre a realidade do pecado humano e sobre a sua própria pecaminosidade. Hoje, é convidado a refletir sobre a espantosa realidade da misericórdia de Deus. És amado e perdoado, completamente. "Arrependei-vos e acreditai na Boa Nova". As duas coisas andam de mãos dadas. Ou seja, primeiro aceitamos a realidade da nossa pecaminosidade e arrependemo-nos verdadeiramente de termos trazido desarmonia e desordem à nossa vida e ao mundo. Depois, acreditamos na Boa Nova: Deus é misericordioso, sempre o foi e sempre o será. O que importa, em última análise, não é que sejamos fiéis a Deus (nenhum de nós é capaz de uma fidelidade total), mas que Deus seja fiel a nós. É o mesmo Deus que nos acompanha: nos nossos melhores momentos, quando nos portamos bem e recebemos elogios de todos os lados, e nos nossos momentos mais vergonhosos, quando sabemos que há boas razões para sermos desonrados. O amor de Deus não se conquista, nem se deve conquistar! O amor de Deus é gratuito, tão gratuito que nos parece impossível! O pai no

A parábola, embora tenha todas as razões para estar zangado, não guarda ressentimentos. O filho mais novo ofendeu-o e desperdiçou o que ele tanto trabalhou para acumular, uma coisa que nós, humanos, achamos quase impossível de aceitar. De facto, o filho mais velho não consegue aceitar a atitude de perdão do pai.

Na tua vida de pecador, não estás sozinho. Estás perdoado. És amado. E é isso que nos leva ao arrependimento, ao desejo de corrigir. Mas temos de saber que precisamos da graça de Deus para nos arrependermos e desejarmos fazê-lo: não conhecemos e não seguimos o caminho certo pela nossa própria sabedoria e força. Pedir a Jesus. Reze para que esteja disposto e seja capaz de aceitar plenamente o que Deus oferece tão livremente: o perdão. Nós, seres humanos, passamos muitas vezes pela vida com uma culpa incapacitante. Em vez disso, Deus pede-nos que andemos em liberdade.

Escritura:

Lucas 15: 11-32. Este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi encontrado. Lucas 5: 17-

26. Quando Jesus viu a fé deles, disse *(ao paralítico)*: "Os teus pecados estão perdoados". João 8: 2-11. E

Jesus disse: "Eu também não te condeno. Vai, e não tornes a pecar."

Romanos 5: 1-8. Deus mostra o seu amor por nós no facto de Cristo ter morrido por nós enquanto éramos ainda pecadores.

Colóquio final: Falo com Jesus como um amigo fala com outro, experimentando com crescente sentimento a maravilha de estar vivo neste momento, e sentindo que vivo num mundo que é chamado a ser salvo pelo amor de Deus. Contemplo a sua criação e a sua história. Depois, após meditar sobre a destruição do pecado, falo com Jesus sobre a graça do perdão que recebi. É um diálogo sobre a misericórdia, no qual reflecto e dou graças a Deus Nosso Senhor, porque me deu a vida até agora, e proponho-me, com a sua graça, emendar a minha vida a partir de agora. Para terminar, digo um *Pai-Nosso* muito sentido.

Um ato de contrição

Meu Deus, amo-te sobre todas as coisas e
odeio e detesto com toda a minha alma os
pecados com que te ofendi, porque são
desagradáveis aos teus olhos,
que são sumamente bons e dignos de serem amados.
Reconheço que devo amar-te com um amor
que ultrapassa todos os outros,
e que eu devia tentar provar-vos esse amor.
Considero-te, na minha mente, infinitamente maior do que tudo o que existe no
mundo, por mais precioso e belo que seja.
Por isso, resolvo firme e irrevogavelmente nunca consentir em ofender-vos ou
fazer algo que possa desagradar à vossa soberana bondade
e colocam-me em perigo de cair da vossa santa graça, na
qual estou totalmente determinado
para perseverar até ao meu último suspiro. Amém.

-São Francisco Xavier SJ (1506-52)

Dia 10:

Notas: Começamos hoje a "segunda semana" dos Exercícios Espirituais. O nosso ponto de entrada é uma meditação que nos convida a seguir Cristo Rei. Estamos a caminhar por uma grande cidade, para vermos as maravilhas de um "reino mundano" e imaginarmos o Reino de Deus. Hoje meditamos sobre a orientação da nossa vida: estamos a caminhar com Jesus ou estamos a seguir outros líderes?

A graça que pedimos: Apesar das minhas limitações, mas consciente do amor do Pai por mim, peço a graça de me sentir pessoalmente chamado a caminhar ao lado de Jesus como seu companheiro e colaborador.

Reflexão: A consciência profunda do amor misericordioso de Deus (a graça de ontem) leva-nos muitas vezes ao desejo de corresponder a esse amor. Hoje começamos a meditar sobre o convite de Jesus para caminhar ao seu lado no seu trabalho. Nos Exercícios Espirituais, Inácio coloca o convite de Deus para trabalhar com ele logo a seguir às meditações que abordam a nossa própria pecaminosidade humana; a justaposição é importante: Deus chama-nos a trabalhar perto dele enquanto nos conhece plenamente e nos ama tal como somos. Ele chama-nos "pecadores amados", tal como São Paulo nos diz que, quando pediu ao Senhor para o ajudar, o Senhor respondeu: "Basta-te a minha graça, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza". Por isso, Paulo disse: "De bom grado me gloriarei nas minhas fraquezas, para que repouse sobre mim o poder de Cristo". (2 Cor 12,9). Assim, apesar de sermos pecadores, sentimo-nos hoje chamados a trabalhar nesse mesmo mundo tocado pelo nosso pecado, e a trabalhar pela paz e pela justiça, com o apoio do amor misericordioso que recebemos. Acreditamos num Deus que é justiça porque é amor. O caminho da justiça e o caminho da fé no nosso mundo são inseparáveis. No Evangelho, a fé e a justiça são indissociáveis. Estamos profundamente conscientes de quantas vezes e quão gravemente nós próprios pecámos contra o Evangelho, mas permanece a nossa ambição de o proclamar dignamente: isto é, no amor, na pobreza e na humildade. Foi isto que disse a Congregação Geral dos Jesuítas 32.

Na sua célebre meditação "O chamamento do rei", Inácio imagina como seria convincente o chamamento de um rei verdadeiramente digno, que trabalhasse no nosso mundo apenas pela fé e pela justiça. Depois desta consideração, voltamo-nos para Jesus, cujo chamamento é ainda mais digno, porque Cristo, nosso Senhor, o Rei eterno, chama cada pessoa em particular e diz: "A minha vontade é reunir o melhor do mundo inteiro e construir o Reino do Amor Eterno". Inácio vê que todos aqueles que querem jogar a sua sorte com Cristo Rei devem trabalhar com Ele, para que, seguindo-O na dor, possam também segui-Lo na glória do seu Reino.

O chamamento do Rei é o chamamento para nos tornarmos seus companheiros, para aprendermos mais sobre Ele, para experimentarmos o Seu carinho e para nos juntarmos a Ele no serviço ao Seu povo. E este Rei vem até nós como um de nós, ainda mais capaz de partilhar a nossa sorte. Hoje, concentramo-nos na maravilha de sermos chamados e na natureza do chamamento; amanhã, pode começar a concentrar-se na sua resposta a este chamamento.

Textos bíblicos:

Salmo 120. O Senhor é bondoso e cheio de compaixão.

Na minha angústia, o meu clamor subiu ao Senhor, e ele respondeu-me.

"Senhor, salva a minha alma dos lábios falsos e da língua do engano. Que castigo te dará ele? Que mais te fará, ó língua falsa? Flechas agudas do forte, e fogo ardente. A minha dor é porque sou estranho em Meseque, e vivo nas tendas de Quedar. Há muito que a minha alma vive com os que odeiam a paz. Eu sou pela paz, mas quando o digo, eles são pela guerra".

Lucas 5: 27-32. Segue-me.

Miqueias 5:1-4. Um rei poderoso virá libertar o seu rebanho com o poder de Javé.

"Agora fareis feridas profundas para vos entristecerdes; levantarão um muro à nossa volta; darão ao juiz de Israel um golpe de vara no rosto. E tu, Belém Efrata, a menor entre as famílias de Judá, de ti me sairá um que há-de reinar em Israel, e cuja saída está prevista desde os tempos antigos, desde os dias eternos. Por isso ele os entregará até ao momento em que a que está grávida tiver dado à luz; então os restantes dos seus irmãos voltarão para os filhos de Israel. E ele tomará o seu lugar e dará de comer ao seu rebanho na força do Senhor, na glória do nome do Senhor seu Deus; e o seu lugar de repouso será seguro; porque agora ele será grande até aos confins da terra."

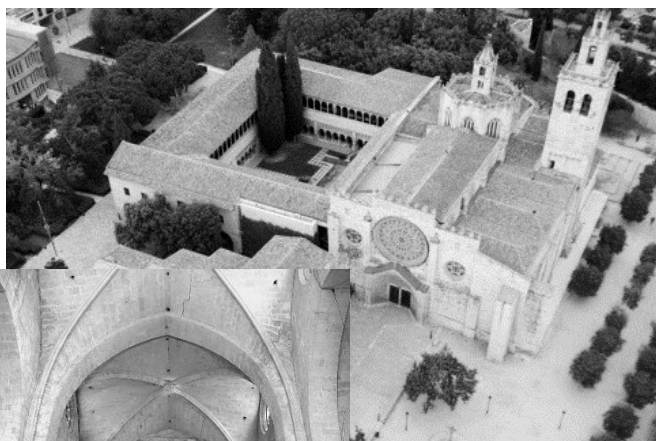
Colóquio de encerramento: Como um amigo fala com um amigo, assim nós falamos com Jesus. Reunimos os nossos pensamentos e emoções da nossa meditação sobre o Reino e sobre o valor de seguir Jesus. Falamos com Jesus e, se quisermos, pedimos-lhe que nos convide a caminhar com ele.

Ensina-me os teus caminhos

Ensina-me a tua maneira de olhar para as
pessoas: como olhaste para Pedro depois da
sua negação,
como penetraste no coração do jovem rico e no coração
dos teus discípulos.
Gostaria de o conhecer como realmente é,

uma vez que a sua imagem muda aqueles com quem entra em contacto.
Lembras-te do primeiro encontro de João Batista contigo?
E o sentimento de indignidade do centurião?
E o espanto de todos aqueles que viram milagres e outras maravilhas?
Como impressionaste os teus discípulos,
a ralé do Jardim das Oliveiras,
Pilatos e a sua mulher
e o centurião ao pé da cruz....
Gostaria de ouvir e de me impressionar com a sua maneira de falar, de ouvir, por exemplo, o seu discurso na sinagoga de Cafarnaum ou o Sermão da Montanha onde o seu público sentiu que "ensinou como alguém que tem autoridade".

-Pedro Arrupe (1907-91) foi o superior geral da Companhia de Jesus de 1965 a 1983.



A caminho de Barcelona, encontramos o magnífico A igreja paroquial de **Sant Cugat** (91 000 habitantes) foi fundada pelos romanos que estabeleceram uma fortaleza no cruzamento da Via Augusta. Esta ligava os Pirinéus a Cádiz, no Sul, e a Via Egara ligava Terrassa (anteriormente conhecida como Egara) a Barcino (o nome romano de Barcelona). Segundo a tradição, Sant Cugat (São Cucuphas) morreu mártir nesta fortaleza em 313 d.C., pouco antes da promulgação do Édito de Milão, que autorizou o culto cristão no Império Romano.



Pouco tempo depois, um Foi aqui construída uma pequena igreja para que os fiéis pudessem vir venerar os mártires. Era gerida por uma pequena comunidade de monges que fugiram aquando da invasão dos muçulmanos



Posteriormente, destruíram a igreja. A primeira comunidade de monges beneditinos estabeleceu-se aqui no ano 785, depois de Carlos Magno ter expulsado os mouros. Estes voltaram para destruir o mosteiro em 825, mas este foi reconstruído mais tarde. No século X, o mosteiro foi ampliado com a aquisição de numerosas propriedades. Em 985, Almanzor "o Vitorioso", soberano do califado de Córdoba, voltou a destruir o Norte de Espanha. Atacou o mosteiro, mas causou poucos danos. O século XI foi a época de ouro da comunidade monástica sob a direção do abade Odón. Como um verdadeiro senhor feudal, o abade entrava em combate à menor oportunidade. O mosteiro tornou-se ainda mais poderoso no século XII, após a aquisição de outros mosteiros, incluindo Santa Cecília de Montserrat, cujas terras Sant Cugat abriu ao público. A nova igreja foi construída em pleno estilo gótico nos séculos XIII e XIV. No entanto, o mosteiro começou a declinar no final do século XIV. O seu poder e riqueza excessivos granjearam-lhe inimigos e foram fonte de controvérsia. Os monges começaram a pagar o preço destes conflitos quando perderam o direito de escolher o seu próprio abade. O Papa ou o monarca reinante podiam escolher quem quisessem para o cargo. Invariavelmente, os candidatos escolhidos eram cardeais que nunca punham os pés no mosteiro. Os monges perderam a sua independência e, sem autoridade real para gerir o mosteiro, perderam a sua influência. Quando Íñigo o visitou em 1523, o mosteiro gozava ainda de um certo prestígio, mas estava completamente submetido ao controlo real. As guerras que assolam a Espanha afectam também o mosteiro. A lei Mendizábal de 1836 obriga os monges a abandonar o mosteiro. Este facto marcou a morte do mosteiro. Os edifícios foram saqueados, utilizados como armazéns, quartéis militares e escolas, até serem reconstruídos após a Guerra Civil. Atualmente, o mosteiro é uma igreja paroquial. Assim que entramos, sentimos-nos invadidos por uma sensação de esplendor. A decoração é simples. No entanto, como peregrino, sentimos naturalmente que o edifício está impregnado de séculos de espiritualidade viva e intuímos as orações angustiadas proferidas por tantos crentes no meio das suas colunas requintadas.

Algumas sugestões iniciais para hoje: Autobiografia de Santo Inácio: *Inácio em Barcelona*

Por isso, no início de 1523, partiu para Barcelona. Muitos se ofereceram para o acompanhar, mas ele recusou, pois queria ir sozinho. Esperava tirar grande proveito do facto de depositar toda a sua confiança apenas em Deus. Alguns foram muito sinceros e insistiram que, como ele não sabia latim nem italiano, não devia ir sozinho, mas que devia levar consigo um companheiro que muito elogiavam. O Peregrino respondeu que, mesmo que fosse filho ou irmão do Duque de Córdoba, não o levaria como companheiro, pois só desejava três virtudes: Fé, Esperança e Caridade. Se tomasse um companheiro, quando tivesse fome, procuraria o seu companheiro para comer; se estivesse exausto, pediria ajuda ao seu companheiro; e assim confiaria no seu companheiro, e teria alguma afeição por ele: enquanto ele queria colocar toda esta confiança, esperança e afeição apenas em Deus. Estas palavras não eram uma mera expressão dos lábios, mas eram os verdadeiros sentimentos do seu coração. Por essas razões, ele desejava embarcar não apenas sozinho, mas até mesmo sem qualquer provisão para a viagem. Quando tratou da sua passagem, o capitão concordou em levá-lo de graça, pois ele não tinha dinheiro; mas com a condição de que levasse consigo tanto pão de marinheiro quanto bastasse para o seu sustento. Se não fosse esta condição imposta pelo capitão, o Peregrino ter-se-ia recusado a levar consigo qualquer provisão.

Quando pensou em arranjar pão, ficou muito perturbado com escrúpulos. "É esta a tua esperança e fé em Deus, que, estavas certo, não te faltaria?" A força e a violência da tentação foram tais que ele ficou muito angustiado. Boas razões de ambos os lados se apresentaram. Finalmente, na sua perplexidade, ele decidiu deixar o assunto para o seu confessor. Começou por lhe falar do seu grande desejo de ir para Jerusalém e de fazer tudo para a maior glória de Deus. Em seguida, apresentou as razões pelas quais não levava provisões para a viagem. O confessor decidiu que ele devia pedir o necessário e levá-lo consigo. Dirigiu-se a uma senhora de classe para pedir o que precisava. Quando ela lhe perguntou para onde ia, ele hesitou um pouco em dizer o seu destino final, e respondeu que ia para Itália e Roma. Ela ficou um pouco espantada com o facto e respondeu "Para Roma? Ora, quanto àqueles que lá vão - bem, não gosto de dizer o que são quando regressam". Queria dizer com isso que, como a maioria dos que iam a Roma não iam por motivos de piedade e devoção, quando voltavam não eram muito melhores. A razão de não ter declarado abertamente que tencionava ir para a cidade santa de Jerusalém foi o receio de ceder à vã glória. De facto, estava tão perturbado por este medo que receava até dar a conhecer o seu local de nascimento ou o nome da sua família. Depois de ter conseguido o pão, antes de embarcar, teve o cuidado de deixar atrás de si, num banco do cais, cinco ou seis moedas espanholas que lhe tinham sido dadas como esmola.

Foi obrigado a permanecer em Barcelona mais de vinte dias antes de o navio estar pronto para zarpar. Durante esse tempo, de acordo com o seu costume, para falar com os homens espirituais sobre a sua alma, procurava-os, embora vivendo em ermidas muito distantes da cidade. Mas nem nessa altura, nem durante todo o tempo da sua estadia em Manresa, encontrou quem o ajudasse a progredir como desejava. Encontrou, no entanto, uma mulher que parecia conhecer muito bem a vida espiritual. Ela prometeu rezar a Jesus Cristo e pedir-lhe que aparecesse pessoalmente ao Peregrino. Em consequência desta promessa, depois de ter saído de Barcelona, abandonou toda a preocupação de encontrar almas adiantadas na vida espiritual.

Dia 11: Barcelona

Notas: Continuamos a caminhar com Jesus, para ver mais claramente, para o amar mais profundamente e para o seguir mais de perto. Não esquecer a "oração introdutória", tanto antes da oração como ao longo do dia. A partir de hoje, a conversa final torna-se ainda mais importante: passamos a este conhecimento interior de Jesus, que deve reforçar o nosso empenhamento na vida. Falamos disso com o nosso "amigo" no final da nossa oração e durante o dia.

A graça: Peço ao Pai três coisas de que preciso e que só Ele pode conceder: um conhecimento mais íntimo de Jesus, que se tornou um de nós; uma experiência mais pessoal do Seu amor por mim, para que eu possa amá-Lo com mais ternura; e uma união mais estreita com Jesus na Sua missão de trazer a salvação aos homens.

Reflexão: Jesus como uma pessoa que cura as pessoas pode ser a imagem que mais se destaca na vida pública. O ministério de cura de Jesus é também um ministério de salvação. Jesus cura corpos, espíritos e relações quebradas com Deus e com os outros através do perdão. Jesus diz a um paralítico que se levante e ande, esfrega lama nos olhos de um cego. A sua preocupação não é apenas o membro ressequido ou o órgão que não funciona. É também que aquele que Ele cura se converta do pecado e acredite n'Ele. Conhecemos a sua maravilhosa compaixão, a sua vontade de tocar e de se envolver com os excluídos e intocáveis da sociedade antiga. Use a prática inaciana da contemplação: isto é, imagine uma ou mais destas cenas de cura do ministério de Jesus, e imagine-se na cena, talvez como um companheiro que viaja com Jesus, ou talvez as pessoas me tragam a Jesus - O que é que eu quero que Jesus faça para me curar? Ao entrar nestes mistérios da minha peregrinação, apresento-me a Jesus como alguém que precisa de ser curado no corpo, na mente e no espírito. Desejo continuar a pedir a graça deste dia.

Textos bíblicos:

Lucas 18: 35-43. "Jesus, Filho de David, tem piedade de mim!"

João 5:1-9. A pergunta de Jesus a um homem doente e aleijado é, na minha contemplação, dirigida também a mim: "Queres ser curado?" Mostro ao Senhor a minha necessidade de cura: a minha mesquinhez, o meu orgulho, a minha ambição, a minha necessidade de segurança e de controlo, o meu auto-engano. Sim, Senhor, quero ser curado.

Lucas 8:40-56. Peço a Jesus que venha a minha casa. Tento tocar a orla do Seu manto.

Colóquio de encerramento: Fazer um resumo das coisas em que meditei durante o meu tempo de oração, falando com Jesus como um amigo fala com um amigo. Seja honesto com ele sobre os assuntos que abordou durante este tempo. Peça-lhe que o aceite sob a sua bandeira e que se torne um curador como ele. Terminar com o "Pai Nosso".

Oração para o desapego

Peço-vos, meu Senhor,
para remover tudo o que me separa de ti, e tu de mim.
Remover tudo o que me torna indigno
da tua visão, do teu controlo, da tua repreensão; da tua fala e conversação, da tua
benevolência e amor.

Afastai de mim todo o mal
que me impede de te ver, ouvir, provar, saborear e tocar; de te temer e de estar atento a ti;
conhecer, confiar, amar e possuir-te; ter consciência
da tua presença
e, na medida do possível, a divertir-se consigo.

Isto é o que eu peço para mim
e desejo ardentemente de Vós. Amém.

-Benedito Peter Faber SJ. (1506-46), foi um dos primeiros companheiros de S. Inácio. Inácio considerava Faber o mais dotado para dirigir os exercícios espirituais.

Inácio e Barcelona

Barcelona é uma grande cidade. Para ajudar o peregrino a situar-se na Barcelona inaciana, é justo oferecer um guia sucinto para a visita inaciana, para que possamos seguir com algum pormenor um percurso pelo bairro de Inácio em Barcelona. Vamos por pontos, descrevendo um breve itinerário pela cidade.

Barcelona tem uma importância considerável na vida de Santo Inácio. Depois da sua longa estadia em Manresa, passa algumas semanas em Barcelona para preparar a continuação da sua viagem à Terra Santa. A odisseia de Inácio não pára aqui: ele parte de Barcelona a caminho de Roma e da Terra Santa. Quando os frades franciscanos, que supervisionavam os peregrinos na Terra Santa, o trouxeram de volta ao fim de apenas três semanas, Inácio encontrou-se de novo em Barcelona, onde completou dois anos de estudos básicos de gramática latina. Ao todo, Inácio visitou Barcelona em cinco ocasiões e, na cidade, fez muitos amigos e encontrou famílias benfeitoras que o ajudaram abundantemente nos seus anos de estudo e nos inícios da Companhia de Jesus. Por isso, escreveu: "Parece-me, e não duvido, que tenho mais responsabilidade e dívida para com essa população de Barcelona do que para com qualquer outra cidade nesta vida".

Há muitos lugares inacianos em Barcelona. Durante a visita é preciso ter em conta que a Barcelona de Inácio tinha um número de habitantes que rondava os trinta e cinco mil, em vez do milhão e seiscentos mil de hoje (Manresa tinha menos de cinco mil naquela altura). A cidade tinha o seu centro no que hoje se chama Barri Gòtic. Como passou mais de dois anos em Barcelona, podemos supor que Ignacio percorreu a maior parte das ruas da cidade velha. Passeando pelo bairro da Ribera, centro económico da cidade no seu tempo, junto a Santa María del Mar, ou pelo bairro gótico, podemos absorver a atmosfera do lugar, que mantém muitos dos edifícios e ruas de 1500. A porta de entrada para a cidade medieval amuralhada era a Praça de Sant Agustí Vell, onde termina a rua do Portal Nou. Ignacio pararia certamente na capela de Marcús (do século XII, na confluência das ruas Carders e Montcada), onde os viajantes veneravam uma imagem da Mãe de Deus da Guia.

Uma pequena e curta rua corre paralela à Via Laietana, chamada Rua Sant Ignasi. No tempo de Ignacio, Inés Pascual, sua grande amiga e benfeitora de Manresa, vivia numa casa que se situava no cruzamento da rua Sant Ignasi com a rua Princesa. A casa foi demolida aquando da construção da nova rua. Inácio estudou latim com um professor chamado Jeroni Ardèvol, que vivia no bairro de Ribera, na Calle dels Mirallers. A Basílica de Santa María del Mar (século XIV) é outro importante local inaciano. Junto à porta lateral esquerda há uma capela dedicada a Santo Inácio e, ali mesmo, uma placa que comemora o lugar onde o Santo costumava pedir esmolas. Outra igreja importante é a basílica dos Santos Mártires Justo y Pastor, onde Inácio gostava de se sentar, muitas vezes na companhia de crianças, a ouvir os sermões dos franciscanos. Nesta basílica, a sua devoção atraiu a atenção de Isabel Roser, que com o tempo se tornou uma boa amiga e uma importante benfeitora. A sua casa ficava em frente à basílica, no edifício que tem motivos florais na fachada. Outros lugares inacianos podem ser apontados na cidade, mas destacamos apenas mais um. Na Calle Casp, 27, encontra-se a Igreja Jesuíta do Sagrado Coração. No altar dedicado a Santo Inácio, pode ver-se a espada que Inácio ofereceu a La Moreneta no santuário de Montserrat.

A IGREJA DA SAGRADA FAMÍLIA

É uma das poucas basílicas ainda em construção. Em 1882, o arquiteto Francesco Villar empreendeu a construção de um santuário neo-gótico. Um ano mais tarde, Gaudí toma a seu cargo o projeto. A partir daí, a Sagrada Família tornou-se a sua obsessão. Reviu constantemente os planos e chegou a viver no local durante 16 anos. Morreu em 1926 e repousa na cripta da sua obra-prima.

A arquitetura da Sagrada Família pode ser definida como exuberante e profundamente simbólica. Esta basílica tornou-se o emblema de Barcelona, uma cidade que reivindica a sua singularidade e faz dela uma força.

Após a conclusão do Parc Güell em 1911, Gaudí jurou que a sua arquitetura não se dedicaria a objectivos seculares. Foi assistido pelos arquitectos Berenguer, Rubió, Jujol, Canaleta e Ràfols, e na última fase, por Sugañes e Quintana; estes últimos continuaram com a obra após a sua morte em 1926, até à conclusão das torres da fachada da Natividade. A igreja continuou a ser construída com base no plano geral e nos estudos de Gaudí. Ao contrário de muitas igrejas, sobreviveu durante a Guerra Civil de Espanha, quando muitas igrejas foram queimadas; foi e é vista como uma espécie de símbolo da cidade de Barcelona. Depois da Guerra Civil, os progressos continuaram sob a direção de Quintana, Puig i Boada e Bonet Garí, com a ajuda de Bergós, Martinell e Dapena. Nas últimas décadas, foram Cardoner e Bonet Armengol, com a ajuda dos arquitectos Margarit, Buixadé e Gómez.

A fachada da Natividade

É a única fachada concluída por Gaudí, das três inicialmente planeadas. Foi concluída em 1935. Caracteriza-se pela presença de três portais que representam a Fé, a Esperança e a Caridade. Gaudí colocou todas as suas ideias fantásticas na fachada da Natividade. Incluiu inúmeras formas da natureza, desde rochas arredondadas que lembram o maciço de Montserrat, a figuras humanas e plantas, para conseguir um efeito inigualável. A fachada tem quatro torres e três portas. A sua característica mais marcante é a decoração elaborada, repleta de símbolos cristãos. As esculturas estendem-se desde a base da fachada até ao ponto onde se erguem as torres sineiras. Através delas, a fachada representa o nascimento de Cristo. As imagens que aparecem incluem a Santíssima Trindade, a Virgem Maria sob a invocação da Imaculada Conceição, a Natividade, a Estrela de Belém, os Três Reis Magos, os pastores e a Árvore da Vida. As esculturas foram realizadas por vários artistas e integram-se perfeitamente no desenho gótico da fachada.

A fachada da Paixão

Foi concluída em 1986. As esculturas são da autoria do artista Josep Maria Subirachs. A fachada da Paixão foi construída segundo o projeto de Gaudí de 1917. O projeto de Gaudí previa um pórtico sustentado por seis colunas inclinadas. Esta fachada, relativamente simples, carece de decoração, com destaque para os grupos escultóricos espaçados ao longo da fachada. Estas esculturas centram-se nos últimos dias da vida de Jesus e estão dispostas cronologicamente, movendo-se da parte inferior esquerda para a direita, depois da direita para a esquerda no registo do meio e depois de novo para a direita no nível superior - num enorme "S". A narrativa escultórica e as personagens impressionam pela sua simplicidade e dramatismo, com facetas angulosas que transmitem tormento e dor. Na última ceia, vê-se a inclusão de um cão, normalmente interpretado como fidelidade (Fido), pois é o momento em que Cristo reconhece a traição de Judas. A serpente, símbolo tradicional do Mal ou do Demónio, é colocada atrás de Judas. O criptograma contém 16 números. A soma destes, em 310 combinações diferentes, dá sempre 33, a idade de Cristo quando ele morreu. As três mulheres podem sugerir as três vezes que Pedro negou Cristo

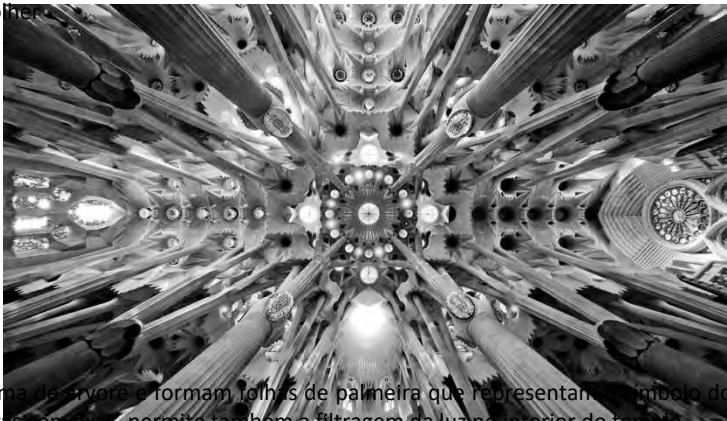


quando os pedregalhos perguntaram sobre a sua relação com Jesus. O galo recorda-nos a previsão de que Pedro negaria Jesus antes de o galo cantar. O escultor transmitiu de forma poderosa a vergonha que Pedro sente com o pano e a pose. A solidão de Cristo durante a flagelação é representada pela sua posição: esta figura situa-se entre a negação de Pedro e a traição de Judas. É a escultura mais importante do piso inferior e tem, por isso, cinco metros de altura e é esculpida em mármore travertino. A bengala na base faz alusão ao escárnio dos soldados que lhe deram uma bengala em vez de um cetro. A coluna está dividida em quatro partes, simbolizando os quatro braços da cruz. O nível intermédio representa o caminho para a crucificação, com a Verónica no centro

com o véu sobre o qual aparece o rosto de Jesus. Estranhamente, o seu rosto está em branco, como Gaudí pediu para fazer. Reparem nas figuras dos soldados... Guerra das Estrelas? O perfil do evangelista na extrema esquerda é também o do arquiteto homenageado Gaudí. Vê-se ali Longino, as Três Marias e Simão Cireneu. Longino foi o soldado que espetou a lança no lado de Jesus, mas que mais tarde se converteu ao cristianismo, enquanto Simão ajudou Jesus caído a carregar a cruz. A representação da crucificação é tradicional, com Maria Madalena ajoelhada e João a confortar a Virgem Maria, também do lado esquerdo. A lua no canto superior direito indica que se trata de uma cena nocturna e a escultura na parte inferior significa o Gólgota. O véu de bronze encontra-se na parte superior, representando a separação entre o lugar sagrado do Templo de Jerusalém e as restantes salas.

O interior da basílica tem uma grande nave com uma impressionante floresta de pilares que se elevam em direção ao telhado, com numerosas ramificações. As colunas de suporte são inclinadas e ramificadas como árvores. O interior foi descrito como uma enorme floresta de pedra. A Sagrada deverá ter capacidade para acolher

mais de 13.000 pessoas, e as tribunas, nas coxias, um coro de 1.500 pessoas. Todo o edifício é uma alegoria da religião cristã. As 12 setas, por exemplo, simbolizam os 12 apóstolos, enquanto as outras 5 torres evocam a Virgem Maria e os quatro evangelistas, enquanto o enorme pináculo de 170 metros de altura encarnará Cristo. O cruzeiro assenta em quatro colunas centrais de pórfiro vermelho, uma rocha vulcânica muito dura. Cada coluna tem a imagem dos 4 Evangelhos. Ao contrário das antigas catedrais, cujas abóbadas eram robustas e tinham de suportar muito peso, Gaudí queria que as abóbadas da Sagrada Família fossem leves e iluminassem o



interior do templo. As abóbadas emergem de colunas em forma de árvore e formam folhas de palmeira que representam o símbolo do martírio. O ponto de reunião das folhas, umas côncavas e outras convexas, permite também a filtragem da luz no interior do templo.

Antoni Gaudí (25 de junho de 1852 - 10 de junho de 1926) foi durante muito tempo incompreendido e toda a sua obra foi desacreditada. Perdeu tudo nos últimos dias da sua vida. Sem família, sem dinheiro, sem bens. Por isso, dedicou os seus últimos momentos de vida inteiramente à Sagrada Família. Gaudí tinha também más condições de saúde na altura e era normalmente confundido com um mendigo. A 7 de junho de 1926, quando se dirigia para a igreja de Sant-Felipe Neri, na Gran Via de les Corts Catalanes, Gaudí foi atropelado por um eléctrico. Devido ao seu aspeto negligenciado e ao facto de não ter documentos de identificação, todos o confundiram com um vagabundo. Um guarda civil acabou por chamar um táxi para o levar ao hospital de Santa Creu, onde foi reconhecido e morreu dos seus ferimentos aos 73 anos. Foi enterrado a 12 de junho numa cripta da Sagrada Família, rodeado por milhares de pessoas. Após a sua morte, a sua obra foi criticada e completamente esquecida. Foi apenas em 1950, quando artistas como Salvador Dalí ou o arquiteto Josep Lluís Sert lhe prestaram homenagem, que Antoni Gaudí foi reconhecido pelo conjunto da sua obra.

Dia 12: Partida de Barcelona. Viagem para Itália.

Notas: Continuamos a caminhar com Jesus, para O vermos mais claramente, para O amarmos mais profundamente e para O seguirmos mais de perto. Já não é necessário recordar-lhe a "oração introdutória" antes de começar e ao longo do dia. Lembrem-se também de que a conversa final se torna cada vez mais importante à medida que avançamos neste conhecimento interior

de Jesus que reforça o nosso empenhamento na vida. É o que acontece com o nosso "amigo" Jesus na conversa que temos no final da nossa oração e durante o dia.

A graça: Vou pedir ao Pai três coisas de que preciso e que só Ele pode conceder: um conhecimento mais íntimo de Jesus, que se tornou um de nós; uma experiência mais pessoal do Seu amor por mim, para que eu possa amá-Lo com mais ternura; e uma união mais estreita com Jesus na Sua missão de trazer a salvação aos homens.

Reflexão: Depois de ver Jesus a curar, outra grande imagem de Jesus a admirar é a sua pregação: ele era um verdadeiro inovador e um homem realmente livre! Admire a clareza e a pureza da mensagem de Jesus e a sua coragem em proclamá-la, apesar de estar bem consciente do perigo que corria. Jesus mantém-se firme na justiça do Reino de Deus. Não aceita a hipocrisia, nem a duplicidade. Rejeita as posições legalistas ou ritualistas que elevam a letra da lei acima do seu verdadeiro espírito.

Jesus promulga a sua nova aliança, o seu plano de vida, o seu plano de ação para que nós, seus seguidores, ajudemos a restaurar este mundo ao que Deus originalmente planeou para a forma como os seres humanos se tratariam uns aos outros. O famoso "Sermão da Montanha" ou "o Manifesto do Reino" surge logo no início do ministério de Jesus. Já ouvimos estas palavras antes, mas não deixamos que a sua familiaridade diminua o seu apelo radical. Escutando com reverência este discurso, permito que a semente da palavra de Jesus seja implantada em mim e crie raízes. Imagina-te sentado entre as pessoas empobrecidas que se reuniram numa encosta para ouvir Jesus expor de forma abrangente o seu caminho, o seu "Caminho". Na altura como agora, o seu caminho é altamente contra-intuitivo; ele convida-nos a ser e a viver valores que são exatamente o oposto do que a cultura e a publicidade contemporâneas nos dizem para fazer. No seu tempo, Jesus estava em contradição com o seu mundo.

Textos bíblicos:

Mateus 23: 11-12; 23-24. Aquele que entre vós for o maior será vosso servo; quem se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado.

Mateus 5: 1-48. Vendo as multidões, subiu ao monte e, ao sentar-se, aproximaram-se dele os seus discípulos. E ele abriu a boca e ensinou-os, dizendo...

João 12:44-50. Preparo-me para ouvir Jesus, porque quando ouço a sua mensagem, ouço o Pai.

Conversa final: Fazer um resumo das coisas que meditei durante a minha oração, falando com Jesus como um amigo fala com um amigo. Ser sincero com ele sobre as coisas que acabo de descobrir neste momento de oração. Se é assim que me sinto, pedir-lhe para ser aceite sob a sua bandeira. Terminar com o Pai-Nosso.

Algumas dicas inicianas para hoje: Autobiografia, em Itália!

Depois de uma viagem de cinco dias e cinco noites, o navio em que partiram de Barcelona chegou a Gaeta, e o peregrino desembarcou e partiu para Roma, embora houvesse perigo por causa da peste. (...) Ao chegar a uma cidade, encontrou as portas fechadas. Passou a noite numa igreja húmida e, de manhã, procurou entrar na cidade, mas não conseguiu obter autorização. (...) Como não se podia obter esmolas fora da cidade, quis seguir para uma aldeia vizinha, mas, por pura fraqueza, o peregrino não pôde ir mais longe. Naquele dia, aconteceu que uma grande procissão saiu da cidade. O peregrino, depois de ter perguntado, soube que a duquesa estava no meio da multidão. Aproximou-se dela, disse-lhe que a sua doença era apenas o efeito da fraqueza e pediu-lhe autorização para entrar na cidade e obter alívio. Ela consentiu prontamente. O peregrino conseguiu recuperar as forças e, dois dias depois, retomou a sua viagem, chegando a Roma no Domingo de Ramos.

Aqueles com quem se encontrou em Roma sabiam que ele não tinha dinheiro para a sua viagem a Jerusalém. Tentaram dissuadi-lo do seu projeto, alegando que tal viagem era impossível sem dinheiro. Ele, porém, sentiu-se seguro de que tudo o que fosse necessário para a sua viagem estaria à mão quando fosse preciso. Assim, na oitava da Páscoa, recebeu a bênção de Adriano VI e partiu de Roma para Veneza. Tinha em sua posse seis ou sete moedas de ouro que lhe tinham dado para pagar a passagem de Veneza até Jerusalém. Levava este dinheiro de Veneza apenas porque o tinham convencido de que, sem ele, não poderia chegar a Jerusalém. No terceiro dia depois de ter partido de Roma, apercebeu-se de que esse receio provinha de uma falta de confiança, arrependeu-se de ter aceite o dinheiro e estava a pensar em dá-lo. Finalmente, porém, decidiu gastá-lo com aqueles que encontrava, que eram principalmente mendigos. O resultado foi que, quando chegou a Veneza, só lhe restavam quatro moedas, necessárias para o seu alojamento nessa noite.

Nesta viagem a Veneza, por causa das sentinelas colocadas à volta das cidades, foi obrigado a dormir fora das muralhas. O medo da peste era tão grande que uma manhã, ao levantar-se, viu um homem a fugir dele aterrorizado. Prosseguindo a sua viagem, chegou a Chizoa com vários outros que se tinham juntado a ele na estrada. Aí ficou a saber que não lhe seria permitida a entrada na cidade. Seguiu então com os seus companheiros para Pádua, para obter o testemunho de um notário de que o grupo não estava afetado pela peste. O Peregrino, devido à sua fraqueza, não pôde acompanhar os outros e ficou sozinho num campo aberto. Então Cristo apareceu-lhe, como já tinha aparecido em ocasiões anteriores. Com esta visão, ficou muito fortalecido e consolado. Na manhã seguinte, cheio de novo ânimo, chegou à porta da cidade e, embora não estivesse munido de nenhum certificado, entrou sem ser questionado pela guarda. Da mesma forma, deixou a cidade sem ser questionado. Os seus companheiros ficaram surpreendidos com este facto, pois tiveram de apresentar um certificado, que ele não se tinha esforçado por obter. (...) Em Veneza, pediram de comer e dormiram na Praça de S. Marcos. O Peregrino recusou-se a ir a casa do Embaixador e, embora não se esforçasse por arranjar dinheiro para a sua viagem a Jerusalém, tinha a certeza de que Deus lhe daria os meios.

(...) Um dia encontrou um espanhol rico, que lhe perguntou se ia e, tendo sabido da sua intenção, levou-o a jantar em sua casa. Aí permaneceu durante vários dias. Desde que saiu de Manresa, o Peregrino, sentado à mesa com outros, tinha por hábito não falar, exceto para responder brevemente a perguntas. No entanto, ele ouvia tudo o que se dizia e, depois do jantar, aproveitava a ocasião para dar um tom espiritual à conversa. O seu anfitrião e toda a sua família ficaram tão admirados com ele que tentaram induzi-lo a ficar com eles e apresentaram-no ao Doge de Veneza. Este ofereceu-lhe alojamento no navio do governo que ia partir para Chipre. Muitos peregrinos tinham-se reunido em Veneza para ir a Jerusalém, mas a maior parte hesitava por medo, pois a ilha de Rodes tinha caído nas mãos dos turcos. Treze embarcaram no navio dos peregrinos, que foi o primeiro a levantar âncora. O navio do governo levava oito ou nove. Na altura da partida, o peregrino adoeceu com febre, que durou vários dias. No dia da partida, tomou os medicamentos receitados e perguntou ao médico se podia partir. O médico respondeu-lhe que podia, se quisesse que o navio fosse o seu túmulo. Mesmo assim, embarcou e, depois de um período de doença, recuperou rapidamente.

Igreja da Madonna del Parto - Sutri

Antecedentes

A sudeste de Sutri, perto do antigo anfiteatro, encontra-se a igreja de Santa Maria del Parto (Nossa Senhora do Parto).

O edifício é identificado por muitos estudiosos como um *Mithraeum*, mais tarde readaptado a uma igreja cristã; a identificação encontra confirmação nas características estruturais da sala utilizada para o culto, que se assemelha aos locais dedicados ao deus *Mitra*.

Os corredores muito estreitos, os degraus em frente ao altar, o nicho para alojar a

O baixo-relevo com *Mitra* a sacrificar o *Touro Cósmico* e a *fossa sanguinis*, onde se vertia o sangue do sacerdote, são elementos que se podem reconhecer como comuns a todos os locais de culto *mitraico*.

A igreja, inteiramente escavada no tufo, faz parte de um verdadeiro aglomerado rochoso caracterizado por um grande número de salas distribuídas em dois níveis largamente inacessíveis.

Do exterior

O exterior é bastante diferente da tipologia habitual das igrejas que estamos habituados a ver, assemelhando-se antes a um complexo de túmulos de pedra.

Inicialmente, a igreja foi dedicada ao culto do Arcanjo Miguel, depois à Nossa Senhora e, atualmente, tem o nome de Santa Maria del Parto.

Do interior

Outrora a entrada fazia-se por uma escada lateral, hoje acede-se por uma porta, originalmente inexistente, que conduz a um vestíbulo, outrora inacessível do exterior e separado do resto da igreja, da qual constituía provavelmente uma capela anexa.

Aqui estão preservados alguns dos frescos mais significativos, atribuíveis ao século XIV, representando: a Madona e o Menino entre São Tiago Maior e São Miguel, em baixo, o cliente ajoelhado em oração.

Acima da porta, a Teoria dos peregrinos e a lenda da fundação do santuário de San Michele no Monte Gargano, finalmente, à direita da entrada, San Cristoforo com o Menino Jesus.

É interessante notar que no fresco de San Michele del Gargano o ator principal, para além do Arcanjo, é um touro, uma possível ligação ao antigo rito da tauroctonia praticado nos templos dedicados ao deus *Mitra*. A zona de culto propriamente dita está dividida em três naves por duas filas de pilares quadrangulares, sendo a nave central mais larga, com abóbada de berço rebaixada, e as laterais com teto plano. À esquerda da entrada atual, uma série de cenas da vida de Jesus são representadas em três registos, à esquerda no registo do meio, a Fuga para o Egito, sob a Flagelação e a Crucificação, são reconhecidas. Uma figura irreconhecível pode ser vista na parede esquerda ao lado de uma Madona com o Menino, também muito deteriorada. Seguem-se três outras figuras ilegíveis, depois um outro tríptico com um Santo Bispo, a Madona e o Menino e uma figura ilegível. Depois, um tríptico com um Santo Bispo e, por baixo da figura do cliente, a Madona entronizada com o Menino e uma figura ilegível. Depois de uma pequena porta, ainda se vê a Virgem e o Menino, depois abre-se um nicho com outros frescos de difícil leitura, apenas se reconhecendo um Santo Bispo.

No final da parede esquerda encontra-se o antigo acesso ao *Mithraeum*.

A nave central conserva ainda uma pequena parte do pavimento original, em faiança.

Na abóbada do presbitério estão representados São Miguel Arcanjo, caracterizado por um rosto em relevo, e Cristo Pantocrator, rodeado pelos símbolos dos evangelistas.

Na abside, onde outrora se encontrava uma representação do *deus Mitra com um barrete frigio* no ato de matar o touro, cujos testículos são atacados por um escorpião, podemos agora admirar uma cena da Natividade.

A substituição teve lugar no início do século XIV, quando o relevo que representava a tourada foi destacado da parede posterior da igreja e substituído pelo atual painel com a Natividade, que ainda hoje se encontra orgulhosamente exposto junto ao altar. A laje de tufo com o relevo original é conservada a mais de dez quilómetros de Sutri, emparedada no exterior de uma quinta situada ao longo da Via Cassia, na aldeia de "La Bote", a poucos metros da estrada.

Outros frescos permanecem nos pilares da direita, um pequeno núcleo que remonta aos primeiros séculos da era cristã, com imagens de um peixe de origem essénia, um pavão e uma cruz de jóias.



Escrito por Silvio Sorcini

<https://www.iluoghidelsilenzio.it/chiesa-della-madonna-del-parto-sutri-vt/nggallery/page/2>

Dia 13:

Notas: Recordar que o objetivo destas meditações da semana 2 é ver Jesus mais claramente, amá-lo mais profundamente e segui-lo mais de perto. Não esqueçamos a "Oração Introdutória", fruto último de todo este exercício. Utilizar esta oração de contemplação para entrar no relato evangélico do Batismo de Jesus.

Graça: Peço ao Pai três coisas de que preciso e que só Ele pode dar: um conhecimento mais íntimo de Jesus, que se tornou um de nós; uma experiência mais pessoal do Seu amor por mim, para que eu possa amá-Lo com mais ternura; e uma união mais estreita com Jesus na Sua missão de trazer a salvação aos homens.

Reflexão: Por volta dos trinta anos de idade, Jesus deixou o seu trabalho e a sua casa para começar o seu ministério público. Tenta imaginar os pensamentos que ele pode ter tido.

A vida pública de Jesus começou com uma viagem, uma espécie de peregrinação. Deixou a sua casa em Nazaré e viajou para sudeste, para o rio Jordão, onde foi batizado por João Batista. O ministério de João consistia em chamar os pecadores ao arrependimento. João era bem conhecido e respeitado: certamente Jesus conhecia a mensagem de João como profeta de Deus enviado ao povo judeu. Jesus sabia o que João estava a fazer. Pense na mensagem que Jesus, o sem pecado, escolhe para lançar o seu ministério, colocando-se em solidariedade com os pecadores. O simbolismo destes primeiros versículos do Evangelho evoca um rico imaginário de peregrinação ao longo de um novo caminho de vida. O ministério de João Batista é introduzido com as palavras de Isaías: "Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas". João chama os pecadores ao arrependimento e à conversão. É uma palavra com raízes que sugerem um "ponto de viragem". João convida-nos a virar numa nova direção e a seguir um novo caminho na vida. Num dado momento, Jesus faz uma escolha consciente e deliberada para começar o seu ministério, para mudar a sua vida mundana em Nazaré; imagine o que lhe terá passado pela cabeça, o que viu à sua volta para o fazer sentir que era o momento certo. Considere também como ele escolhe começar o seu ministério, não com um discurso ou um milagre, mas viajando para ser batizado por João. E consideremos também a experiência de Jesus no Jordão, a sua descoberta, a sua compreensão da missão que o Pai o convida a realizar plenamente.

Podes pedir ao Pai que te coloque junto de Jesus, o seu Filho, na linha de João Batista. Imagina que és um dos seus companheiros e que estás mesmo atrás dele, porque queres conhecê-lo melhor, amá-lo mais e ser mais fiel ao seu serviço e ao serviço da humanidade. Tenta contemplar a cena do Evangelho. O que é que João nos diz?

Escritura:

Romanos 6:3-4. Assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós podemos andar em novidade de vida.

Lucas 3:1-22. "Então, que havemos de fazer?" No momento do Seu batismo por João, a voz de Deus confirma a Sua filiação e a Sua missão.

Mateus 3,13-17. Jesus, depois de ter refletido no seu coração sobre o mistério da paternidade de Deus e sobre a missão que o Pai lhe confiou, decide deixar Nazaré. Procuo estar presente no momento em que Ele toma esta decisão, a partilha com a sua mãe, se despede e deixa tudo o que contribuiu para o formar como um ser humano adulto e responsável. Caminhemos com Ele em direção ao rio Jordão e fiquemos na margem do rio a contemplar o seu batismo. O que é que eu ouço? O que devo entender?

Colóquio de encerramento: Fazer um resumo do que meditei durante o meu tempo de oração, falando com Jesus como um amigo fala com um amigo, sendo franco com ele sobre os elementos encontrados nesta etapa do caminho que fizemos. Terminar com o Pai-Nosso.

Algumas dicas iniciais para hoje: Autobiografia, *Itália*.



Tendo entrado a bordo de um navio, surgiu uma grande tempestade durante a viagem. Este facto já foi mencionado anteriormente, onde o Peregrino descreve as três ocasiões em que esteve em perigo de morte. Nessa viagem, ele sofreu muito, como passo a relatar. Um dia, depois de desembarcar, desviou-se do seu caminho e seguiu uma estrada que corria ao longo da margem de um rio. A estrada era alta, enquanto que, muito abaixo, o rio era profundo e lento. Quanto mais avançava, mais estreito se tornava o caminho. Por fim, chegou a um ponto em que não podia avançar nem recuar. Começou então a avançar com as mãos e os pés e continuou assim durante muito tempo, cheio de medo. Porque, sempre que se mexia, parecia-lhe que ia cair ao rio. Este foi o maior de todos os trabalhos corporais que alguma vez experimentou. Por fim, escapou, mas, ao entrar em Bolonha, caiu de uma pequena ponte e ficou tão molhado e sujo de lama e água que provocou muitas gargalhadas numa grande multidão que observava o acidente. Desde a sua entrada em Bolonha até à sua partida, pediu esmola e, apesar de ter percorrido toda a cidade, não recebeu nem um cêntimo. Como estava doente, descansou um pouco em Bolonha. Depois dirigiu os seus passos para Veneza, percorrendo sempre o mesmo caminho. Em Veneza, dedicava o seu tempo a dar os Exercícios e a outras obras espirituais. Aqueles a quem dava os

Montarini, Gaspar Doctis, o espanhol Rozes e um outro espanhol chamado Hozes, que, tal como o peregrino, era grande amigo de S. Francisco. Rozes, a princípio, não quis fazer os Exercícios, embora se sentisse atraído por eles. Por fim, resolveu empreender a obra e, ao terceiro ou quarto dia, abriu a sua mente ao Peregrino. Disse que receava que os Exercícios lhe dessem falsas doutrinas. De facto, tinha sido persuadido por um homem a estar atento e, por isso, tinha trazido consigo um livro para usar no caso de lhe ser imposto. Fez grandes progressos nos Exercícios e finalmente abraçou o modo de vida que o Peregrino tinha estabelecido. Foi o primeiro dos companheiros do Santo a morrer.

Em Veneza, foi desencadeada outra perseguição contra o Peregrino. Houve quem afirmasse que ele tinha sido queimado em efígie, tanto em Espanha como em Paris. O caso foi tão longe que ele foi levado a julgamento, mas obteve uma sentença favorável.

No início do ano de 1537, os nove companheiros chegaram a Veneza e foram espalhados pela cidade em vários hospitais, para cuidar dos doentes. Passados dois ou três meses, todos viajaram para Roma para receber a bênção do Papa antes de irem para Jerusalém. O Peregrino, porém, não foi a Roma por causa do Doutor Ortiz e do Cardeal Teatino, recentemente elevado a essa dignidade. Os companheiros, no regresso, trouxeram o valor de duzentas ou trezentas coroas de ouro que lhes tinham sido dadas como esmola para a projectada viagem a Jerusalém. Aceitaram-na apenas sob a forma de notas e, quando não puderam fazer a viagem a Jerusalém, devolveram-na a quem a tinha oferecido. Regressaram a Veneza da mesma forma que tinham partido para Roma. Viajaram a pé e mendigando, divididos em três grupos, pois eram de nacionalidades diferentes.

Os que não eram sacerdotes foram ordenados em Veneza, tendo recebido faculdades do Núncio, que se encontrava nessa cidade e que depois se chamou Cardeal Verallus. Foram promovidos ao sacerdócio *sub titulo paupertatis*, tendo feito votos de pobreza e castidade. Nesse ano não partiram navios para o Oriente, por causa da rutura do tratado entre os venezianos e os turcos. Por isso, quando viram as suas esperanças adiadas, dispersaram-se por várias partes do território veneziano, com o entendimento de que deveriam esperar um ano, como tinham decidido anteriormente; passado esse tempo, deveriam regressar a Roma, se não fosse possível efetuar a viagem. Vicenza ficou à sorte do Peregrino. Os seus companheiros eram Faber e Laynez. Fora da cidade, encontraram uma casa que não tinha portas nem janelas. Aí viveram, dormindo sobre um pouco de palha que tinham trazido consigo. Dois dos três entravam na cidade duas vezes por dia, de manhã e à noite, para pedir esmola. Voltavam com tão pouco que mal dava para a sua alimentação. O seu alimento habitual era o pão, quando o conseguiam obter. O que ficava em casa fazia a cozedura. Passaram assim quarenta dias, sem fazer outra coisa senão rezar.

Passados os quarenta dias, chegou o Mestre João Coduri, e os quatro resolveram começar a pregar. No mesmo dia e à mesma hora, em praças diferentes, todos começaram a pregar, tendo primeiro dado um grande grito e acenado com os chapéus com as mãos para chamar o povo. Estes sermões causaram grande falatório na cidade e levaram muitos cidadãos a uma vida devota. Agora, o alimento necessário era-lhes fornecido com mais abundância.

Enquanto o peregrino estava em Vicenza, teve muitas visões espirituais. As consolações eram-lhe enviadas em grande número. Isto aconteceu especialmente em Veneza, enquanto se preparava para o sacerdócio e para celebrar a Missa. Em todas as suas viagens, recebeu grandes visitas sobrenaturais, como as que costumava receber em Manresa.

Ainda em Veneza, soube que um dos seus companheiros estava doente até à morte em Bassanum. Ele próprio estava doente com febre, mas mesmo assim empreendeu a viagem, e caminhou tão rapidamente que Pedro Fabro, seu companheiro, não conseguiu acompanhá-lo. No caminho, recebeu de Deus a certeza de que o seu companheiro não morreria daquela doença. Logo que chegaram a Bassanum, o doente ficou muito consolado e pouco depois melhorou. Depois disso, todos voltaram para Vicenza, e lá os dez permaneceram por algum tempo, alguns percorrendo as cidades vizinhas para pedir esmolas.

Dia 14: O dia de Storta

Notas: Mais uma vez, persistimos em fazer a oração introdutória. Hoje entramos numa consideração típica dos Exercícios Espirituais: a meditação intitulada "As duas normas". Santo Inácio propõe-nos um exercício de contraste para ver qual é a opção da nossa vida, no seguimento de Jesus. Ao longo do dia, podemos estar a considerar e a pedir a graça deste exercício e sentir que Jesus nos quer a peregrinar com Ele. O típico "Tríplice Debate" que Santo Inácio propõe nos exercícios, pode ser feito tal como aqui se expõe... ou como o coração nos diz, de acordo com o esquema da peregrinação em que estamos empenhados.

Graça: Como amigo de Jesus, peço a Deus que me permita partilhar o dom de ser capaz de reconhecer os enganos do demónio para me poder proteger contra eles; peço também um verdadeiro conhecimento de Jesus Cristo, o meu verdadeiro Líder e Senhor, e a graça de o imitar.

Reflexão: Temos estado a caminhar com Jesus, vendo o seu modo de viver e observando-o a trabalhar de acordo com os valores do Reino. Hoje, fazemos uma meditação comumente conhecida como "os dois estandartes" (estandarte como uma bandeira). Podemos imaginar Jesus preparado para iniciar a sua própria viagem, numa bifurcação crítica da estrada. Ele não tem dúvidas quanto ao caminho a seguir e, figurativamente, pede-nos que nos juntemos a ele. Os valores de Jesus e o "Caminho" de Jesus é o caminho da simplicidade (até da pobreza), que conduz muitas vezes à desonra e à humildade: por outras palavras, é o caminho daqueles que partilham a sua vida com Deus e esperam tudo dele. O outro caminho é a escolha mundana da riqueza, da honra e do orgulho: por outras palavras, ter as coisas e o prestígio que nos fazem sentir importantes no mundo, tornarmo-nos deuses da nossa própria vida e sermos "os únicos no mundo". No início desta peregrinação espiritual, Inácio convidou-nos a fazer uma escolha fundamental: sermos fiéis ao nosso Princípio e Fundamento. Não se trata de uma nova escolha, de um "fazer de novo", mas sim de um lembrete, de uma visão mais profunda do Caminho de Jesus e de verificar o nosso desejo de O seguir, escolhendo um caminho que é fundamentalmente diferente dos caminhos do mundo. Quem somos nós: somos os nossos bens e a nossa reputação? Ou somos a criação amada de Deus? Porque é que somos importantes? Será porque os outros nos conhecem, ou porque Deus nos escolheu? Jesus convida-nos a aliviar o nosso fardo para podermos caminhar livremente ao seu lado na nossa peregrinação espiritual pela vida.

O objetivo desta meditação é tomar consciência das estratégias de Jesus e do Maligno, para poder discernir com precisão os espíritos que muitas vezes sinto quando tenho de tomar uma decisão na minha vida: em que direção vou? Estou a ir com Jesus? Como diz Inácio: "No próximo exercício, observaremos a intenção de Cristo, nosso Senhor, e, em contraste, a do Maligno, o inimigo da natureza humana... Imaginemos que o chefe de todos os inimigos, naquela grande planície da Babilónia, chama todos os seus partidários... e os envia a tentar as pessoas a cobiçar as riquezas, para que mais facilmente cheguem à vã honra do mundo e, finalmente, à soberba. E a partir daí todos os desastres do mundo estão garantidos. Do mesmo modo, por contraste, olhai em imaginação para o líder supremo e verdadeiro, que é Cristo Nosso Senhor convocando todo o Seu povo... enviando-os a atrair todas as pessoas, primeiro, para a mais perfeita pobreza espiritual, e também, se a Majestade Divina for servida e quiser escolhê-las para isso, até um grau não inferior de pobreza real; e segundo, atraindo-as para um desejo de

reprovações e desprezos, porque daí resulta a humildade. E daí resultará a verdadeira humildade". Devemos considerar Estas duas bandeiras e fazer uma escolha do nosso coração: Devo ir com Jesus? Sinto-o realmente? É isso que desejo?

Textos bíblicos:

1 Tim 6, 6-10. Os que desejam ser ricos caem na tentação, no laço, em muitos desejos insensatos e nocivos que levam os homens à ruína e à destruição.

Gálatas 5:16-25. Oro para saber o que é estar com e sem o Espírito. Efésios 6:10-20. Guerra do espírito.

Lucas 11:15-26. Jesus e Satanás em lados opostos.

Triplo Colóquio final: "1º Discussão com Nossa Senhora para que me obtenha de seu filho e Senhor a graça, de ser recebida debaixo de sua bandeira, e primeiro em pobreza espiritual, e se Sua Divina Majestade quiser ser servida e Ele quiser escolher-me e ser recebida não menos em pobreza real, e segundo, gastar mais injúrias e calúnias para o imitar, só se isso puder acontecer sem pecado de pessoa alguma nem desagrado de Sua Divina Majestade, e com isso uma Avé Maria.

2ª conversa: Pede o mesmo ao Filho, para que ele o obtenha do Pai, e com ele diz um Anima Christi. 3ª conversa. Pedir o mesmo ao Pai, que mo conceda, e dizer um Pai Nosso."

[Oração "Anima Christi". Trata-se de uma oração que data do século XIV. Continua a ser muito utilizada depois de receber o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo na Sagrada Comunhão. Certamente, Santo Inácio rezou-a com muita frequência e por isso a escreveu nos Exercícios Espirituais].

Para ver tudo novo

Concede-me, Senhor,
para ver tudo agora com novos olhos, para
discernir e testar os espíritos
que me ajudam a ler os sinais dos tempos, a
saborear as coisas que são vossas,
e de as comunicar aos outros.
Dá-me a clareza de compreensão que deste a Inácio.

-Pedro Arrupe SJ (1907-91) foi o superior geral da Companhia de Jesus de 1965 a 1983.

O Santuário da Madonna del Sorbo. (a caminho de La Storta)

O Santuário está situado no cimo de um penhasco bem defendido nos vales do Sorbo, na fronteira entre os municípios de Campagnano e Formello. O local foi habitado desde a Idade Média, mas as primeiras notícias datam de 996, quando é mencionado como "castellum" (castelo), talvez devido às invasões sarracenas do século X. Durante os séculos XI-XIV, o castelo pertenceu inicialmente ao Mosteiro de S. Paulo e depois para a família Orsini. Em 1427, porém, já estará abandonada, e foi então que Martinho V permitiu que os frades do Carmelo erguessem um

O culto a Nossa Senhora foi iniciado no mosteiro de Sorbo, na paróquia de Sorbo, e em 1527 foi construído um santuário de peregrinação dedicado a Nossa Senhora. O culto foi guardado sem mãos que usava porcos para pastar no vale de Sorbo. Um dia, ao procurar uma das porcas que se tinha afastado, encontrou-a junto a uma tramazeira, onde a Virgem lhe apareceu. A Virgem, voltando a dar a mão ao jovem, disse-lhe: "*Vai e convence os teus aldeões a construir um santuário nesta colina. Quem vier aqui em procissão terá a minha graça. Se não acreditarem em ti, mostra-lhes a tua mão*". Milagrosamente, as mãos do pastor apareceram nos seus braços aleijados.

O Santuário é constituído pelo mosteiro, com renovações até ao século XVIII, e pela igreja que remonta ao século XV. Em 1682 datam dois altares de um projeto de Carlo Fontana. De valor é a mesa da Madona com a criança (século XI-XIII), atualmente conservada no Museu Paroquial de Campagnano.



Algumas dicas inicianas para hoje: Autobiografia, a *Experiência Storta*



"No ano que passou, como não havia meios de ir a Jerusalém, puseram-se a caminho de Roma, divididos em três ou quatro grupos. Durante a viagem, o Peregrino experimentou singulares visitas de Deus.

Depois de ter recebido o sacerdócio, tinha resolvido adiar por um ano a celebração da sua primeira Missa, para se preparar melhor e pedir à Santíssima Virgem que o colocasse junto do seu Filho. Um dia, quando estava a poucos quilómetros de Roma, entrou numa igreja para rezar, e aí sentiu a sua alma tão comovida e transformada, e viu tão claramente que Deus Pai o colocava junto de Cristo, Seu Filho, que não ousou duvidar".

Quando o Peregrino foi informado de que Laynez tinha contado vários outros pormenores, respondeu "Tudo o que Laynez disse sobre o assunto é verdade. De minha parte, não me lembro dos pormenores; mas", acrescentou, "sei com certeza que, quando contei o que aconteceu, não disse senão a verdade". Estas foram as suas palavras sobre a visão. Ele me encaminhou [Gonzalo Camara] para Laynez para verificar o que ele narrou".

Na Storta, uma capela solitária e abandonada nos subúrbios de Roma, um pobre peregrino com mais dois companheiros pára para rezar. No fundo da sua alma, no segredo do seu espírito, a Trindade comunicou a Inácio uma graça muito elevada, resumo da sua vida mística até àquele momento, e uma das mais decisivas para a Fundação da Companhia de Jesus.

Inácio tinha pedido incessantemente a Nossa Senhora, durante muitos anos, que o "colocasse junto do seu Filho". Este pedido alcança agora o seu efeito e de uma forma mais sublime do que ele teria imaginado.

Na Storta, Ignacio sente profundamente que a sua vocação é ser companheiro de Jesus e que a Trindade o aceita para servir como servo de Jesus.

É o mesmo Pai Eterno que imprime esta aceitação na alma de Ignácio e lhe promete a sua especial proteção, dizendo-lhe aquelas palavras que Láinez guardou: "Ser-te-ei propício em Roma", ou a expressão, ainda mais forte e significativa, que lemos em Nadal e Canisio (seus primeiros companheiros): "Eu estarei contigo".

Depois, dirigindo-se a Jesus Cristo, que é mostrado carregado com a cruz, o Pai Eterno diz apontando para Ignácio: "Quero que recebas isto como teu servo", ao que Jesus responde olhando para Ignácio: "Quero que nos sirvas".

Esta cena trinitária, tão brevemente descrita, revela-nos a concessão de uma graça mística muito elevada, que, como tal, será impossível exprimir adequadamente em palavras humanas. O próprio Ignácio o reconhece. E esta é a causa das várias versões que foram feitas deste facto único e fundamentalmente verdadeiro.

Analisando, no entanto, alguns pormenores da graça da Storta, poderemos descobrir algo do muito que nela está contido.

O pedido de Ignácio é ouvido por ninguém menos que o próprio Pai Eterno. É o Pai que imprime em Ignácio o sentimento profundo e inconfundível da proteção divina. O "Eu estarei contigo" é como um eco das promessas bíblicas. Foi assim que o Deus dos exércitos assegurou a Gedeão: "Estarei contigo e vencerás Midiã"; assim o Deus de Israel aos profetas: "Não temas, porque eu estarei contigo" (Is 41,10); "Não tenhas medo deles, porque eu estarei contigo" (Jr 1,8 e 19). Assim, o Anjo assegurou a Maria: "Salve, cheia de graça, o Senhor está contigo". Foi assim que Cristo prometeu aos seus apóstolos: "Eis que estarei sempre convosco até ao fim do mundo" (Mt 28, 20), e a Paulo em Corinto: "Não temas, não te cales, porque eu estou contigo" (Actos 18, 9-10).

O Inácio pode ter a certeza. Se Deus é a favor dele, quem o poderá derrotar? (Rom 8, 31)

É um pedido chave e muito caro a Inácio o de "ser colocado junto do Filho". Esta frase, gramaticalmente um pouco forçada e dura, exprime a aspiração a uma proximidade maior do que a que já tinha com Jesus Cristo, a uma interioridade recíproca muito particular com Ele.

O Pai Eterno toma a iniciativa e expõe o desejo de Ignácio a Jesus Cristo: "Quero que recebas este no teu serviço": E, por sua vez, Jesus Cristo, que faz sempre a vontade do Pai, responde dirigindo-se a Ignácio: "Quero que sirvas". Não lhe diz: "que me sirvas a mim", mas "que nos sirvas a nós", levando assim Inácio ao seu serviço e ao da Trindade.

A oblação de Inácio é assim aceite pelo Verbo Encarnado. Na alma de Inácio operou-se uma transformação muito profunda, mais íntima do que a experimentada em Cardoner [Manresa]: lá parecia-lhe que a sua compreensão tinha mudado, aqui sentia-se aceite e introduzido na vida trinitária, nesse "círculo" íntimo da Trindade, de onde é enviado com Cristo para o servir em favor das almas, um novo serviço que definirá mais tarde na Fórmula do Instituto como "servir a Igreja sob o Romano Pontífice", ou como "defesa e propagação da fé".

Aquela palavra "servir", tão característica de Inácio, que exprime o fim dos Exercícios e resume a oferta do Reino, das Duas Bandeiras, dos três graus de humildade, adquire plena dignidade. Servir será, doravante, dedicar-se inteiramente ao serviço da Trindade, como companheiros de Jesus na pobreza, na abnegação total, na cruz. Inácio compreende o sentido profundo da sua vocação e da dos seus companheiros e sente-se não só chamado e aceite, mas também penetrado e transformado interiormente como os Apóstolos [ao receberem o seu chamamento]. A sua força interior é tal que se sente capaz até de morrer porque: "Não sei o que nos espera em Roma", repetia, "não sei se seremos crucificados".

A graça da Storta ilumina sempre a trajetória espiritual da Companhia [e de toda a espiritualidade inaciana] e ajuda-nos a compreender o sentido da nossa vocação em cada nova perspectiva histórica: o serviço à Trindade no Cristo pobre.

Atualmente, o mundo precisa de homens e mulheres de fé, fortes, altruístas, confiantes, dispostos a dar a vida pelos outros. Isto não se faz sem graças especiais; a nossa vocação cristã no mundo de hoje é demasiado difícil. É por isso que pedimos a Maria "que nos coloque junto do seu Filho", ou seja, que vos alcance do Pai Eterno, como alcançou Inácio, essa especial intimidade recíproca, absolutamente necessária não só para resistir ao mundo, mas para o levar a Cristo. Uma graça que verifica na nossa alma a transformação interior, que é uma "recriação" das nossas faculdades, uma identificação com Cristo tal que consegue, usando as palavras de Nadal, "que entendamos pelo seu entendimento, queiramos pela sua vontade, que nos lembremos pela sua memória, e que todo o nosso ser, o nosso viver e o nosso agir não estejam em nós, mas em Cristo". Uma transformação interior que nos leva a amar mais a Trindade, [Jesus] Cristo, a Igreja e as almas, e assim atingir o nível inaciano de verdadeiros companheiros de Jesus.

(Adaptado de fragmentos do discurso do P. Arrupe, sj. sobre a devoção ao Coração de Jesus e a Storta, 06/09/1972, A Identidade do Jesuíta no Nosso Tempo, p. 441-444)

(do Hinário da Abadia de Stanbrook)

Senhor Deus e Criador de todas as
coisas, a Criação é sustentada por
Vós.

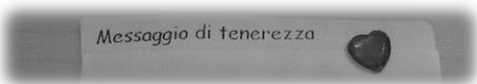
Enquanto todos têm de mudar e conhecer a
decadência, Tu és imutável, sempre novo.

Vós sois o consolo e o escudo do
homem, A sua rocha segura sobre a
qual construir. Vós sois o lar tranquilo
do espírito,

Só em ti se realiza a esperança.

A Deus Pai e Filho e Espírito Santo
rendei louvor: Santíssima
Trindade, de idade em idade
A força de todos os nossos dias de vida.

Messaggio di Tenerezza (Mensagem de ternura do "Oratório" da Natividade, na cidade de Fornello)



Pegadas na areia (Carolyn Joyce Carty)

Uma noite, um homem teve um sonho. Sonhou que estava a passear na praia com o Senhor.

No céu, passavam cenas da sua vida. Para cada cena, reparou em dois conjuntos de pegadas na areia: um pertencente a ele e o outro ao Senhor.

Quando a última cena da sua vida lhe passou pela frente, olhou para trás, para as pegadas na areia.

Reparou que muitas vezes, ao longo do caminho da sua vida, só havia um conjunto de pegadas.

Reparou também que isso acontecia nos momentos mais baixos e tristes da sua vida. Isso incomodou-o muito e interrogou o Senhor sobre o assunto:

"Senhor, disseste que, quando eu decidisse seguir-te, tu me acompanharias até ao fim. Mas tenho reparado que, nas alturas mais difíceis da minha vida, só há um par de pegadas. Não percebo porque é que, quando mais preciso de ti, me deixas".

O Senhor respondeu-lhe: "Meu filho, minha filha preciosa, eu amo-te e nunca te deixaria. Nos teus momentos de provação e de sofrimento, quando vês apenas um conjunto de pegadas, foi então que te carreguei."

La Storta - ÍÑIGO de LOYOLA com Jesús & The Father

Be Still, My Soul (Kathrina von Schlegel, traduzida para inglês por Jane Borthwick (1855))

Acalma-te, minha alma; o Senhor está do teu lado; suporta com paciência a cruz da dor ou do sofrimento; deixa que o teu Deus ordene e providencie; em todas as mudanças ele permanecerá fiel.

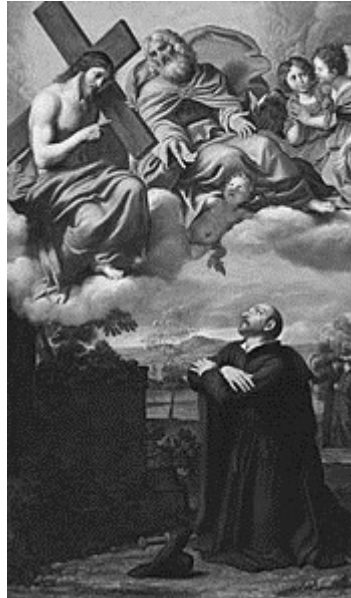
Sossega, minha alma; o teu melhor, o teu amigo do céu através de caminhos espinhosos conduz a um final feliz.

Acalma-te, minha alma; o teu Deus encarregar-se-á de guiar o futuro como guiou o passado; a vossa esperança, a vossa confiança, que nada se abale; tudo o que é misterioso será finalmente luminoso.

Acalma-te, minha alma; as ondas e os ventos ainda conhecem a voz d'Aquele que os governou enquanto ele viveu cá em baixo.

Acalma-te, minha alma; está a chegar a hora em que estaremos para sempre com o Senhor, quando a desilusão, a dor e o medo desaparecerem, a tristeza for esquecida, as alegrias mais puras do amor forem restauradas.

Sossega, minha alma; quando a mudança e as lágrimas tiverem passado, todos seguros e abençoados, encontrar-nos-emos finalmente.



Salmo 23:

O Senhor cuida de mim como seu filho/filha; nada de bom me faltará. Ele faz de mim um lugar de repouso nos campos verdejantes; é o meu guia junto às águas tranquilas.

Ele dá nova vida à minha alma: é o meu guia nos caminhos da justiça, por causa do seu nome.

Sim, ainda que eu atravesse o vale da sombra profunda, não temerei o mal, porque tu estás comigo, a tua vara e o teu amparo são o meu conforto.

Puseste óleo na minha cabeça; a minha taça transbordou.

Na verdade, bênção e misericórdia estarão comigo todos os dias da minha vida; e terei um lugar na casa do Senhor todos os meus dias.

Evangelho de João, 14

Não se perturbe o vosso coração: tende fé em Deus e tende fé em mim. Na casa de meu Pai há lugares suficientes; se não fosse assim, teria eu dito que ia preparar-vos um lugar? E se eu for e vos preparar um lugar, voltarei e levar-vos-ei para junto de mim, para que estejais onde eu estiver. E todos vós sabeis para onde vou e qual o caminho para lá chegar.

Tomé disse: "Senhor, não sabemos para onde vais; como podemos saber o caminho?"

Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho verdadeiro e vivo; ninguém vem ao Pai senão por mim. Se me conhecesses a mim, conhecerias o meu Pai; agora já o conheces e já o viste.



Dia 15: Roma

Notas: Continuamos a nossa viagem com Jesus *a ir a Roma!*, para o podermos ver mais claramente, amá-lo mais profundamente e segui-lo mais de perto no seu e no nosso Caminho. Recordar a "oração introdutória" antes de iniciar a oração, bem como durante o dia. Lembrai-vos que o colóquio final com Deus, no fim da oração, se torna muito importante. Pedimos para crescer no nosso conhecimento interior de Jesus que reforça o nosso empenhamento na vida. Falamos de tudo isto com o nosso "amigo" Jesus no diálogo do final da oração, bem como ao longo do dia.

A graça: Peço ao Pai que me aproxime de Jesus para que possa ouvir e compreender o seu desafio, entusiasmar-me com a aventura que ele convida e desejar ardentemente servi-lo e ao seu povo, partilhando a sua missão.

Reflexões: Os evangelhos contam-nos que, enquanto Jesus caminhava ao longo do mar da Galileia, chamou dois discípulos que lançavam as redes ao mar. "Segui-me, e eu farei de vós pescadores de todos os povos". Eles deixaram imediatamente as redes e seguiram-no. Tão misteriosamente convincente é isto

Jesus, dizem-nos, que dois pescadores simplesmente largam as suas redes, deixam o passado para trás e seguem Jesus em direção a uma nova vida, a uma nova peregrinação. Rezamos para conhecer melhor este Jesus e para ter uma visão mais profunda da atração do seu chamamento. Também imploramos por um desejo crescente de estar com Jesus, para que um critério importante nas minhas escolhas de vida se torne menos "o que me agradaria", mas sim "o que me ajudaria a caminhar com Jesus e a tornar-me como Ele". Muito será pedido aos seguidores do Rei. Haverá o desafio de descobrir "a única coisa necessária" e "uma coisa mais". Reflectindo sobre estes desafios, presto atenção aos movimentos interiores que estão a ter lugar em mim durante esta peregrinação. Sei para onde estou a ir? Isto interessa-me?

Escritura:

Lucas 9:57-62. Oro para não ser um seguidor de Jesus sem convicção.

Lucas 10: 1-9. Depois disto, o Senhor designou outros setenta e enviou-os à sua frente.

Lucas 10:38-41. Jesus diz-me: "Uma só coisa é necessária". O meu desafio é incluir tanto "Marta como Maria" na minha vida, ao tornar-me o contemplativo-em-ação cujo trabalho para o Senhor é animado por uma intimidade constante com Ele.

Marcos 10:17-27. Ao olhar com amor para um homem bom, cuja vida tem sido um modelo de bondade e fidelidade, Jesus desafia-o - como também me desafia a mim - com estas palavras: "Há ainda uma coisa que tens de fazer". Eu sei o que Ele disse ao homem no Evangelho. Escuto agora quando Jesus me diz, no meu próprio coração, que mais uma coisa me é pedida.

Colóquio final: Faça um resumo dos seus pensamentos durante este tempo de oração, falando com Jesus como um amigo faz com outro. Abra-lhe o seu coração sobre o que descobriu no seu interior durante esta peregrinação. Se fores capaz, convida Jesus a aceitar-te sob a sua bandeira. Termine com o "Pai Nosso".

Algumas dicas inicianas para hoje: Autobiografia, viver em Roma.

Uma vez, o Peregrino partiu de Roma para Monte Cassino, para dar os Exercícios ao Doutor Ortiz, e passou lá quarenta dias. Um dia, a uma certa hora, numa visão, viu Hozes [morte de um dos primeiros companheiros] entrar no céu. Nesta visão, derramou abundantes lágrimas de consolação. Viu isto tão claramente que, se dissesse o contrário, parecer-lhe-ia que estava a dizer uma mentira. Trazia consigo de Monte Cassino Francisco Strada.

Depois do seu regresso a Roma, trabalhou para ajudar as almas e deu os Exercícios a duas pessoas diferentes, uma das quais vivia perto da Ponte Sistina, a outra perto da Igreja de Santa Maria Maior. Em breve o povo começou a perseguir o Peregrino e os seus companheiros. Miguel [antigo servo de Francisco Xavier] foi o primeiro de todos a ser incómodo e a falar mal do Peregrino, e mandou-o chamar perante o governador para ser julgado. O Peregrino mostrou ao governador uma carta escrita pelo mesmo Miguel, na qual ele elogiava muito o Peregrino. O governador examinou Miguel e o resultado foi que ele foi exilado de Roma.

Depois dele, seguiram-se Mindarra e Berrera, que disseram que o Peregrino e os seus companheiros eram fugitivos de Espanha, Paris e Veneza. Finalmente, porém, na presença do governador e do embaixador que se encontravam em Roma, ambos reconheceram que não tinham nada que pudessem dizer contra eles no que respeita às suas doutrinas ou às suas vidas. O embaixador ordenou que este processo

a ser abandonado. O Peregrino opôs-se, dizendo que desejava que a sentença fosse clara e pública. Isto não agradou ao embaixador e ao governador, nem mesmo àqueles que anteriormente tinham tomado partido pelo Peregrino. Alguns meses depois, o Romano Pontífice regressou. Enquanto se encontrava em Tusculum, o Peregrino foi admitido a uma audiência com o Santo Padre e, tendo apresentado algumas das suas razões, obteve o que desejava. O Papa ordenou que se pronunciasse a sentença, que foi dada a favor do Peregrino e dos seus companheiros.

Através do trabalho do Peregrino e dos seus companheiros, estabeleceram-se em Roma algumas obras piedosas, como a dos Catecúmenos, a de Santa Marta e a dos Órfãos. O Mestre Nadal [primeiro companheiro] pode contar o resto.

Dia 16: Em Roma. A Peregrinação das 7 Igrejas. Inácio e os seus primeiros companheiros fazem os seus votos.

Notas: A prática destes exercícios espirituais ao longo da peregrinação já proporcionou a cada um de nós uma experiência pessoal. Cada peregrino encontrou o seu próprio caminho ao longo desta "peregrinação interior". Certamente que, no regresso a casa, encontrará muitos materiais e práticas que o podem ajudar a continuar a crescer na sua própria espiritualidade. Procurar estes conselhos é sempre útil!

A graça: Peço ao Pai que me dê um conhecimento interior dos muitos dons que recebi de Deus. Cheio de gratidão por estas bênçãos, peço que em todas as coisas eu possa amar e servir a Divina Majestade. Rezo também para que a experiência espiritual de Santo Inácio de Loyola me ajude a guiar o meu próprio caminho de vida.

Reflexões: Hoje propomos a meditação chamada "alcançar o amor" nos exercícios, centrando-nos desta vez na peregrinação que fizemos. O Caminho Inaciano ofereceu-nos certamente uma experiência do amor de Deus nas suas múltiplas formas. Por isso, passamos o nosso tempo de oração usando esta contemplação do amor de Deus para rever as várias etapas do nosso caminho. Agradecemos a Deus por tantas experiências e bênçãos, enquanto nos preparamos para regressar à nossa rotina quotidiana em casa.

CONTEMPLAÇÃO PARA ALCANÇAR O AMOR na nossa peregrinação.

Duas realidades devem ser observadas desde o início: A primeira é que o amor se exprime mais por actos do que por palavras. A segunda é que o amor é uma comunicação entre duas pessoas. É saber, dar e comunicar do amante ao amado, e vice-versa, tudo o que se tem ou se pode ter. Assim, se alguém tem sabedoria, partilha-a com quem precisa dela, ou honras e riquezas de quem tem para quem não tem. Em seguida, voltar à oração introdutória e pedir que tudo possa ser orientado para a vontade de Deus.

A seguir, centro-me na oração. Imagino que estou diante de Deus Pai, de Jesus Filho e do Espírito de Amor que me criou em toda a minha humanidade. Hoje peço ao Pai que me dê um conhecimento íntimo dos muitos dons que recebi para que, cheio de gratidão por todos eles, eu possa amar e servir a Majestade Divina em tudo o que empreender.

Começo a oração. **O primeiro ponto** é recordar todas as bênçãos que recebi de Deus ao longo deste tempo de peregrinação. Recordo tanto as que me pareceram boas desde o início como outras que agora me apercebo que afinal não eram assim tão más. Consciente desta realidade pessoal, considero com muita razão e justiça o que devo dar de mim mesmo como oferenda a Sua Majestade Divina, ou seja, todos os meus bens e toda a minha vida. Considerai também, como quiserdes, que quem quiser ser mais sensível ao Senhor dará a seguinte resposta amorosa "*Toma, Senhor, e recebe toda a minha liberdade,*

a minha memória, o meu entendimento e toda a minha vontade - tudo o que tenho e a que chamo meu. Tu deste-me tudo. A Ti, Senhor, devolvo-o para fazeres o que quiseres. Dai-me apenas o vosso amor e a vossa graça. Isto basta-me".

Completando o primeiro ponto, Inácio propõe um **segundo ponto**: reparar como Deus está presente e vivo em cada encontro e em cada experiência, à minha volta e dentro de mim, ao pensar em mim e na minha maneira de viver, em tudo o que realizo e naqueles a quem sirvo. Terminar este ponto retomando a anterior oração de oferta de si: "Tomai, Senhor, e recebei..."

No **terceiro ponto**, considero como Deus trabalhou para mim em todas as coisas criadas e pessoas que encontrei nesta peregrinação. Depois de considerar este ponto, pergunto-me o que posso fazer para me tornar uma pessoa mais amorosa. Concluo este terceiro ponto retomando a oração de oferta de si mesmo: "Tomai, Senhor, e recebei..."

A quarta: repara que toda a boa dádiva vem do alto, e que a minha própria força vem apenas do poder infinito de Deus. Assim, a justiça, a bondade, a misericórdia, todos os outros bons dons que reconheço em mim e no mundo (como os raios de sol, a água, etc.) vêm de Deus. Depois de considerar as origens de toda esta bondade, considero-me a mim próprio e a forma como vou retribuir tudo o que recebi durante esta peregrinação. Termina esta reflexão voltando à oração de oferecimento de si acima: "Tomai, Senhor, e recebei..."

Colóquio final: Resuma os seus pensamentos durante este tempo de oração, falando com Jesus como um amigo fala com outro. Seja honesto com ele sobre os desejos e decisões que encontrou no seu coração durante estes dias de peregrinação e oração. Concluir com o "Pai Nosso".

Um espaço vazio a ser preenchido

Um copo tem de estar vazio para poder ser enchido.
Se já estiver cheio, não pode ser enchido novamente, exceto se for esvaziado.
Para encher qualquer coisa, tem de haver um espaço vazio.
Caso contrário, não pode receber.
Isto é especialmente verdade no que diz respeito à palavra de Deus.
Para o recebermos, temos de ser esvaziados.
Temos de ser capazes de o receber, esvaziados
do falso eu e das suas exigências sem fim. Quando
Cristo veio, não havia lugar na estalagem.
Estava cheia. A pousada é um símbolo do coração.
A palavra de Deus, Cristo, só pode criar raízes numa cavidade.

-William Breault SJ

A Peregrinação das Sete Igrejas em Roma e Inácio e os primeiros companheiros jesuítas.

Comentários sobre as igrejas por Jean-Paul Hernández S.I. Tradução para o inglês pela Dra. Kinga Araya. Comentários do livro para peregrinos escrito pelo Centro San Lorenzo, 2015, e também do folheto sobre *Pellegrini Alle Sette Chiese* do Ufficio Nazionale Per la Pastorale del Tempo Libero, Turismo e Sport.

UM POUCO DE HISTÓRIA: Nas pegadas de Santo Inácio de Loyola e de São Filippo Neri.

A peregrinação às Sete Igrejas é conhecida pela maioria graças a S. Filippo Neri. No entanto, trata-se de uma tradição processional anterior a S. Filipe, datada por alguns do século VII a VIII e por outros do século XIV, aquando dos primeiros Jubileus.

Já por volta de 1140, Bento, cónego da Basílica de São Pedro, relata no seu guia *Mirabilia urbis Romae* a descrição das sete Basílicas com as suas relíquias. E um outro guia, *O conforto dos peregrinos*, escrito em 1450 pelo agostiniano John Capgrave, além de apresentar as Sete Igrejas e os tesouros espirituais que elas contêm, trata também das indulgências que é possível ganhar em relação aos tempos litúrgicos (por exemplo, mil anos para quem visita a Basílica de São Pedro na festa da Anunciação, na segunda-feira, na quinta-feira ou no dia da festa do santo).

Santo Inácio de Loyola, que chegou no Domingo de Ramos de 1523 para pedir ao papa autorização para viajar para Jerusalém, passou a Semana Santa dedicando-se também à peregrinação às Sete Igrejas. A 22 de abril de 1541, Inácio e os seus seis companheiros - os jesuítas da primeira hora - vão às Sete Igrejas e fazem os votos de pertença à Companhia de Jesus na Basílica de S. Paulo, fora das muralhas. O facto de a peregrinação ser conhecida e de os peregrinos poderem obter indulgências é confirmado por uma carta de S. Francisco Xavier, datada de 20 de setembro de 1542, enviada de Goa a Inácio de Loyola, na qual o escritor pede a Sua Santidade que conceda ao Governador das Índias (delegado pelo Rei de Portugal) e à sua família o privilégio de receberem - sempre que se confessarem - "as indulgências que obteriam se visitassem as Sete Igrejas de Roma".

No dia de Pentecostes de 1544, durante uma das suas peregrinações, S. Filippo Neri sofreu uma dilatação cardíaca nas catacumbas de S. Sebastiano. Uma vez que Filipe foi ordenado sacerdote a 23 de maio de 1551, com quase 36 anos, é evidente que já ia às Sete Igrejas antes de ser padre: ia sozinho e por vezes à noite, atravessando zonas de risco, com um pão e alguns livros para ler à luz da lua. Mas o início oficial desta prática de peregrinação foi a 25 de fevereiro de 1552 (Quinta-feira Gorda): com um pequeno grupo de amigos, gradualmente cada vez mais numeroso (até 6 mil pessoas), parte da Via Monserrato (perto da Piazza Farnese), da igreja de San Gerolamo della Carita, em cujo convento Filippo vive (só em 1583 o Papa Gregório XIII o convence a mudar-se para S. Maria in Vallicella, ou Chiesa Nuova).

Rezar nas ruas e nas praças, fazer ressoar o nome de Jesus no meio dos romanos: é este o programa de S. Filipe. O que faz com que a peregrinação dure dois dias. No final da tarde do primeiro dia, depois de atravessar a ponte de S. Ângelo, visita-se os doentes do hospital de S. Spirito e chega-se a S. Pietro. No dia seguinte, de manhã cedo, partindo de novo da Porta S. Spirito, dirigimo-nos a S. Paolo, onde tomamos a atual "Via delle Sette Chiese" para chegar a S. Sebastiano. Aí é celebrada a Santa Missa (depois transferida para a Celia, na igreja de S. Stefano Rotonda, com o aumento do número de peregrinos). O almoço é feito primeiro na vinha dos Savelli, perto da Caffarella, depois no jardim da Villa Mattei, a atual Villa Celimontana (nas instalações da Igreja Nova ainda se conserva um esboço de madeira colorida de S. Filippo, exposto na Villa Mattei para o tornar presente mesmo morto no momento de maior convívio).

Depois continua para S. Giovanni in Laterano e S. Croce in Gerusalemme. Pela Porta Maggiore sai-se novamente das muralhas da cidade, chegando ao Agro Verano, onde se encontra a Basílica de S. Lorenzo. Por fim, regressa-se à cidade, em direção a S. Maria Maggiore, onde a peregrinação termina com o canto da Salve Regina. O percurso poderia (e pode) abrir-se a novas etapas: por exemplo, a paragem na Ilha do Tibre, onde está sepultado o apóstolo S. Bartolomeu, ou na igreja de S. Nereo e Achilleo, no bairro de Celia, não muito longe das Termas de Caracalla, construídas onde S. Pedro teria perdido uma ligadura no pé durante a sua fuga para evitar o martírio.

Ao longo do caminho há duas lápides, diante das quais vale a pena parar: uma, na Via Ostiense (entre os números 106 e 108), comemora o último encontro entre S. Pedro e S. Paulo, antes do seu martírio no Monte Janiculum e no Acque Salvie. A outra, no bairro de Garbatella, onde passa a "Via delle Sette Chiese", recorda o encontro entre S. Filippo Neri e S. Carla Borromeo, que percorreram a estrada em direção oposta.

Talvez a verdadeira inovação trazida por S. Filipe tenha sido a transformação das visitas às Sete Igrejas numa prática colectiva, que a Igreja adoptou por ocasião do Jubileu de 1575, o primeiro depois do Concílio de Trento (ver imprensa de Lafréry).

A peregrinação é também uma viagem simbólica pelo mundo cristão. S. Giovanni in Laterano era a sede do pastor supremo. Quatro basílicas representavam as sedes patriarcais da antiguidade (S. Pedro, Constantinopla; S. Paulo, Alexandria; S. Lourenço, Jerusalém; S. Maria Maggiore, Antioquia). Por fim, foram acrescentadas S. Sebastiano e S. Croce, que se encontravam na estrada, para completar o "sentido místico" do número 7, segundo Sisto V. Sete são as Igrejas do Apocalipse de S. João (Éfeso, Laodicéia, Esmirna, Filadelfia, Sardes, Tiatiri, Pérgamo), que Deus enriquece com os Sete dons do Espírito Santo. Sete horas de caminhada, marcadas pelos Sete derramamentos de sangue de Jesus (circuncisão, suor no horto, flagelação, coroação de espinhos, crucificação das mãos e dos pés, abertura do lado) ou pelas Sete dores de Maria. Sete são também os passos de Jesus durante a Paixão e sete as palavras de Jesus na cruz.

Em cada igreja, para além de um dos dons do Espírito Santo, pede-se a libertação de um dos sete pecados capitais e contemplam-se as sete virtudes opostas. Cada etapa sublinha, por um lado, que o nosso coração está inclinado para o vício (quase se poderia dizer que nós "somos" o vício). Mas, por outro lado, sublinha que temos um desejo de virtude: todos, sem exclusão, a desejam (poder-se-ia dizer que "somos" esse desejo de virtude). Cristo é aquele que possui os Sete Dons do Espírito Santo, que Ele nos concede.

1.- Basílica de São Pedro no Vaticano

Na colina do Vaticano, Nero (imperador de 54 a 68 a.C.) tinha construído o seu circo privado, onde se realizavam as lutas de gladiadores e as execuções capitais dos rebeldes e traidores. Por isso, foi criada nas proximidades uma necrópole para enterrar as vítimas. Entre elas, muitos cristãos foram atirados às feras ou consumidos como tochas vivas. De acordo com fontes antigas, a primeira perseguição sistemática aos cristãos teve lugar precisamente sob Nero, após o grande incêndio de Roma em 64. É provável que Simão Pedro tenha sido uma das vítimas da primeira perseguição (outros defendem a morte de Pedro em 68 a.C.). Em todo o caso, é nesta necrópole que, durante as escavações de 1953, Margherita Guarducci descobre o que a maioria dos arqueólogos reconhece hoje como o túmulo de São Pedro. Está marcado por uma inscrição grega ("Pedro está aqui") e por muitos outros indícios que confirmam a importância do defunto para as primeiras gerações cristãs. A propósito da presença dos restos mortais de São Pedro e de São Paulo em Roma, Eusébio de Cesareia vai relatar as palavras de um sacerdote do início do século II. III que afirma: " Posso mostrar-vos os lugares de sepultura ("trophea") dos Apóstolos. Se quiserdes ir ao Vaticano ou ao Ostiense rua, encontrareis os túmulos daqueles que fundaram esta Igreja".

O túmulo descoberto em 1953 está situado exatamente na vertical sob o Altar da primeira Basílica de São Pedro, construída por Constantino entre 320 e 333. Para construir a basílica, o imperador tinha nivelado toda a necrópole, um gesto que os historiadores consideram insólito, mas que só confirma a excecionalidade do túmulo aí conservado.

Em 1450 iniciaram-se as obras de reestruturação da Basílica, interrompidas várias vezes, que nunca foram concluídas. Em 1506, o Papa Giulio II reabriu os trabalhos de reconstrução da Basílica com um novo projeto dirigido pelo arquiteto Bramante. Consistia numa planta central de estilo grego, segundo o modelo da "Martyria" (referindo-se aos edifícios do início do milénio e às tradições orientais para honrar os mártires), mas dominada por uma enorme cúpula inspirada no Panteão. Simbolicamente, o martírio de Pedro tornou-se o fulcro da unidade universal prefigurada pela unidade do Império. Para realizar o seu projeto, Bramante começou a demolir a Basílica Constantiniana, o que suscitou numerosas críticas, como as de Erasmo de Roterdão.

Durante a sua visita a Roma, em 1510, Lutero também criticou as obras de reconstrução e, mais tarde, denunciou a Igreja de Roma pela venda de indulgências que serviram para financiar a Basílica.

Em 1514, Rafael Sanzio substituiu Bramante na reconstrução da Basílica. No entanto, regressa a um modelo de basílica que ignora o projeto de Bramante. Após algumas interrupções relacionadas com o saque de Roma em 1527, os trabalhos são retomados por *Antonio di Sangallo il Giovane*, que propõe uma síntese entre o modelo de Bramante e o de Rafael. Em 1546, Michelangelo Buonarroti, encarregado da Basílica, regressa ao modelo da planta central e concentra-se na cúpula, concluída por Giacomo della Porta apenas em 1590. A cúpula, projectada por Miguel Ângelo, continua a ser a mais alta do mundo, com 136 metros de altura. À volta do tambor da cúpula estão as palavras em latim do capítulo 16 do Evangelho de S. Mateus: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja e dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus". Finalmente, em 1607, Carlo

Maderno assume os trabalhos de reconstrução com um plano que combina o plano central de inspiração oriental com o da basílica, modelo arquitetónico típico em Roma e no Ocidente.

Entre 1657 e 1667, Gian Lorenzo Bernini cria a praça de São Pedro, com a mais célebre colunata. Nas célebres palavras de Bernini e do Papa Alexandre VII, a colunata é comparada com as armas da Igreja Mãe. Alguns autores também procuraram semelhanças com o Templo de Salomão, tendo em conta as filas concêntricas de colunas que parecem propor muitos pátios concêntricos do Templo de Jerusalém. Mas o obelisco, situado no centro da praça oval, remete o espetador diretamente para as origens de todo o edifício. Trata-se, de facto, de um obelisco egípcio de granito vermelho que Plínio, o Velho, já tinha colocado na "coluna" central do Circo de Nero. Podemos dizer que é talvez "a última coisa que Simão Pedro viu antes de morrer no Circo de Nero". O obelisco permaneceu durante séculos no lado sul da Basílica antes de ser transferido para a fachada de Maderno em 1586. A oval de Bernini forma assim um novo tipo de "circo" onde os peregrinos que chegam à praça são os novos "mártires" (que em grego significa "testemunhas"). São chamados a testemunhar a fé já não sob o olhar de um público hostil, mas sob um "tribunal celeste" formado por 140 santos representados na cornija.

A graça do lugar:

Pedro era um judeu da Galileia. Não era um homem de grande instrução, mas um simples pescador que trabalhava com as suas mãos. No entanto, Deus chamou-o e fez dele o primeiro dos apóstolos. O próprio facto de a Basílica de São Pedro ser tão grandiosa, tendo em conta a simplicidade do apóstolo, é muito eloquente. Mostra-nos o paradoxo do Deus Altíssimo que nos chama e se humilha para encontrar os mais pequenos. Hoje, tal como chamou Pedro, Deus vem ter comigo e deseja

tornar a minha vida magnífica. Ao longo desta peregrinação, Deus convida-me a escutar o chamamento de Jesus que quer ficar em minha casa. Sou convidado a escutar Deus que me chama pelo nome. Se estou a participar nesta peregrinação, é porque Deus quer que eu esteja aqui, não é por acaso. Jesus chamou-me para esta situação, neste momento. Como chamou Pedro, convida-me agora a segui-lo. Ele deseja-me e quer fazer de mim um sinal para o mundo!

A graça de pedir:

Jesus está a chamar-me para algo secreto e misterioso. Está a chamar-me para um lugar onde só Ele e eu temos acesso. Ele tem um plano para mim e um caminho que só eu posso seguir. Peça-lhe a graça de compreender melhor que alguém me está a chamar. E esse "alguém" é Jesus!

Dom do Espírito: Temor do Senhor.

Vício: A gula.

Virtude: A temperança, que nos dispõe a evitar todo o tipo de excessos.

A abstinência e a capacidade de estabelecer limites. Sem fronteiras, de facto, não somos livres. Uma nação é livre mesmo quando sabe defender as suas fronteiras. Ter medo de sair dos limites é uma coisa saudável. Ou seja, o medo tem um valor positivo. A abstinência é a capacidade de ser livre, conhecendo os limites.

Cristo era verdadeiramente dotado de temor de Deus, mas não tinha medo de fazer a vontade de Deus. Por isso, na sua vida, soube gozar as coisas, mas também renunciar a elas, segundo a vontade de Deus.

2.- Basílica de São Paulo fora dos muros

A primeira Basílica dedicada a São Paulo foi construída pelo imperador Constantino em 324, nos mesmos anos em que a Basílica de São Pedro estava a ser construída no Vaticano. Tal como no caso de São Pedro, esta basílica situa-se no local de sepultura do mártir. O tamanho da atual basílica é ligeiramente maior do que a anterior. Cerca de cinquenta anos mais tarde, sob a direção de Teodósio, foi completamente reconstruída, não só para acolher melhor os peregrinos, mas sobretudo porque, no final do século IV, o mundo intelectual e a fé cristã começaram a entrar cada vez mais em diálogo e o Apóstolo Paulo tornou-se um símbolo desse diálogo. Não só porque Paulo de Tarso é conhecido por ter de abrir a Igreja aos pagãos, mas também porque as suas cartas exprimem uma riqueza intelectual com a qual os pagãos cultos podiam encontrar mais compatibilidade do que com Simão Pedro, um humilde pescador. Ao construir a Basílica de São Paulo, de forma muito semelhante à de São Pedro, quis-se sublinhar a dupla natureza apostólica de Roma: a do pescador Pedro e a do intelectual Paulo. Ao longo do tempo, foram efectuadas alterações estruturais e a mais importante foi feita por Gregório I, que elevou o pavimento da Igreja. Em 1823, um incêndio destruiu quase completamente a Basílica. Durante a reconstrução subsequente, procurou-se manter tanto a estrutura arquitetónica como o programa iconográfico.

A basílica é constituída por uma cruz latina dividida em cinco naves acessíveis através de um pórtico de quatro faces. O jardim que se encontra no interior do pórtico é uma espécie de transição entre o exterior e o interior, e reintroduz a quem nele entra a imagem de um "mundo ordenado", um regresso às origens, um "*paradeisos*" (que em grego significa "jardim"). No centro do jardim, encontra-se uma enorme estátua do Apóstolo com o seu atributo iconográfico: a espada. Esta recorda o instrumento do seu martírio (segundo

Segundo a tradição, São Paulo foi decapitado no local onde hoje se situa a vizinha "Abadia das Três Fontes"). Além disso, a espada lembra também a expressão em que a Carta aos Hebreus (na Antiguidade atribuída a São Paulo) compara a Palavra a uma "espada de dois gumes" (Eb, 4,12).

No interior da Basílica, a decoração do Arco do Triunfo foi reconstruída após o incêndio, consultando os desenhos de 1500. No centro do Arco está um Cristo-Sol, rodeado por uma auréola tripla que indica a Trindade. Acima dele, estão os quatro seres vivos, que indicam os quatro evangelistas, mas são também as quatro presenças que encontramos no Livro de Ezequiel e que testemunham a abertura do céu.

Há também 24 pessoas idosas (Actos 4-5). Os da direita estão velados, os da esquerda não. Os que estão de véu são os justos e os profetas do AT (os judeus usam véu quando rezam). Abaixo deles, reconhecemos o apóstolo Pedro. Os doze não velados representam os pagãos convertidos. Assim, São Paulo está representado abaixo deles.

Nas abóbadas cruzadas, sob o cibório de Arnolfo di Cambio (1285), é possível aceder a um nível inferior em relação ao chão da Basílica: é um chão antigo, anterior a Gregório I. Em frente, encontramos o sarcófago de Paulo, no qual, quase certamente, estão os seus restos mortais. Estes foram identificados por uma convergência de factores, entre os quais a presença de vestígios de fios de ouro, idênticos aos encontrados nos restos mortais de São Pedro na necrópole do Vaticano. Esta coincidência deve-se ao período em que as relíquias dos dois Apóstolos foram reunidas e guardadas num precioso pano na "Memória Apostolorum" da Basílica de São Sebastião na Via Ápia, antes de serem separadas e levadas de volta ao seu lugar original de martírio como "pedra fundamental" das suas respectivas Basílicas.

Esta Basílica é o local onde se realizam as vésperas ecuménicas da noite que encerra a semana da Unidade dos Cristãos, em janeiro de cada ano. Nos últimos anos, o Papa, o Arcebispo de Cantuária e o Patriarca ortodoxo rezaram pela unidade dos cristãos e pediram as orações de São Paulo.

DICA IGNATIANA:

Uma vez aprovada a Companhia de Jesus pela bula papal, foi eleito o primeiro superior geral da ordem. Todos os companheiros queriam que Inácio fosse o escolhido, mas ele teve muita dificuldade em aceitar o cargo. Uma vez aceite o encargo que recaía sobre os seus ombros, todos concordaram que, na sexta-feira seguinte, 22 de abril de 1541, percorreriam "as sete estações das sete igrejas de Roma" e que, numa delas, nomeadamente a de S. Paulo, fariam a sua profissão emitindo os votos especificados na bula. Porquê na de S. Paulo, fora das muralhas, e não na de S. Pedro, à qual Loyola tinha tanta devoção desde a sua juventude? Sem dúvida, para evitar o barulho do povo naquela basílica inacabada.

O Pe. García Villoslada SJ diz na sua "Santo Inácio de Loyola, Nova Biografia" que "Durante aquela longa viagem que fizeram por quase toda a Roma, visitando as sete igrejas, estavam todos tão sorridentes e exultantes de alegria que pareciam cheios do Espírito Santo, cada um à sua maneira. O noviço Ribadeneira foi o que mais se impressionou com a Codura provençal. Copiemos as suas palavras: "Não quero deixar de mencionar a extraordinária e excessiva devoção que o Mestre Juan Coduri sentiu nesse dia, com uma consolação tão veemente e divina que não podia de modo algum reprimi-la dentro de si, antes saía em torrentes... Juan Coduri ia à nossa frente, na companhia de Laínez, por aqueles campos; ouvimo-lo encher o céu de suspiros e lágrimas; clamava a Deus de tal maneira que nos parecia que estava a desmaiar e que ia rebentar pela grande força do afeto que sofria, como se estivesse a dar sinais de que se libertaria em breve desta prisão do corpo mortal. Porque neste mesmo ano de 1541, em Roma, aquele que foi o primeiro a fazer a sua profissão depois do nosso bem-aventurado Padre Inácio foi também o primeiro dos dez que faleceram desta vida, a 29 de agosto."

A graça do lugar:

Sabemos que S. Paulo proclamou o Evangelho onde quer que fosse - com as suas palavras e os seus actos. Deu um grande testemunho a um mundo que não conhecia Cristo. Com a oportunidade de pedir a sua intercessão nesta basílica, peçamos a graça de viver sempre a fé com coragem, onde quer que estejamos.

A graça de pedir:

Senhor, ajuda-me a afastar-me do pecado como fez Saulo. Ajuda-me a tornar-me Paulo, uma testemunha do teu amor pelos outros. Senhor, ajuda-me a ouvir a voz do teu filho e a estar aberto ao que ele quiser de mim.

Dom do Espírito: A piedade.

Vício: Raiva.

Virtude: A paciência, dispõe-nos a estar abertos à misericórdia.

O vício é todo nosso. Na raiva, blasfemamos contra o que nos falta. Queixamo-nos. A virtude da paciência, porém, é a capacidade de abençoar o existente, esperando a plenitude que Deus dar á. A virtude da paciência é o nosso verdadeiro desejo, e nenhuma cultura, de facto

aprova a cólera. Cristo tem o dom da misericórdia: tem uma vida cheia de misericórdia, abençoa tudo o que existe (vemo-lo na multiplicação dos pães). Não se irrita frequentemente, mas transforma pacientemente o que existe em bem. Por vezes, a piedade reforça a virtude da paciência.

3.- Basílica de São Sebastião nas Catacumbas

Para comemorar as relíquias de S. Pedro e S. Paulo, "colunas da Igreja", o primeiro da dos judeus, o segundo da dos gentios, vinham peregrinos a esta igreja. Como, no verão de 257, o imperador Valeriano tinha proibido os cristãos de se reunirem nos seus locais de culto, transferiram as relíquias para as catacumbas de São Sebastião. A primeira festa dos dois santos juntos é datada de 29 de junho de 258.

São Sebastião, convertido à fé cristã em 288, está sepultado na Basílica. Viveu e morreu sob o governo do imperador Diocleciano, cuja primeira coorte de exército comandou. O culto de São Sebastião desenvolveu-se em muitos países europeus, pelo que a cripta onde o seu corpo foi guardado foi o destino de numerosas peregrinações. São Sebastião foi martirizado pelas autoridades pagãs, que o mataram com flechas e o amarraram a uma árvore.

Foi nas catacumbas de S. Sebastião que ocorreu a palpitação cardíaca que atingiu S. Filippo Neri, por volta de 1544, no dia de Pentecostes: uma efusão do Espírito Santo provocou-lhe uma dilatação do coração (duas vezes e meia superior ao tamanho normal) e o arqueamento de duas costelas (atestado pelos médicos após a sua morte).

A Basílica atual, de 1608, é a renovação de uma Basílica do período Constantiniano (século IV). Merece atenção:

- O altar com a urna do corpo de S. Sebastião.
- A Capela das Relíquias, com uma das flechas que atingiu o Santo, e a coluna a que estava amarrado.
- O busto de Cristo Salvador, última obra de Gian Lorenzo Bernini (pouco antes de 1680).
- A pedra original com as pegadas que se crê serem as de Cristo, relativas ao episódio *do Quo vadis*.

Vale a pena visitar a vizinha igreja *Quo vadis*, na estrada que leva a San Giovanni in Laterano. A Igreja do "**Domine Quo Vadis**" é uma das primeiras igrejas situadas na Via Appia Antica, cerca de 800 metros depois da Porta San Sebastiano. A Igreja tem origens medievais, mas foi construída em 1600. O seu nome deriva da tradição oral segundo a qual o apóstolo Pedro, fugindo da cidade para evitar o martírio, encontra Jesus a quem dirige as seguintes palavras: "Domine quo vadis"? (Senhor, para onde vais?). E o Senhor respondeu: "Venio Romam iterum crucifigi" (Venho a Roma para ser crucificado de novo). Pedro. Consciente da repreensão, volta para trás para enfrentar o seu destino e Jesus desaparece mas, ao desaparecer, deixa no caminho as impressões das suas pegadas.

Como prova do facto, no interior da Igreja existe uma pedra com as marcas "dos seus santos pés", deixadas por Jesus precisamente no local onde hoje se encontra a Igreja. A pedra é, na realidade, uma cópia: o original está, de facto, conservado na Basílica de São Sebastião. O segundo nome com que a igreja é conhecida: "Santa Maria delle Piante" (pegada) deriva deste episódio. São Pedro foi crucificado a 29 de junho ^{de}67 na colina do Vaticano.

A graça do lugar:

Um mártir cristão como Sebastião é uma testemunha não da morte mas da vida. Os mártires foram capazes de sacrificar as suas vidas porque estavam convencidos da ressurreição de Cristo. Sabiam que Jesus era e é o caminho, a verdade e a vida, e por isso imitaram o amor de Jesus por nós e deram-lhe a vida. Nós somos chamados a fazer o mesmo, a dar as nossas vidas, a abrir os nossos corações a Jesus e à vida que Jesus nos traz.

A graça de pedir:

Peçamos ao Espírito Santo que se derrame no nosso coração e o alargue à dimensão do amor de Deus, pedindo uma prenda especial de que necessitamos ou talvez algumas pessoas que conhecemos. Peçamo-lo no louvor com todo o nosso coração.

Dom do Espírito: Conhecimento.

Vício: Luxúria.

Virtude: A castidade dispõe-nos a ser livres para amar toda a gente com um coração cheio de Amor.

O dom da ciência (conhecimento) é a capacidade de conhecer e olhar o outro como Cristo o olha. Na luxúria, fazemos do outro um objeto, uma projeção de nós próprios. Na castidade, pelo contrário, amamo-lo verdadeiramente. O valor da castidade é melhor compreendido a partir do momento em que se é pai ou mãe, porque não se tolera que uma filha ou um filho seja apenas um objeto para ser usado por alguém. O amor olha para o outro como Deus olha para ele. A ciência reforça assim a virtude e ensina-nos a olhar as mulheres, os homens, a Criação, as coisas, o dinheiro... como Cristo os olhava.

4.- Basílica de São João de Latrão: Sancta Sanctorum e o Batistério

A Catedral do Bispo de Roma não é a Basílica de São Pedro no Vaticano, mas São João de Latrão. Dos séculos IV a XIV, este foi o local de residência de todos os Papas. Esta basílica, reconstruída no século XVIII, toma o nome de São João Batista, de São João Evangelista e do apelido da família que outrora utilizou esta propriedade. A consagração da Basílica de Latrão é ainda hoje uma festa litúrgica (9 de novembro) porque foi aqui, pela primeira vez, que o cristianismo tomou consciência do poder da metáfora materializada na construção de uma igreja. A igreja, a primeira a ser construída no mundo e mãe de todas as igrejas, é uma imagem de toda a Igreja e, por sua vez, é o "Corpo de Cristo". No Evangelho de João, Jesus já compara o seu corpo a um templo (João 2,21). A Primeira Carta de Pedro fala dos cristãos como "pedras vivas" de um edifício espiritual (1Pedro 2,5). Além disso, a mesma forma escolhida para esta "primeira catedral" é rica de significado teológico. A escolha da basílica é a escolha de um edifício civil e não religioso. É certamente um desejo de se distanciar de uma religiosidade pagã, mas é sobretudo a afirmação de que o Deus de Jesus Cristo é o Deus que se encontra no quotidiano da "praça" (isto é, na parte coberta do fórum que é a basílica) porque é um Deus encarnado. Além disso, a basílica romana era também um antigo lugar de justiça. Rezar na basílica era, portanto, entender a oração como um processo judicial. Isto corresponde exatamente a uma teologia dos Evangelhos, e em particular do Evangelho de João, em que o leitor é envolvido no processo de Jesus e onde se fala do procurador (em hebraico "satanás") e do advogado de defesa (em grego "Parakleitós", nome do Espírito Santo). O leitor do Evangelho, tal como quem entra numa basílica para rezar, apercebe-se de que o processo histórico de Jesus continua no seu coração, onde Jesus é acusado de ser um impostor. A vida espiritual consistirá em reconhecer as duas vozes e constituir-se como "testemunha" (em grego "mártir") de Cristo dentro deste processo contínuo.

Atualmente, o interior da basílica apresenta-se com uma decoração barroca, em grande parte devida a Borromini. As doze estátuas dos Apóstolos nos nichos das pilastras foram executadas por vários artistas no início do século XVIII. Exaltam o papel dos Apóstolos como "pilares" da Igreja. Se o Credo fala de uma Igreja "Apostólica" é, antes de mais, porque nenhum de nós viu o Ressuscitado, mas a fé cristã no Ressuscitado é, de facto, a fé no outro, que, por sua vez, confiou em outrem, remontando aos Apóstolos, únicas testemunhas oculares do Ressuscitado.

O mosaico da abóbada hemisférica da abside é o resultado de várias remodelações, mas conserva muito provavelmente os temas centrais da primeira versão. Remonta ao próprio Constantino e quer realçar a Cruz gloriosa. A visão da Cruz que o imperador teve com as palavras "*In hoc signo vinces*" ("Neste sinal vencerás") antes da batalha da Ponte Milviana (onde Constantino venceu o seu rival Maxêncio). Este sinal é agora ampliado para que todas as pessoas o possam contemplar, mas já não em nome de uma vitória militar, mas sim interior. Uma parte do projeto inicial consistia provavelmente numa imagem do busto e de um rosto de Cristo, pouco representado perante Constantino. Os quatro rios e o veado também fazem parte da linguagem iconográfica cristã primitiva. Embora muitos outros elementos sejam atribuídos ao aperfeiçoamento de Jacopo Torriti

no final de 1200. Finalmente, no século XX, os mosaicos foram novamente deslocados e modificados por Leão XIII. Os restos do Palácio Episcopal de Latrão são atualmente constituídos por um santuário composto por uma capela interna dedicada a São Lourenço e é chamado *Sancta Sanctorum* pelas preciosas relíquias que aí se conservam.

Sobe-se as escadas da Escada *Santa* - la *Scala Santa*. Segundo a tradição, Jesus subiu as mesmas escadas antes do seu julgamento. A *Scala Santa* terá sido transportada para Roma pela imperatriz Santa Helena, mãe de Constantino, em 326 d.C. Os peregrinos sobem a escada de joelhos. Num contexto cristão, qualquer escada simboliza a "escada do Céu", ou seja, a escada do sonho de Jacob (Gênesis, 28,12) reinterpretada no Evangelho de João como a Cruz de Jesus e a sua Paixão (João, 1,51), passagem para toda a humanidade entre a terra e o céu.

O *Sancta Sanctorum* foi construído no tempo de Constantino e foi reestruturado no século XIII. No altar encontra-se a imagem "Acheiropieta" (=não pintada com mãos humanas) do Redentor que a tradição acredita ter sido pintada pelos anjos. Trata-se de um ícone de madeira, que data do século VI-VII. Ele testemunha o desejo de todo o crente, expresso nos Salmos: "Senhor, procuro a tua face".

Do outro lado da Piazza é possível visitar o Batistério construído por Sisto III entre 432 e 440 d.C. sobre um antigo local do Batistério da era de Constantino. Embora o interior tenha sido modificado muitas vezes, a estrutura externa do século V permanece. O modelo arquitetónico é semelhante ao de um mausoléu pagão. Quem entra no batistério pode experimentar o que as mulheres tinham experimentado na manhã da Ressurreição após a sua Crucificação, como se entrassem no túmulo vazio. Quem entra no batistério pensa que é um lugar de morte, mas descobre que a banheira batismal é como um túmulo vazio, que ajuda a experimentar a Ressurreição. A sua forma octogonal sublinha o símbolo comentado pelos Padres da Igreja do "Oitavo Dia" (o dia a seguir ao Sábado) que é o dia da Ressurreição. As capelas adjacentes conservam os mosaicos da época cristã primitiva.

A graça do lugar:

Estamos perante a Igreja de São João de Latrão - a Igreja-mãe de Roma. É importante por causa de uma cadeira no interior - a cátedra do Bispo de Roma, o Papa. A cátedra é o símbolo da autoridade de ensino de um Bispo na sua Diocese. Nesta Igreja, rezamos de modo especial pelo nosso Papa e por todos os bispos das nossas dioceses. Que o Senhor continue a abençoá-los e a dar-lhes a graça de nos guiarem a todos na fé.

A graça de pedir:

Reflectamos sobre a forma como este processo de orientação está presente na nossa vida. Quando fazemos coisas, quando estamos ativamente a pregar ou a dar catequese a outros, ou simplesmente a falar da nossa fé, será que também nos retiramos e deixamos Jesus brilhar através do que fazemos ou dizemos?

Dom do Espírito: Aconselhamento.

Vício: Ganância.

Virtude: A gratidão dispõe-nos a ser generosos e a dar sem expectativas.

Perante uma encruzilhada, é necessário um conselho para decidir. Cristo, em Cafarnaum, quando lhe dizem para regressar à cidade, responde que é preciso ir pregar para outro lado: tem o dom do conselho que orienta as decisões. Muitas vezes somos avarentos: não tomamos uma decisão, porque tomá-la significa renunciar a alguma coisa. No momento da vocação, muitos ficam paralisados pela renúncia. Por outro lado, a prodigalidade - a capacidade de dar e de se dar, livre e generosamente - é a virtude de saber renunciar a alguma coisa, quando se é bem aconselhado, quando se compreende qual é a vontade de Deus.

5.- Basílica da Santa Cruz em Jerusalém

Chegamos aqui para comemorar a Paixão e Morte de Jesus, graças às relíquias aqui conservadas: as mais importantes são três fragmentos da cruz, um prego, um fragmento do *titulus* (INRI) e dois espinhos da coroa. Não é uma basílica sepulcral, mas um lugar para celebrar os mistérios da fé: se para São João de Latrão é a Ressurreição e a Redenção, para Santa Cruz é a Paixão e a Morte, que tornaram possíveis as outras duas.

Fundada por Constantino e sua mãe, Santa Helena, ou pelos seus descendentes diretos, no local onde existia um *Palatium*, propriedade do imperador, conhecido como Sessoriano. Elena, em 325, tinha encontrado no Gólgota os restos do madeiro da cruz e outras relíquias, colocadas numa capela em cujo chão foi espalhada uma camada de terra do Calvário, "manchada pelo sangue do Senhor". A Basílica, na sua estrutura original, pretendia seguir a de Jerusalém.

Merece atenção:

- ✓ O pavimento cosmatesco (de uma família muito famosa de trabalhadores de mármore, os Cosmati, no Lácio).
- ✓ O teto renascentista.
- ✓ Na absíde, a faixa inferior com a Lenda da verdadeira cruz, também narrada por Piero della Francesca em Arezzo e por Santo Ambrósio no século V. Encontradas as três cruzes de Jesus e dos ladrões, o problema era discernir qual delas era a do Senhor: Santa Helena mandou estender o cadáver de um jovem em cada cruz e, em contacto com a de Jesus, o morto voltou à vida e deu glória a Deus.
- ✓ A Capela das Relíquias.
- ✓ A Cappella della Pietà (ou Gregoriana), semi-subterrânea como a de Santa Helena, com um precioso relicário em forma de tríptico, que ostenta, no centro, uma antiga *Imago pietatis*.

A graça do lugar:

Hoje em dia, podemos muitas vezes pensar na fé como algo distante ou abstrato, mas esta Igreja proclama a realidade concreta da nossa fé. Esta Igreja, fundada sobre terra trazida de Jerusalém, é dedicada ao instrumento histórico da paixão de Nosso Senhor, a Santa Cruz. O amor desinteressado e sacrificial de Cristo por nós manifestou-se de forma real, e o seu desejo de se compadecer de nós e de estabelecer uma amizade connosco é uma realidade que se torna o fundamento de toda a nossa vida. Será que respondemos permitindo que Cristo seja uma realidade na nossa vida quotidiana?

A graça de pedir:

Pedir a graça de compreender o quanto Deus me amou através da cruz. Peça também a graça de compreender a perspectiva do sofrimento. Deus não queria o sofrimento, mas suportou-o. Não o podemos explicar ou compreender teoricamente. Quando olhamos para a cruz, vemos que Deus não abandonou a humanidade sofredora. Deus está presente no sofrimento porque foi Ele que o incluiu primeiro. Também nós podemos suportar o nosso sofrimento com ele e oferecê-lo por ele. Podemos descobrir que com ele, mesmo no sofrimento, a nossa vida é fecunda.

Dom do Espírito: Fortaleza.

Vício: Preguiça.

Virtude: A diligência, que nos dispõe à ação e a empenharmo-nos como Jesus, até ao fim.

Cristo tem o dom da fortaleza, tem o dom de ser um "carvalho", de suportar a culpa. O vício da preguiça manifesta-se nas desventuras: quando elas surgem, já não se joga, retira-se do jogo. O fervor é um desejo de empenhamento, mas por vezes falta se não nos for dado o dom da fortaleza por Cristo.

Estamos aqui para comemorar o martírio de São Lourenço e a unidade que ele soube realizar entre a fé e a caridade. Vítima - a 10 de agosto de 258 - das perseguições de Valeriano, era um dos 7 diáconos, responsável pelo cuidado de 1500 pobres e viúvas ajudados pela comunidade cristã de Roma, bem como pela administração dos bens e dos cemitérios. Alguns Papas da época não foram escolhidos entre os presbíteros, mas sim entre o grupo dos diáconos. Segundo a tradição, quando Valeriano pediu a S. Lourenço que entregasse todos os bens da Igreja, este apresentou ao imperador os pobres, os doentes e os coxos como tesouros da Igreja e foi depois martirizado ao ser incendiado numa grelha de ferro.

Por volta de 330, Constantino mandou construir um pequeno oratório sobre o túmulo de Lourenço, com uma escada dupla para acolher os peregrinos. Em seguida, mandou construir nas proximidades uma grande basílica cemiterial, sobre a qual, por volta de 580-90, o Papa Pelágio II ergueu uma nova basílica. E Honório III (1216-1227) acrescentou uma outra, que é aquela por onde se entra atualmente.

Na Basílica, há também a memória de outro diácono, o protomártir Santo Estêvão (†34), do filósofo São Justino (†114), animado pela caridade intelectual, e de Alcide Degasperi (político, fundador do Partido Democrata Cristão e promotor da União Europeia, falecido em †1954), para lembrar a caridade da política.

Merece atenção:

- ✓ O narthex dos Vassallettos, marmoristas romanos activos em Roma entre os séculos XII e XIII, para alguns coincidindo com os Cosmati. Há frescos do século XIII, que narram em paralelo as histórias de S. Lorenzo e S. Stefano, e o túmulo de Degasperi, de Giacomo Manzù.
- ✓ O pavimento cosmatesco, dos marmoristas de Cosmati (séculos XII e XIII).
- ✓ O *cibório*, de 1148.
- ✓ Os dois *ambões* da nave, um reservado aos textos não evangélicos e o outro à proclamação do Evangelho.
- ✓ O candelabro para o círio pascal.
- ✓ O mosaico do arco triunfal (séc. VI), visível no presbitério para o interior: representa a Majestade de Cristo.
- ✓ A cripta com o túmulo dos santos Lourenço, Estêvão e Justino.
- ✓ A Capela Funerária de Pio IX.
- ✓ O claustro do século XII.

A Basílica, bombardeada em 1943, sofreu graves danos, tendo sido parcialmente restaurada entre 1946 e 1950.

O cemitério *de Campo Verano* situa-se ao lado da basílica e foi visitado pelo Papa Francisco em 2015, que celebrou uma missa pelas almas dos defuntos.

A graça do lugar:

"Foi a mim que o fizeste". Estas cinco palavras são as palavras que Jesus dirá no juízo final. São Lourenço tinha estas palavras gravadas no seu coração. Porque, quando lhe pediram para dar os tesouros da Igreja ao imperador, ele reuniu os pobres de Roma e apresentou-os ao imperador. Ele viu Cristo nos pobres. Cristo é o único tesouro da Igreja. A minha oração nesta igreja é que eu possa ver Jesus no angustiante disfarce de qualquer tipo de pobre. "Foi a mim que o fizeste."

A graça de pedir:

Peço a graça de amar mais sinceramente os que me rodeiam, na sua riqueza e na sua pobreza. Peço a graça, por intercessão de São Lourenço, de amar a Igreja tal como ela é. Se a Igreja às vezes me parece pobre, talvez seja antes de mais porque eu faço parte dela!

Dom do Espírito: Compreender.

Vício: Inveja.

Virtude: A gratidão dispõe-nos a viver a caridade fraterna.

O dom do intelecto (entendimento) consiste em tomar consciência da presença do outro, em ser capaz de ver que ele está ali. Na inveja, vê-se sempre com mau olhar, ou como inimigo. No amor fraterno, pelo contrário, consegue-se vê-lo como um irmão. Cristo tem o dom da compreensão e convida-nos a amarmo-nos uns aos outros como ele nos amou.

7.- Basílica de Santa Maria Maior

A Basílica de Santa Maria Maior é uma das primeiras dedicadas a Maria na Cristandade. Foi construída pouco depois do Concílio de Éfeso (431 d.C.) que declarou Maria "Theotokos" (Mãe de Deus) para sublinhar que Jesus é Deus desde a sua conceção e que, por conseguinte, o corpo humano de Jesus foi uma expressão de Deus. Uma história transmitida diz que, no dia 5 de agosto, a Virgem Maria apareceu ao Papa Libério num sonho, pedindo que fosse construída uma igreja em sua honra e mencionando que um sinal milagroso indicaria exatamente onde construir a igreja. Nesse dia 5 de agosto de 358, diz-se que uma queda de neve milagrosa ocorreu apenas aqui no monte Equilino.

Muitos dos mosaicos conservados na Basílica são datados de 432 d.C. No lado direito da nave central, temos a história do Êxodo e, no lado esquerdo, a história dos Patriarcas. Estas duas grandes narrativas visuais correspondem à catequese dos Padres da Igreja e comentam as promessas de Israel como um longo caminho que conduz à Encarnação. E é precisamente a Encarnação que está a ser representada no Arco do Triunfo, a entrada de Deus em forma de corpo humano, tornando assim cada corpo humano "capaz de Deus". As cenas são, na sua maioria, retiradas dos evangelhos apócrifos, como a Anunciação em que Maria está a tricotar com um fio vermelho. O "Protoevangelho de Tiago" conta, de facto, que Maria, no momento da Anunciação, estava a tricotar o véu vermelho do Templo de Jerusalém, o mesmo véu que foi rasgado durante a Crucificação.

Os mosaicos da abside foram realizados por Jacopo Torriti (século XIII). Na parte inferior, entre as janelas, os mosaicos representam vários episódios da vida de Maria. Na abóbada hemisférica da abside, sobre um fundo estrelado, o mosaico representa a coroação de Maria como realização de uma vida em que todo o seu corpo se tornou instrumento de Deus. Com a "abside mariana", Santa Maria Maior interpreta a Eucaristia como a continuação da Encarnação, e o corpo de cada ser humano como o lugar onde Deus se manifesta.

Numa capela lateral, descendo uns degraus que conduzem a um relicário decorado, encontram-se alguns pedaços de madeira do berço do Menino Jesus. Santo Inácio celebrou aqui, neste altar, a sua primeira missa como sacerdote. Devido à sua devoção à Natividade, ele queria celebrar em Belém, mas era impossível fazer a viagem à Terra Santa naquela altura. Atualmente, o altar está dividido em algumas partes numa capela lateral, perto da entrada principal, do lado direito de quem sai.

A graça do lugar:

Maria guardou no seu coração os muitos mistérios da sua vida com Jesus. Os muitos encontros, os muitos acontecimentos que partilhou com Jesus e que ainda não compreendia completamente, guardou-os no seu coração. O próprio Deus habitava dentro dela e caminhava ao seu lado. Ela fazia as coisas mais comuns e mundanas da sua vida quotidiana com o seu pequeno Filho - Jesus - ao seu lado. Viu-o transformar a água em vinho e viu a água e o sangue saírem do coração trespassado do seu querido Filho na cruz. Hoje, encontramos Jesus de várias maneiras. Que o exemplo de Maria nos leve a refletir no nosso coração sobre estes encontros e descobertas, enquanto regressamos à nossa vida quotidiana em casa. Não esqueçamos que toda a nossa vida é uma peregrinação para a nossa pátria celeste.

A graça de pedir:

Peço a Maria, no final desta peregrinação, que me ajude a guardar no meu coração o que fui compreendendo ao longo desta experiência. Maria, toma-me pela mão e, a partir deste momento, fica comigo para sempre.

Dom do Espírito: Sabedoria.

Vício: Orgulho - Vaidade.

Virtude: A humildade, dispõe-nos a caminhar atrás de Cristo e não à frente d'Ele, seguindo humildemente o Seu próprio caminho de humildade, como recorda Santo Inácio nos Exercícios Espirituais.

Cristo é sabedoria: "Aprendei de mim que sou humilde e manso de coração". Nós, pelo contrário, somos orgulhosos. E é nosso desejo vencer o orgulho: assim que alguém tem uma ponta de orgulho, parece-nos repulsivo. A humildade já é teológica, mas o dom da sabedoria completa-a.

Dia 17: Regresso à Galileia!

Notas: Mantemos o mesmo espírito positivo, continuando a contemplar o Amor de Deus em toda a sua plenitude no final desta peregrinação em Roma. Não há nada que nos possa impedir no nosso caminho de liberdade e de felicidade eterna no amor de Deus. Alegramo-nos com cada flor, pássaro, sorriso, mão estendida, igreja, rua, etc. Recordar a "oração introdutória" ao entrar na oração, bem como ao longo do dia. Prestar atenção ao colóquio final: pedimos um conhecimento interior do Amor de Deus que fortalece o nosso empenhamento na vida eterna. Falamos disto com o nosso "amigo" Jesus no colóquio do fim da oração e durante o dia.

A graça: Peço ao Pai este dom: entrar na alegria de Cristo ressuscitado e vencedor. Para poder contemplar a plenitude da vida que Jesus alcançou para nós. Peço para me alegrar profundamente com Cristo, e para ser enviado ao mundo para servir a missão de Jesus Cristo.

Reflexões: A graça de estar vivo, a graça de experimentar a ressurreição em nós não é apenas um dom pessoal. É uma graça que deve ser partilhada com os outros e posta ao serviço da Missão de Jesus: difundir a Boa Nova do Reino de Deus. Hoje sentimo-nos renovados, pois no mesmo momento comprometemo-nos com Jesus, o nosso melhor "amigo", a ajudar a realizar a sua missão na terra. O Pai continua a derramar o Espírito de Cristo sobre os homens e mulheres do nosso tempo. Jesus consola-nos sempre e envia-nos em missão para consolar os sofredores, os pobres e todos os que anseiam pela salvação. Como está escrito: "Quando envias o teu espírito, eles são criados, e tu renovas a face da terra. (Salmo 104,30). Pedimos hoje ao nosso Deus para entrarmos na alegria e na missão consoladora de Jesus Ressuscitado.

No Evangelho de Mateus, encontramos Jesus a pedir aos discípulos que fossem para a Galileia e o ajudassem lá. Os discípulos são os pecadores que Jesus convidou para serem seus companheiros, os mesmos que foram traidores no final. Agora somos um com eles, como discípulos na nossa peregrinação para o Reino. Estamos também unidos a outros, talvez mais pecadores ou mais fiéis do que nós. Mas isso não tem importância, porque a nossa força e sabedoria estão centradas em Cristo. Não tenhais medo de responder ao seu chamamento. Reunimo-nos agora no monte, o lugar de encontro entre Deus e o seu povo. Para nós, esse lugar pode ser um bairro de lata, um laboratório, uma igreja, uma clínica, um escritório, uma sala de estar, uma sala de aula. Jesus dá-nos a nossa missão: sair, batizar, ensinar, amar e levar a Compaixão de Deus como reconciliação para toda a humanidade. Somos convidados a cumprir esta missão em cada momento e circunstância da vida. E Jesus diz-nos as palavras mais maravilhosas: Ele promete que estará sempre connosco, em cada momento alegre e doloroso. Mesmo que eu não me sinta digno de aceitar a sua presença, Jesus estará sempre perto de mim. Mesmo que eu seja uma pessoa pecadora, infiel e limitada, Jesus vai enviar o seu Espírito para transformar cada situação humana numa experiência de crescimento.

Mesmo que a nossa fé seja pequena, Jesus conta connosco. Tomé teve de reconhecer a sua falta de fé antes de ser enviado ao mundo. Rezamos para responder ao chamamento de Jesus, que nos convida a segui-lo até à praia e a ficar com ele. Juntamo-nos aos discípulos para receber a sua missão e a sua bênção.

Escritura:

Mateus 28: 16-20: "Eu estarei sempre convosco, até ao fim dos tempos".

João 20: 24-29: Tolerante com as minhas trevas e a minha incredulidade, como o foi com Tomé, Jesus compraz-se em consolar-me com o dom de fé renovada. Na Sua presença amorosa, eu digo: "Meu Senhor e meu Deus!"

João 21: 1-17: Um momento de alegria - "É o Senhor!" Um momento de companhia - "Vem comer a tua refeição". Um momento de intimidade e decisão - "Amas-me?" Um momento de missão - "Apascenta as minhas ovelhas!"

Romanos 8:31-39. Nada nos pode separar do amor de Deus.

Colóquio final: Nesta altura da nossa peregrinação interior, estamos habituados a caminhar com o nosso amigo e Senhor Jesus Cristo, falando livremente como um amigo faz com outro. Se experimentas honestamente a força e a graça que há em ti, implora a Jesus que te aceite sob a sua bandeira, para construíres ao seu lado o Reino de Deus. Terminar com o "Pai Nosso".

Ajude-nos a ficar perto de si

Senhor Jesus, pedimos-te agora
para nos ajudar a estar sempre convosco,
estar perto de ti com todo o ardor do nosso coração,
para assumir com alegria a missão que nos confiaste e
que é a de continuar a tua presença
e espalhar a boa nova da vossa Ressurreição.

-Carlo Maria Martini SJ



Jacopino del Conte, em 1556, logo após a morte de Inácio, fez este quadro, com o caixão de Inácio ainda na casa dos jesuítas. Uma vez terminada a pintura, os primeiros companheiros não gostaram. Do seu ponto de vista, não era um verdadeiro retrato de Inácio.

O inaciano Roma:

1.- A Igreja de Il Gesù

É a igreja-mãe dos jesuítas, construída em 1568, ou seja, 12 anos após a morte de Santo Inácio. O fundador tinha insistido para que a ordem não tomasse o seu nome ("Ignatistas"), mas sim o de Jesus: uma sociedade de Jesus. O nome é representado em muitas partes da igreja com o monograma de Cristo, "IHS". IHS significa "Iesus Hominum Salvator" (Jesus Salvador do Homem). IHS também designa os três primeiros caracteres do nome de Jesus em grego.

Insistindo no "nome de Jesus", os jesuítas remetem para uma tradição dos primeiros cristãos. A oração e a sua repetição frequente tornar-se-ia nos cristãos do Oriente "uma oração do nome", conhecida também como "oração do esichasmo" (paz do coração). No final da Idade Média, foi São Bernardo de Siena que popularizou a oração com o uso do acróstico IHS. Os jesuítas quiseram apresentar esta oração como uma relação direta com Deus, que pode ser chamado "pelo nome" e com quem se pode conversar "como um amigo fala com um amigo", segundo a frase de Santo Inácio escrita nos *Exercícios Espirituais*.

O IHS está presente na fachada da Igreja e repete-se no centro do fresco da abóbada, pintado pelo artista genovês Baciccia por volta de 1672. O fresco propõe a ilusão de um céu aberto onde o IHS coincide com a forma da Hóstia Eucarística como fonte de luz para todos. Por outras palavras, a intimidade de Deus que permite ser chamado pelo primeiro nome pode ser vivida particularmente na Eucaristia. Esta intimidade elimina toda a distância que separa o céu da terra. De facto, para além da cornija do céu aberto, estão representados sete vícios que dividem o céu da terra e que são expulsos pela luz emitida pelo nome eucarístico de Jesus.

Na cúpula, Baciccia representa os santos do paraíso, um dos quais, do lado esquerdo, é reconhecível, Santo Inácio, apresentado a Cristo por São Pedro. À direita, está São Francisco Xavier, apresentado a Cristo por São Paulo. Os primeiros mosaicos cristãos já tinham representado Pedro e Paulo como intercessores dos santos no paraíso, mas neste caso, a iconografia de Santo Inácio, como Geral da sociedade de Jesus, é assimilada à de São Pedro, o primeiro Papa. São Francisco Xavier, no entanto, o Apóstolo das terras distantes é comparado ao Apóstolo do povo, dos gentios. Na cúpula, os dois santos jesuítas concluem um itinerário vertical que partiu dos seus respectivos altares para os lados do transepto. O altar de Santo Inácio conserva o corpo do fundador, enquanto o altar de São Francisco conserva o braço com que o santo baptizou milhares de pessoas na Índia e no Extremo Oriente.

Outros frescos de Baciccia, dignos de nota, são o do Arco do Presbitério, no qual o nome de Jesus é comparado a uma "música para ouvir", e o da Ábside, no qual os 24 Anciãos do Apocalipse apresentam ao Cordeiro imolado as orações dos fiéis sob a forma de incenso. Até os pendentives são dignos de nota. Em particular, os dois que olham para o espetador que entra na igreja representam, respetivamente, os guerreiros de Israel, à esquerda, e os profetas, à direita. É uma outra maneira de dizer que estamos na presença de "Moisés e dos profetas" ou "Moisés e Elias" e, portanto, estamos no Monte da Transfiguração.

O conjunto da igreja transmite uma sensação de harmonia e acolhimento devido às linhas arquitectónicas que respeitam a proporção áurea da secção e também porque os jesuítas impuseram ao arquiteto uma nave única (chamada igreja "ad aula") para facilitar a pregação.

2.- Os quartos de Santo Inácio

Este é o local onde Santo Inácio passou os últimos anos da sua vida. A partir daqui, enviou cerca de 7000 cartas, na sua maioria a jesuítas de todo o mundo. Ele, que tinha viajado muito pelas ruas da Europa e que durante anos assinou as suas cartas como "o pobre peregrino Inácio", continuou a sua peregrinação interior neste lugar, procurando de todas as formas fazer a vontade de Deus. As cartas escritas neste lugar imploram sempre a Deus para obter "o dom do reconhecimento da sua vontade e a força para a viver".

Neste lugar, Inácio escreveu também as Constituições da Sociedade de Jesus. E foi aqui que Inácio "nasceu para o céu", a 31 de julho de 1556, repetindo o nome de Jesus. O seu quarto foi transformado numa capela com uma pequena varanda. E desta janela ou de outra janela próxima da varanda, Inácio rezava com abundantes lágrimas contemplando o céu estrelado.

Em 1682, o irmão jesuíta Andrea Pozzo decorou o corredor exterior aos quartos de Santo Inácio. É considerado o mestre das "ilusões de ótica", técnica que utilizou amplamente para decorar este local. Estes truques obrigam o espetador a encontrar o ponto exato onde pode observar os frescos em plena harmonia. Nota-se que, para observar o mundo na perspetiva correta, é necessário colocar-se na "flor" representada no chão, entre os dois "olhos estilizados". Esta flor simboliza Cristo, o único "ponto de vista" e a única Verdade.

3.- Igreja de Santo Inácio

A Igreja de Santo Inácio foi construída em 1626 como igreja para os estudantes do adjacente "*Collegio Romano*", a instituição jesuíta de ensino superior em Roma. O arquiteto foi o matemático jesuíta Orazio Grassi. A maior parte da decoração interior foi realizada pelo irmão jesuíta Andrea Pozzo a partir de 1685. A pintura da abóbada central representa, através de uma "ilusão de ótica", um céu aberto com uma arquitetura que dá a impressão de que o céu e a terra estão unificados. É a definição de oração que Pozzo dá através de uma imagem.

No centro geométrico da nave, reconhecemos Cristo carregando a Cruz. Dela sai um raio de luz que atinge o peito de Santo Inácio e, através deste último, o raio divide-se em quatro raios que atingem os quatro continentes situados nos quatro cantos da Igreja. É a alegoria da missão da sociedade de Jesus que espalha a luz de Cristo pelos quatro cantos do mundo. As numerosas chamas representadas no fresco remetem para o fogo do espírito, que desce à terra num novo Pentecostes. Fazem também alusão ao nome de Santo Inácio (da palavra latina "Ignis"). Não é por acaso que em ambos os lados da abóbada se lê o versículo de Lucas 12, 49: "Eu vim para incendiar o mundo, e gostaria que ele já estivesse a arder". Até hoje, os jesuítas referem-se à sua missão como "um fogo que acende outros fogos".

Ao lado da abóbada, Pozzo concebe a famosa cúpula falsa pintada numa tela bidimensional que engana o espetador. Baseia-se em quatro pendentes onde quatro figuras fracas do Antigo Testamento são representadas de forma a que a sua fragilidade se torne o instrumento de Deus que salva o Seu povo, como David contra Golias, Sansão ou Judite.

Os altares laterais do transepto são dedicados à devoção dos santos jesuítas que estudaram no *Colégio Romano*. À esquerda, está sepultado João Berchmans, conhecido pela sua capacidade de encontrar o Senhor nas situações comuns da sua vida. Ele encarna a última graça dos Exercícios espirituais: "procurar e encontrar Deus em todas as coisas". O altar da direita é dedicado a São Luís Gonzaga, um jovem jesuíta em formação que, durante os seus anos de teologia, ajudou as vítimas da peste e contraiu ele próprio a doença que o levou à morte.

Na abside nota-se a alegoria da morte de Inácio, na presença de todos os pobres da cidade de Roma que Inácio tinha ajudado. Ele costumava chamar aos pobres "os melhores amigos do Rei Eterno". São eles, e não outras grandes obras, que levam Inácio para o Céu. O fundo arquitetónico desta imagem da abside recorda o célebre fresco da "escola de Atenas" que Rafael Sanzio tinha pintado quase dois séculos antes nas "Salas do Vaticano". Mas na Igreja de Santo Inácio, em vez dos filósofos que Rafael coloca nas escadas e nos arcos monumentais, vemos os pobres de Roma. A imagem parece sugerir que são eles os verdadeiros "filósofos". Eram eles os verdadeiros "mestres" de Inácio.

Uma oração para a liberdade espiritual

Ó Espírito de Deus, pedimos-te que nos ajudes
a orientar todas as nossas acções pelas tuas
inspirações,
que as levem a cabo com a vossa assistência,
que todas as nossas orações e obras
que comece sempre de ti e
através de ti tenha um final feliz.

Centro dos nossos corações

Ó Deus, que fazeis para vencer a terrível
dureza dos nossos corações? Senhor, tens
de nos dar corações novos, corações
ternos, corações sensíveis,
para substituir os corações de mármore e de bronze.
Tens de nos dar o teu próprio Coração, Jesus.

Vem, Coração amável de Jesus.
Coloca o teu Coração no centro dos nossos corações e
acende em cada coração uma chama de amor
tão forte, tão grande, como a soma de todas as razões que tenho para te amar, meu Deus.
Ó Coração Santo de Jesus,
habitai escondido no meu
coração,
para que eu viva só em ti e só para ti,
para que, no fim, eu possa viver eternamente convosco no céu. Amém.

-São Cláudio La Colombiere SJ (1641-1682) confessor de Santa Margarida Maria Alacoque. Foi um missionário e a s c e t a que deixou um grande número de escritos.

Algumas notas finais?



Vigília de Nossa Senhora após Ignacio

"Em Manresa, estava habituado a ouvir missa todos os dias e a assistir às Vésperas e às Completas, que o consolavam muito. Durante a Missa, **lia sempre a história da Paixão**, e a sua alma enchia-se de um sentimento alegre de calma ininterrupta." *Autobiografia de Santo Inácio, capítulo 2, 20.*

Oração em Montserrat, perto de Nossa Senhora de Montserrat - a Moreneta

Caminhamos com Maria e Inácio seguindo Jesus na sua Via Sacra

(Reflexões de "The Way of Cross" de Hans-Urs Von Balthasar, e o Ministério Colaborativo de www.creighton.edu)

Maria leva-nos através da Paixão de Cristo: juntamo-nos a Maria para uma reflexão sobre as Estações, enquanto ela nos guia através das Estações com os seus olhos de então e com os seus olhos de agora

ORAÇÃO INICIAL (em conjunto)

Fazei, Senhor, que na nossa contemplação do mistério da vossa Paixão não
fujamos do essencial.
Ajuda-nos a contemplar o teu
amor eucarístico,
o vosso amor crucificado como a única realidade necessária para compreender
todas as outras, como a única realidade a partir da qual
todos os outros recebem luz e claridade.

Pedimos-vos isto por intercessão de
daquele que tinha o olho para ver todas as coisas essenciais: Maria, tua mãe.

-Carlo Maria Martini SJ (1927-2012), Oração a Maria para compreender a Cruz

ORAÇÃO DE ABERTURA

Senhor Jesus Cristo, todos os dias recebemos na sagrada Eucaristia o corpo e o sangue que nos deixaste como memorial da tua paixão e morte na cruz. Muitas vezes não pensamos quanto vos custou este grande dom à vossa Igreja. Tu nos aceitas com o mesmo amor com que abraçaste a cruz. Dai-nos agora a coragem de seguir com reverência as vossas pegadas, para que possamos vir a partilhar os frutos da vossa redenção.

Pai santo e misericordioso, fazei que percorramos o caminho da cruz na fé e no amor, para participarmos na paixão de Cristo e alcançarmos com ele a glória do vosso Reino. Pedimos-te isto através do teu filho Jesus Cristo. Amém.

A Primeira Estação: Jesus é condenado à morte

V/ Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.

R/ Porque pela vossa santa cruz redimistes o mundo.

"Pilatos, querendo agradecer à multidão, soltou-lhe Barrabás e entregou Jesus, depois de o ter açoitado, para ser crucificado."
(Mc 15,15)

O Meu Filho apresentou-se perante Pilatos como um homem inocente. Mas, ao longo da sua vida, ele entrou cada vez mais profundamente na condição de carne pecadora. Não bastava ter nascido de uma mãe humana como Eu. Ele cresceu em

obscuridade em Nazaré. E, lá, sempre o julgaram. Julgaram sempre que não era correto o facto de ele ter sido concebido antes de eu e José casarmos. Mesmo quando começou o seu ministério público, os líderes religiosos não o aceitaram. O seu reflexo de Deus não se encaixava na imagem que eles tinham de Deus. Por fim, os seus próprios seguidores abandonaram-no. Nunca imaginei que ele tivesse de ser solidário com prisioneiros espancados e torturados, mas foi o que aconteceu. Nunca esquecerei o sangue que derramou e a dor que sentiu às mãos dos guardas romanos. Jesus começou esta viagem tornando-se um com cada pessoa impotente, escarnecida e ridicularizada pelos outros. Não fez nada que merecesse a pena capital, nem os maus tratos que lhe foram infligidos.

O seu "sim" - a sua entrega à vontade de Deus - acabou por destruir o poder do pecado e da morte. Enquanto ele crescia, eu dizia-lhe muitas vezes que tinha sido agraciada com a graça de dizer "faça-se em mim segundo a tua palavra". Nunca poderia imaginar que esta seria a espada que acabaria por atravessar o meu coração: ver o meu Filho dizer Sim a Deus, de forma tão completa e plena, para a salvação do mundo.

Agora que ele está condenado à morte, reflectam comigo sobre cada estação do seu caminho - entrando cada vez mais completamente na nossa humanidade e na própria morte. Peçamos a graça de Deus de estar com ele e de o acompanhar no seu caminho para o compreender melhor e agradecer melhor o seu dom.

Silêncio // Pai Nosso...

V/ Na cruz, a Mãe chorando, junto de Jesus
até ao fim.

A Segunda Estação: Jesus carrega a sua cruz

V/ Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.

R/ Porque pela vossa santa cruz redimistes o mundo.

"Saiu, levando a sua cruz, para o lugar chamado "Lugar da Caveira", que em hebraico se chama "Gólgota"

(Jo 19,17)

O meu Filho foi obrigado a carregar a cruz na qual seria pregado, ridicularizado e executado. Devemos parar aqui para nos lembrarmos do que ela representa. Nesta viagem, ele carrega o peso de todas as nossas cruces, todo o nosso sofrimento sem sentido e o peso de todo o pecado do mundo - passado, presente e futuro. Cada passo que ele dava cortava-lhe profundamente os ombros, já de si muito maltratados. Não podia acreditar que ele conseguisse dar alguns passos.

Podemos olhar para trás e recordar que tudo isto é para nós. Cada um de nós pode dizer que foi "por mim". Ao imaginarmos cada passo que ele dá, podemos fazer uma pausa para dizer "obrigado", com as nossas próprias palavras, no fundo do nosso coração.

Silêncio // Pai Nosso...

V/ Através do coração dela, a sua dor
partilhando, Toda a sua amarga angústia
carregando,
Agora, finalmente, a espada tinha passado.

A Terceira Estação: Jesus cai pela primeira vez.

V/ Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.

R/ Porque pela vossa santa cruz redimistes o mundo.

"Em verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só. Mas se morrer, dará muito fruto". (Jo 12,24)

Mal consigo exprimir-vos o que foi ver o meu Filho cair sob o peso daquela cruz. Tudo dentro de mim queria fazê-los parar. Isto já era demasiado. Mas não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser vê-lo estendido no chão.

Claro que agora sei que, se ele quisesse entrar completamente nas nossas vidas, teria de se render ao peso esmagador dos fardos que tantos sofrem no seu mundo. Todos os homens da terra que são dominados por fardos injustos saberão sempre que, deitado no chão, Jesus sabia e compreenderia sempre a sua impotência. Incapaz de se levantar, ele entrou e compreende para sempre o nosso cansaço e tudo o que nos derrota injustamente.

Compreendo a sua tristeza e sentimento de culpa ao refletir sobre o caminho do meu Filho até ao Calvário. Por favor, fica grato. O meu Filho quer simplesmente que nos lembremos de como ele nos amou na altura e nos ama agora. Isto tem tudo a ver com a sua misericórdia e com o dom da vida que temos nele.

Silêncio // Pai Nosso...

V/ Oh, como estava triste e
angustiada aquela Mãe tão
abençoada
Do único gerado!

A Quarta Estação: Jesus encontra a sua mãe.

V/ Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.

R/ Porque pela vossa santa cruz redimistes o mundo.

"Disse Simeão a Maria, mãe de Jesus: "Eis que este menino foi posto para queda e elevação de muitos em Israel, e para sinal de que se fala contra ele. Sim, uma espada trespassará a tua própria alma, para que sejam revelados os pensamentos de muitos corações." (Lc 2,34-35)

Enquanto eu empurrava e me empurrava para passar por entre a multidão e estar o mais perto possível do meu Filho, chegámos a um sítio na estrada onde ele parou. Ele viu-me. E olhámos nos olhos um do outro. Eu não queria que ele visse as minhas lágrimas ou conhecesse a minha dor, mas há muito que aceitei o quão profundamente ele me conhecia. O amor do meu coração derramou-se no único abraço que lhe podia dar. Os meus lábios rezaram calmamente a oração que ele nos ensinou: "Pai, que venha o teu Reino e seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu." Ele acenou ligeiramente com a cabeça, respirou fundo e continuou a subir a colina. A espada que atravessava o meu coração tinha abençoado a sua missão, e eu sabia que ele o sabia.

Agradeçam-lhe comigo, mesmo agora, o facto de ele ter assumido essa missão por nós. Agradecer-lhe por ter provado a separação e a perda que todas as pessoas no mundo conhecem quando perdem um ente querido. E compreendeu o coração de todas as mães amorosas que sofrem com o sofrimento dos seus filhos. Ele tornou-se tão completamente um connosco.

Silêncio // Pai Nosso...

V/ Cristo acima em tormento pende,
Ela abaixo contempla as dores Do
seu glorioso Filho moribundo.

A Quinta Estação: Simão ajuda Jesus a carregar a sua cruz.

V/ Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.

R/ Porque pela vossa santa cruz redimistes o mundo.

"Obrigaram um homem que passava, vindo do campo, Simão de Cirene, pai de Alexandre e de Rufo, a ir com eles, para que levasse a sua cruz." (Mc 15,21)

Agora reflecta comigo sobre o que deve ter sido para o meu Filho simplesmente não conseguir carregar a cruz sozinho. Fiquei tão aliviado por ele estar a ser ajudado naquela altura, embora o meu coração estivesse com Simão, que foi atraído para o caminho de Jesus.

Ao olharmos para trás, podemos dar graças por Jesus ter entrado na nossa vida, mesmo neste gesto de ajuda. Jesus veio para conhecer a experiência de todos nós, que temos de depender dos outros, que não podemos fazer tudo sozinhos. Mesmo nesta última viagem, Jesus não teria sequer a satisfação de o poder fazer sozinho.

Façamos uma pausa para lhe exprimirmos agora o que nos vai no coração. Silêncio //

Pai nosso...

V/ Haverá alguém que não chore, Atolado
em misérias tão profundas,
A querida Mãe de Cristo para contemplar?

A Sexta Estação: Verónica limpa o rosto de Jesus.

V/ Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.

R/ Porque pela vossa santa cruz redimistes o mundo.

"Ele não tem boa aparência nem majestade. Quando o vemos, não há beleza que nos leve a desejá-lo. Ele foi desprezado e rejeitado pelos homens; um homem de sofrimento e familiarizado com a doença. Era desprezado como aquele de quem os homens escondem o rosto". (Is 53,2-3)

Não consigo descrever a cara dele, com o sangue e o suor, as nódoas negras e o inchaço provocados pelas pancadas. Como mãe, mal posso dizer-vos que até lhe cuspiram na cara. Era o rosto da solidariedade com todos os que já sofreram abusos e violência. Depois, do meio da multidão, apareceu uma mulher cuja compaixão pelo meu Filho era tão grande que passou pelos soldados romanos e limpou-lhe o rosto com o seu véu. Oh, como a amei por isso. O olhar entre eles tocou-me profundamente. O seu rosto limpo, por um momento, revelou o rosto amoroso do Filho que eu amava.

Enquanto ele sorria para a mulher e prosseguia o seu caminho, nós que estávamos por perto olhámos para o seu véu e vimos o presente que ele lhe tinha dado. Ali, no seu véu, estava uma imagem deslumbrante, um verdadeiro ícone do preço do seu sacrifício e da profundidade da sua solidariedade para com todos os que sofrem. Esta imagem é o seu dom para sempre, para contemplarmos sempre a sua semelhança, a sua união connosco nas nossas piores rejeições e sofrimentos.

Ao recordarem comigo como o seu rosto estava tão coberto de castigo e violência, agradeçamos a sua solidariedade para connosco em todos os aspectos da nossa vida.

Silêncio // Pai Nosso...

V/ Poderá o coração humano
abster-se De participar na sua
dor, Na dor indizível dessa
Mãe?

A Sétima Estação: Jesus cai pela segunda vez.

V/ Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.

R/ Porque pela vossa santa cruz redimistes o mundo.

"Jesus disse-lhes: "A minha alma está profundamente triste, até à morte." ... Jesus adiantou-se um pouco, prostrou-se por terra e rezou para que, se possível, passasse dele aquela hora." (Mc 14,34-35)

Quando o meu filho caiu pela segunda vez, o meu coração afundou-se quando ele pareceu perder o controlo, tropeçar e cair no chão. A forma como caiu de joelhos sobre as pedras duras fez-me sentir a dor aguda em todo o meu corpo. Sem poder ajudá-lo, perguntei-me novamente se ele conseguiria sobreviver.

Ao olhar hoje para trás convosco, imagino que esta queda o colocou junto de pessoas com deficiências, de pessoas que sofrem de todo o tipo de doenças físicas que as enfraquecem, e de todos os que estão a envelhecer e têm de enfrentar os limites do seu corpo. A minha oração é que todo o povo de Deus, que conhece o sofrimento destas deficiências, saiba que pode sempre recorrer ao meu Filho para obter compreensão e conforto.

Com a gratidão no coração, procuramos por alguns instantes as palavras para lhe exprimir os nossos sentimentos.

Silêncio // Pai Nosso...

V/ Ferida, escarnecida, amaldiçoada,
profanada Ela contemplou o seu
terno Filho
Todos com flagelos ensanguentados.

A oitava estação: Jesus encontra-se com as mulheres de Jerusalém.

V/ Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.

R/ Porque pela vossa santa cruz redimistes o mundo.

"Seguia-o uma grande multidão do povo, incluindo mulheres que também o choravam e lamentavam. Mas Jesus, voltando-se para elas, disse: "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, mas chorai por vós mesmas e pelos vossos filhos". (Lc 23,27-28)

Esta cena comovente encheu o coração da minha mãe de ainda mais amor por ele. Como eu o tinha visto confortar tantos grupos de pessoas durante a sua vida, agora ele conforta este grupo de mulheres e crianças em Jerusalém. Elas não estão aqui para o condenar. Que encontro extraordinário. Tentam confortá-lo, enquanto ele os olha com amor e compaixão. Durante o seu ministério, ele tinha vindo para chorar por Jerusalém. Agora, o meu filho dá-lhes uma missão especial. Em breve compreenderiam que o sofrimento que testemunharam tão de perto era para eles. Em breve iriam testemunhar o sofrimento de Jerusalém e teriam a oportunidade de levar a sua compaixão e fé aos seus filhos e ao povo da sua cidade.

É bom refletir aqui, com ele, sobre a missão que cada um de nós tem e que pode ser moldada por este encontro com o seu sofrimento, morte e ressurreição "por mim". Agradecer-lhe por este breve momento para recordar o dom que recebemos.

Silêncio //

Ó Maria, nossa mãe,
também tu choraste e
lamentaste no Calvário com as
mulheres
de Jerusalém.

Não choras por ti mesmo, porque, na
fé e na obediência, fizeste a vontade
do Pai;
nem te lamentaste por

a morte do vosso Filho,
inocente e santo.

Em vez disso, choram pelos
pecados dos vossos filhos.
Vimos as vossas lágrimas,
ouvimos os vossos avisos e súplicas:
"não suprimam a verdade,
não persigais os inocentes,
não sufoqueis o amor".

Pai Nosso...

V/ Deixai-me partilhar convosco a
sua dor Quem por todos os meus
pecados foi morto Quem por
mim em tormento morreu.

A Nona Estação: Jesus cai pela terceira vez.

*V/ Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.
R/ Porque pela vossa santa cruz redimistes o mundo.*

"Vinde a mim, todos vós que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve". (Mt 11, 28-30)

Lembrar-me-ei sempre desta última queda. Depois de ter sofrido tanta pancada e de ter perdido tanto sangue, o meu filho desmaia simplesmente. Vi-o estendido no chão e pensei que estava morto. Com os braços estendidos e o rosto na terra, Jesus viu-se solidário com todos os que caem de qualquer maneira.

Contemplando a forma como os soldados puxaram Jesus para cima e o obrigaram a dar os últimos passos até ao Calvário, dedique alguns momentos a falar com ele, expressando a sua gratidão pela sua compreensão por cada fraqueza ou fracasso que já experimentou.

Silêncio // Pai Nosso...

V/ Ó minha Mãe, encontrada de amor,
Toca o meu espírito do alto; Faz com
que o meu coração esteja de acordo
contigo.

A décima estação: Jesus é despido.

*V/ Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.
R/ Porque pela vossa santa cruz redimistes o mundo.*

"Crucificando-o, repartiram entre si as suas vestes, lançando sortes sobre elas, para ver o que cada um levava." (Mc 15:24)

A espada atravessou de novo o meu coração ao ver o meu filho ser violado desta forma. Pretendiam envergonhá-lo ainda mais, executando-o nu. Tinham simplesmente de o despojar de qualquer dignidade que pudesse restar a um ser humano. Lembro-me de olhar para este corpo que eu tinha banhado e cuidado, agora com todas as feridas reabertas e a sangrar, tão exposto para toda a gente ver. Agora vejo todas as pessoas no mundo que são vulneráveis e sem qualquer defesa, todas aquelas cuja dignidade é violada, e vejo este ato de despojamento como colocando o meu filho tão completamente com aqueles que sofrem. A sua encarnação estava prestes a completar-se.

Por favor, faça uma pausa para expressar o que está no seu coração e para lhe dar graças por tudo isto, para que possa ser livre do poder do pecado e da morte.

Silêncio // Pai Nosso...

V/ Faz-me sentir como tu sentiste,
Faz a minha alma brilhar e
derreter-se Com o amor de Cristo,
meu Senhor.

A décima primeira estação: Jesus é pregado na cruz.

V/ Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.

R/ Porque pela vossa santa cruz redimistes o mundo.

"Era a terceira hora, e crucificaram-no. A inscrição da sua acusação estava escrita sobre ele: "O REI DOS JUDEUS". 27 Com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda." (Mc 15,25-27)

Hoje, quando me lembro dele deitado na cruz, com os braços estendidos, é o som do martelo a bater nos pregos que fica comigo. Lembro-me de ter tirado a primeira de muitas lascas de madeira dos seus dedos, quando era criança e trabalhava na oficina de José. Contra as suas preciosas mãos e pulsos, que tocaram e curaram tantos, foi colocado um prego, e um martelo bateu o prego através da sua carne e na madeira da cruz. O som - metal contra metal - aquele toque - e o olhar no seu rosto - o espasmo de todo o seu corpo - nunca esquecerei. Depois, a outra mão e finalmente os pés são pregados na cruz.

Passa algum tempo com ele agora, imaginando como o levantaram na cruz, ali pregado, para que pudesses ser livre.

Silêncio // Pai Nosso...

V/ Santa Mãe, trespassa-me; No meu
coração cada ferida renova Do meu
Salvador crucificado.

A Décima Segunda Estação: Jesus morre na cruz.

V/ Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.

R/ Porque pela vossa santa cruz redimistes o mundo.

"Quando chegou a hora sexta, houve trevas em toda a terra até à hora nona. À hora nona, Jesus clamou em alta voz, dizendo: "Eloi, Eloi, lama sabachthani?", que, interpretado, quer dizer: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" Alguns dos que estavam ali, ao ouvirem isto, disseram: "Eis que ele está a chamar Elias." Um deles correu e, enchendo uma esponja de vinagre, pô-la numa cana e deu-lha a beber, dizendo: "Deixa-o estar. Vamos ver se Elias vem para o derrubar." Jesus gritou em alta voz e entregou o espírito. O véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo. Quando o centurião, que estava diante dele, viu que ele gritava assim e dava o último suspiro, disse: "Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus!" (Mc 15,33-39)

A espada da impotência partiu-me o coração em dois ao vê-lo lutar para respirar, puxando-se para cima para deixar sair o ar dos pulmões. Com uma coragem e uma compaixão incríveis, falou de misericórdia e de amor. Ali, naquela cruz, deu-me a João e deu-me à Igreja cheia do Espírito que nasceria no Pentecostes. Depois de se ter entregado nas mãos de Deus uma última vez, deu o seu último suspiro e morreu. É inesquecível ver a vida deixar o corpo de alguém que amamos.

Hoje, aos pés da sua cruz, escutai o meu filho falar-vos do seu amor por vós. Fala-lhe com o teu coração. Silêncio

//

Santa Maria, Virgem da Cruz:
pela árvore da vida, sois a própria humanidade:
obedientes e fiéis, receptivos à palavra,
decididos e cumpridores, abertos ao Espírito.

Revela-nos o mistério da "Hora" do teu Filho:
da sua glória na desgraça,
da sua majestade no
serviço, da nossa vida na
sua morte.

Mas é também a vossa "Hora", ó Virgem Maria:
a hora do nascimento - na fé, na dor, no Espírito; para
esse novo nascimento, Jesus, morrendo na cruz,
disse: "Mulher, eis o teu filho".

Pai Nosso...

V/ Pelos pecados da sua própria
nação Ela viu-o enforcado na
desolação Até que o seu espírito
foi enviado.

A décima terceira estação: Jesus é retirado da cruz.

V/ Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.

R/ Porque pela vossa santa cruz redimistes o mundo.

"Estavam junto à cruz de Jesus sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena... Vieram os soldados e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele fora crucificado; mas, quando chegaram a Jesus e viram que já estava morto, não lhe quebraram as pernas. No entanto, um dos soldados trespassou-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água... Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus, mas oculto por medo dos judeus, pediu a Pilatos que lhe permitisse levar o corpo de Jesus. Pilatos deu-lhe autorização. Veio, pois, e levou o seu corpo". (Jo 19,25.32-34.38)

Esperámos o que pareceu ser muito tempo até termos autorização para tirar o seu corpo sem vida daquela cruz. E demorou tanto tempo para remover os pregos, e para finalmente baixar o seu corpo até o chão. Alguém retirou da sua cabeça aquela horrível coroa de espinhos. Puxaram-lhe o cabelo para trás e limpavam-lhe o rosto, antes de me deixarem segurar o seu corpo uma última vez. Ele tinha-me sido dado por pouco tempo. Quando ele saiu de casa, três anos antes, eu estava tão orgulhosa dele e entusiasmada por experimentar o que Deus faria através dele. Ali, aos pés da cruz, com o coração dilacerado pela dor, mas sempre confiante na promessa de Deus, pedi apenas para ser a serva de Deus para o que estava para vir. Depois da Ascensão, quando nos reuníamos em casa para a Fração do Pão, eu segurava de novo o seu corpo despedaçado nas minhas mãos, agora cheia de consolação por a sua promessa se ter cumprido: ele estaria sempre conosco.

Deixem-se juntar a mim na receção deste mistério da morte de Jesus, tão real e completa. Conhecendo o resto da história, junta-te a mim para falar com ele, de coração para coração, sobre a nossa gratidão pela forma como ele transformou o poder da morte.

Silêncio //

Santa Maria,
no teu seio virginal, jaz o
teu Filho morto;
sois a *pieta* viva, que
abraça maternalmente
todos os vossos filhos
perdidos,
os feridos e os mortos.

Ensina-nos, ó Maria,
como mostrar a verdadeira
compaixão, uma compaixão
alimentada
apenas pelo amor;
essa imensa compaixão que
não tem limites; compaixão
ativa que - olhando para o
sofrimento humano -
ergue os olhos suplicantes para o céu.

Pai Nosso...

V/ Deixai-me misturar convosco as
lágrimas Chorando aquele que chorou
por mim, Todos os dias que eu possa
viver.

A décima quarta estação: Jesus é depositado no túmulo.

V/ Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos.

R/ Porque pela vossa santa cruz redimistes o mundo.

"Quando o centurião soube disso, entregou o corpo a José. Comprou um pano de linho e, tirando-o para baixo, enrolou-o no pano e depositou-o num túmulo escavado numa rocha. Rolou uma pedra contra a porta do túmulo. Maria Madalena e Maria, mãe de José, viram onde ele fora posto". (Mc 15,45-47)

Nenhuma mãe deveria ter de enterrar um filho. Pouco tempo antes deste dia, Jesus olhou para o túmulo de Lázaro. Ele devia saber que em breve seria sepultado num túmulo como aquele. E quando agradeceu a Deus por ter ouvido a sua oração, deve ter sabido que o Pai que o enviou lhe daria uma vida que nunca morreria. Em apenas alguns dias, este túmulo estaria vazio e seria para sempre um sinal da rendição de Jesus às forças do pecado e da morte, por nós.

Ao imaginarmos esta cena, coloquemos diante dos nossos olhos a imagem do túmulo vazio. Sempre que fores tentado a ficar do lado de fora de qualquer túmulo e a lamentar-te, lembra-te deste túmulo vazio e sabe que, através dos olhos da fé, todos os túmulos estão vazios. Hoje, juntem-se a mim para lhe dar graças. Juntai-vos a mim para nos assinarmos com o sinal da sua cruz, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Silêncio // Pai Nosso...

V/ Enquanto o meu corpo aqui se decompõe,
Que a minha alma louve a vossa
bondade, segura no paraíso convosco.
Amém.

Oração de encerramento (em conjunto)

Santa Maria, minha Rainha, eu recomendo-me
para a vossa bendita proteção e guarda especial, e
para o seio da vossa misericórdia,
hoje e todos os dias e na hora da minha morte.
Recomendo-vos a minha alma e o meu corpo.
Confio-vos a minha esperança e a minha consolação,
a minha angústia e a minha miséria, a minha vida e o seu fim.
Pela vossa santíssima intercessão
e que, pelos vossos méritos, todas as minhas acções
sejam dirigidos segundo a vossa vontade e a do vosso Filho. Amém.

A minha mãe, de São Luís Gonzaga SJ (1568-91), veio de um meio nobre para se tornar jesuíta. Durante os seus estudos, pedia esmolas aos atingidos pela peste e trabalhava diretamente com os doentes. Morreu depois de ter sido infetado com a doença.

Glória a Deus...
Nossa Senhora de Montserrat...
Santo Inácio de Loyola...

